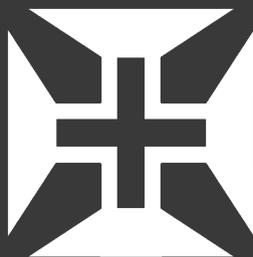


ARLINDO VEIGA DOS  
SANTOS

IDÉIAS  
QUE MARCHAM  
NO SILÊNCIO..



MMXXI



---

AÇÃO ORLEANISTA

---



MMXXI



# IDÉIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO...

ESCRITO POR  
ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

*re-edição da versão original  
de 1962*

EDITADO E DISPONIBILIZADO  
PELA AÇÃO ORLEANISTA

Todos os direitos reservados ao Departamento de Revisão, Reedição e Diagramação da Ação Orleanista pela organização e compilação dos textos a serem apresentados a seguir.

Todos os direitos desta edição reservados à  
AÇÃO ORLEANISTA.  
Rio de Janeiro, RJ. Brasil  
[contato@orleanismo.org](mailto:contato@orleanismo.org)  
[www.orleanismo.org](http://www.orleanismo.org)

MMXXI

# SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>PREFÁCIO DO PROF. J. P. GALVAO DE SOUSA.....</b>            | <b>11</b> |
| <i>Manifesto Imperial sôbre à desorientação política.....</i>  | <i>14</i> |
| <i>As idéias que marcham no silêncio.....</i>                  | <i>24</i> |
| <i>Apêlo aos homens de fé.....</i>                             | <i>29</i> |
| <i>Aspecto irónico das utopias democráticas.....</i>           | <i>32</i> |
| <i>Vitória dos homens - derrota do regimen.....</i>            | <i>34</i> |
| <i>A História continua ensinando.....</i>                      | <i>39</i> |
| <i>A superstição constitucional.....</i>                       | <i>44</i> |
| <i>Visita dentro da família.....</i>                           | <i>49</i> |
| <i>Carta ao Brasil pobre.....</i>                              | <i>51</i> |
| <i>Urge liquiidar a desastrosa "regência" republicana.....</i> | <i>55</i> |
| <i>O Patrianovismo e o Mundo Árabe.....</i>                    | <i>58</i> |
| <i>Patrianovismo em marcha.....</i>                            | <i>63</i> |
| <i>Sem Rei não há união nacional.....</i>                      | <i>67</i> |
| <i>O fenómeno social da adesão.....</i>                        | <i>71</i> |
| <i>República - oportunidade para qualquer um.....</i>          | <i>73</i> |
| <i>Definições.....</i>   | <i>76</i> |
| <i>A Nação na concepção patrianovista.....</i>                 | <i>80</i> |
| <i>Apêlo à intelligência e à vontade.....</i>                  | <i>81</i> |
| <i>Afirmiação da idéia pragmatística.....</i>                  | <i>85</i> |
| <i>Bases da educação.....</i>                                  | <i>91</i> |
| <i>República - desgraça no Brasil e em todo o mundo.....</i>   | <i>97</i> |

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| <i>Ao sabor do tempo</i> .....     | 99  |
| <i>Salvação do Brasil</i> .....    | 106 |
| <i>Brincando sério</i> .....       | 111 |
| <i>Disciplina nacional</i> .....   | 114 |
| <i>Bons-bocados</i> .....          | 117 |
| <i>Num comício</i> .....           | 119 |
| <i>Contra</i> .....                | 122 |
| <i>Salvação da República</i> ..... | 128 |

## **PONDERAÇÕES, COMENTÁRIOS E NOTAS**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>VÁRIA MATÉRIA</b> .....                                    | <b>14</b> |
| <i>A "barateza" da república</i> .....                        | 31        |
| <i>Aos "300 de Gedeão"</i> .....                              | 32        |
| <i>Cristo e o Rei</i> .....                                   | 38        |
| <i>Patrianovismo – O que é Pátria-Nova</i> .....              | 44        |
| <i>Pretensão ridícula</i> .....                               | 54        |
| <i>Cristo Rei</i> .....                                       | 62        |
| <i>Brasileiro, alerta!</i> .....                              | 66        |
| <i>Síntese sociológica do poder</i> .....                     | 70        |
| <i>Tradição</i> .....   | 85        |
| <i>Doutrina</i> .....   | 90        |
| <i>Estranjeiridade das instituições republicanas</i> .....    | 95        |
| <i>É difícil fazer a Monarquia</i> .....                      | 96        |
| <i>A originalidade brasileira</i> .....                       | 99        |
| <i>Congelamento</i> .....                                     | 105       |
| <i>O povo e o voto</i> .....                                  | 110       |
| <i>Entre a cruz e a caldeirinha</i> ..... ;                   | 110       |
| <i>Desafio à coragem e generosidade dos brasileiros</i> ..... | 112       |
| <i>Com república... nada!</i> .....                           | 113       |
| <i>Partidos</i> .....   | 113       |
| <i>Os republicanos ignoram a História</i> .....               | 116       |
| <i>Prioridades</i> .....                                      | 119       |

|  |            |
|--|------------|
| <i>Liberticidas</i> .....  | 122        |
| <i>Afirmações chocantes</i> .....  | 122        |
| <i>A república democrática e a gente pobre</i> .....   | 128        |
| <i>O verdadeiro valor do brasileiro</i> .....  | 129        |
| <b>A VARIEDADE DELEITA</b> .....   | <b>130</b> |
| <i>Verdade histórica</i> .....   | 130        |
| <i>Formas de govêrno</i> .....   | 131        |
| <i>Republicanism e Patrianovismo</i> .....   | 131        |
| <i>Pobre do povo! Pobres dos pobres!</i> .....   | 132        |
| <i>A Virgem Santíssima e a A.I.P.B.</i> .....  | 133        |
| <i>Servilismo republicano</i> .....  | 133        |
| <i>Nossas supremas entidades</i> .....   | 134        |
| <i>Desnorteamento</i> .....  | 135        |
| <i>Democracia</i> .....  | 135        |
| <i>Ladrões e bandidos em cena</i> .....  | 136        |
| <i>A sarabanda dos mitos</i> .....   | 137        |
| <i>Economia realista</i> .....   | 137        |
| <i>É tarde... muito tarde!</i> .....   | 138        |
| <i>Brasileiro! é preciso reagir!</i> .....   | 138        |
| <i>Lição para os covardes</i> .....  | 139        |
| <i>Tolices republicanas</i> .....  | 139        |
| <i>Politica e educação</i> .....   | 140        |
| <i>Opinião e ciencia</i> .....   | 141        |
| <i>Dinastias</i> .....   | 141        |
| <i>Frivolidade</i> .....   | 142        |
| <i>Totalitários em cena</i> .....  | 142        |
| <i>Mais belezas republicanas</i> .....   | 143        |
| <i>"Dilúvio"</i> .....   | 143        |
| <i>Programa Patrianovista de 1928</i> .....  | 144        |
| <i>Consagração da Acção Imperial Patrianovista Brasileira ao Imaculado Coração de Maria Santíssima</i> ..... | 148        |
| <i>Desordem</i> .....  | 149        |

|  |            |
|--|------------|
| <i>Jogo de Empurra</i> .....                   | 151        |
| <i>Ilusões</i> .....                           | 152        |
| <i>Doutrina</i> .....                          | 153        |
| <i>Incoerência</i> .....                       | 155        |
| <i>Recordando</i> .....                        | 155        |
| <i>A Federação Republicana</i> .....           | 158        |
| <i>Escolha fatal</i> .....                     | 159        |
| <i>Notas doutrinárias</i> .....                | 160        |
| <i>Lição histórica</i> .....                   | 161        |
| <i>Tiranos</i> .....                           | 162        |
| <i>Conspiração internacional</i> .....         | 163        |
| <i>Quintino Bocaiuva e a tal</i> .....         | 164        |
| <i>O melhor exemplo</i> .....                  | 165        |
| <i>Absurdo</i> .....                           | 165        |
| <i>História Nacional</i> .....                 | 165        |
| <i>Ingênuos, canalhas e traidores</i> .....    | 166        |
| <i>Doutrina patrianovista</i> .....            | 168        |
| <i>Quantas monarquias há atualmente?</i> ..... | 169        |
| <i>Decadência</i> .....                        | 171        |
| <i>Partidos</i> .....                          | 173        |
| <i>Monarquia e República</i> .....             | 174        |
| <i>O mal é dos homens</i> .....                | 177        |
| <i>Partidocracia</i> .....                     | 178        |
| <i>Democracia é... comunismo!</i> .....        | 178        |
| <b>SOBRE O AUTOR</b> .....                     | <b>182</b> |
| <b>SOBRE O IMPERADOR</b> .....                 | <b>183</b> |

# PREFÁCIO

*Não adianta querer apagar nossa História. São fortes mais que o bronze os bens que têm raiz. Eis! Volta o Imperador aos clamores de "Glória!" Junto à fada do bem – a nossa Imperatriz!*

Quando Arlindo Veiga dos Santos me pediu algumas linhas à guisa de prefácio para este volume de combate, lembrei-me logo de um encontro que tivemos, há alguns anos, no ônibus Avenida. Mostrou-me ele então uns versos ainda inéditos, de sua autoria. Vinha relendo-os, e era eu a primeira pessoa a quem mostrava. Tema central de tais versos: há idéias que marcham no silêncio... Exatamente o título deste livro. Também o autor terá recordado o mesmo encontro. E talvez nisso esteja a razão de vir solicitar-me o prefácio.

É preciso ter assistido ao início de "Pátria-Nova", em 1928 para bem se avaliar da razão de ser de um título tão sugestivo.

Aquêle grupo de jovens inconformados com o regime que ia desfazendo o Brasil – que o vinha desfazendo desde 1889 – levantava-se para afirmar a crença no valor da monarquia como solução única para o nosso problema político.

Saudosistas? – Não! Tanto assim que Tristão de Ataíde, já então crítico consagrado, saudava na desassomburada afirmação daqueles

moços uma renovadora mensagem de brasilidade, uma palavra verdadeiramente nova em meio ao "deserto de idéias" que era a política brasileira. Anos mais tarde. Raul Pila, o infatigável abencerragem do parlamentarismo liberal entre nós, referindo-se a um outro pugilo de jovens que prosseguia na mesma linha de "Pátria-Nova" através do mensário "Reconquista", chamava-os de "monarquistas diferentes", admirando-se por ver que êles não queriam um retôrno ao passado, à monarquia parlamentar do nosso primeiro Império, mas sim a instauração de um regime perfeitamente compatível com os tempos novos e sobretudo com a nossa linha de formação histórica, da qual se afastara o regime monárquico constitucional de 1824.

Instauração, e não restauração – vive a dizer Veiga dos Santos. E dessa forma vai apregoando, opportune et importune, como aconselhava São Paulo a verdade política brasileira desfigurada pelas nossas elites marginais.

Todos bem conhecem a fôrça de suas convicções, a lealdade de suas atitudes, repelindo sempre todos os compromissos a arranjos, que acabam por diminuir a verdade e fazer triunfar a mentira. Numa época em que tudo parece tão pouco propício a falar-se em monarquia, Veiga dos Santos não desanima, não esmorece, não se entrega. É sempre "contra a corrente" que vai pregando uma política realista, fundada na história, na tradição e também nas realidades do nosso tempo.

Por isso não admira que muitos pontos do programa de "Pátria-Nova", lançado em 1928, viessem a ser realizados posteriormente. Lembro êstes dois; a capital no centro do Império – hoje uma realidade em Brasília – e o especial entendimento hispano-americano, em vias de realização não só pelos numerosos acordos do Brasil com os povos irmãos da América espanhola, mas ainda pelo Tratado de Amizade e Consulta entre o Brasil e Portugal. Idéias que marcham no silêncio... E que dizer da Idéia central da pregação destas páginas vibrantes de polémica? A Monarquia caiu, no Brasil, pela falta de uma doutrina. Os estadistas do Império, o próprio Imperador, de temperamento republi-

cano, não tinham sólidas convicções monárquicas, não tinham uma filosofia do regime. Hoje, volta-se a pensar na monarquia como solução, e não só no Brasil. Pois o americano Walter Lippmann não levantava a questão, há pouco tempo, mostrando na eleição do poder supremo a suprema fraqueza das democracias republicanas? As idéias caminham à frente dos homens. Honra ao mérito dos que sabem pressenti-las.

*São Paulo, julho 1960*

*José Pedro Galvão de Sousa*

# MANIFESTO IMPERIAL SÔBRE A DESORIENTAÇÃO POLÍTICA

*"Nas finanças, na administração, na justiça, na ordem política, na moralidade administrativa, na instrução, o declínio é manifesto; e só se compreende que o contestem, justamente porque o hábito da vida em desordem (na república) nos está varrendo dos espíritos os critérios que formavam a base da nossa consciência social, e, com êles, a própria sinceridade – virtude profunda e ingênita em nossos Maiores".*  
– Alberto Tôrres. (O problema nacional brasileiro, 1914).

Por atitude intuitiva da verdade política nacional, sempre evitámos os partidos, ao percebermos, na cidade fidelíssima de Ytu onde nascemos e nos criámos, a multiforme desgraça que tais ajuntamentos artificiais, impostos à Nação pelas comissões directoras do PRP (partido republicano paulista), causavam ao nosso Município, dividindo o povo em tôdas as famílias, fazendo dos bens públicos propriedades particulares e familiares, cometendo tôdas as injustiças inclusive muitas vêzes crimes de morte.

Se naturalmente a vida municipal se entende como a de vizinhos que se estimam, se entreadjudam e conspiram todos para o bem comum, o artifício republicano democrático partidário procedia absolutamente ao contrário dessa definição humana, política e sociológica. A norma era a divisão do povo, explorado em sua ingenuidade pelo partido único, apenas nominalmente diferenciado em tôdas as províncias.

Assim pois, o partido único da capital da província, fantasiada norteamericana, ânti-histórica e ânti-nacionalmente de "estado" (que, conforme as oportunidades egoísticas, se transformava em bandeira de

reivindicações anti-patrióticas e bairristas), era dono totalitário do poder político municipal e provincial. Também a política da "Federação" ou "União" se derivava desse bárbaro esquema político importado, impingido à Nação com a insciência, inconsciência e imoralidade nefastas da sedição militar estrangeira acontecida em 1889 contra o nosso Império natural que – se, em virtude da reação anti-portuguesa de 1822, também envolvera, andando nas águas da Revolução internacional, institutos tradicionais e sagrados para o Brasil genuíno, obra dos nossos Antepassados da Raça Histórica – contudo se conservou essencialmente na linha da nossa identidade e originalidade na América, forma única de sermos algo de grande, inédito, respeitável, visto como o imitador se confessa deficiente e nulo.

Endossava a tal União tudo quanto perpetravam os "estados" caricatos contra o direito natural, o direito histórico e o bem comum. Era entretanto tabu intocável a lunática constituição de 1891, parto de uma constituinte "democrática" anti-democraticamente eleita que, precavida como todo criminoso lúcido, não teve a coragem de submeter o seu produto espúrio às Câmaras Municipais do Brasil atraído, ao invés do que fizera, relativamente à Imperial Constituição de 1824, o Imperador Dom Pedro I, soberbo continuador dos nossos antigos Reis, que no entanto não trazia a bôca cheia dos perdigotos sórdidos da democracia, da liberdade e da soberania do povo...

Por mal dos nossos pecados, olvidam-se hoje, em meio da mixórdia do "renascimento" demagógico, essas páginas negras da vida política brasileira de antes de 1930. Outros demônios houve após essa data; importava contudo não esquecer aquêles.

\* \* \*

Ao liberalismo do II Império que não soube, talvez por cepticismo político da maioria dos seus pró-homens, valorizar de todo em todo as raízes católicas e monárquicas da Nacionalidade, foi pos-

sível consentir nas mentiras ânti-históricas e ânti-nacionais de falsas heranças republicanas baseadas em utopias sonhadoras de sectários internacionais e motins de desordeiros inspirados em histórias de povos estranhos e de formação e tradições completamente alheias às nossas origens, formação, cultura e tradições. Agora, porém, não é mais possível (a não ser para ignorantes chapados) ignorar a realidade nacional, as nossas verdadeiras, genuínas e autênticas Instituições Políticas que harmonizem o Estado com a Nação e não façam daquele um mostrengo total e chocantemente alheio a esta, como vem sucedendo para desgraça nossa desde 1889.

Pois realmente o que hoje nos avilta é um estado republicano idêntico a um invasor tirânico, escarnecedor do nosso povo esmagado por problemas inúmeros; estado republicano opressor, agente de pavoroso saque através duma burocracia voracíssima, incompetente, impiedosa, imoral e desmoralizada por fôrça do próprio regimen que teima em manter, enquanto não passa o Brasil de uma nação ocupada e explorada em benefício da máquina de opressão montada cínicamente pelo invasor.

Não é possível fazê-lo, repetimos, porque tamanhas hão sido as mentiras da falsa história que envenenou o nosso povo desde a era liberal e especialmente nesta fase republicana, tamanhas as calamidades decorrentes delas contra o Brasil autêntico, que homens de bem e historiadores documentados empreenderam a revisão dos erros repetidos ignara e afrontosamente contra os nossos fastos pretéritos, resultando patentíssimo ser o presente que nos causa vergonha, enquanto se evidencia meridianamente residir no Passado a nossa honra e dignidade, no Passado a nossa grandeza, no Passado a lição fecunda para sairmos disto, dêste descrédito, desta ruína moral e económica, desta nulidade, desta lama, dêste abismo em que a negação do que essencialmente somos nos arremessou e imergiu.

E êsse Passado se chama MONARQUIA. E êste presente se chama República.

Contrariando, pois, a filosofia rasteira de desvairados, orgulhosos e primários, creadora do estado republicano, há 27 anos (espaço de tempo e de consagração permanente e contínua que nos confere certo direito de "deitar manifesto" no meio confuso da tempestade demagógica, direito êsse atribuível a mui pouca gente no Brasil!), há 27 anos fundávamos nesta Imperial São-Paulo de Piratininga PÁTRIA-NOVA, para restaurar a consciência imperial das novas gerações que caso contrário, continuariam a ser ludibriadas pela república e a democracia, incompetentes, deseducadoras, corruptoras; para prègar a volta às origens atentando ao mesmo tempo para as realidades e conquistas presentes, atitude dos verdadeiros tradicionalistas e único meio de progresso, pois não há progresso sem apoio numa base preexistente. É a prosperidade um acréscimo e não um comêço. O próprio adulto é a criança que se desenvolve. A república, eterno recomêço, eterna improvisação, eterna imprevidência, nada aprende e é o perpétuo atraso. Se adquire uma técnica, perde-lhe a alma. Propúnhamos, portanto, uma atitude nova, diferente daquela assumida até então pelos "restauradores" monárquicos, que, embora generosamente e por amor ao Brasil desorientado por instituições (?) adventícias e inadequadas, sonhavam com a "volta" da constituição imperial de 1824, comos e fora possível restabelecer simplesmente o reinado dos Pedros ou de Dona Isabel I.

Ora, o próprio Dom Luís I, no exílio (A república teve mêdo de permitir-lhe o desembarque em seu Império!), Dom Luís I propusera reformas denotadoras de conhecimento objectivo da realidade do seu tempo, reformas tímidas quiçá por ser, então, ainda algo retardado e preconceituoso o ambiente cultural-político, carregado de heranças negativas e de peçonhentas influências jansenistas e modernistas. Fazia o malogrado Príncipe Perfeito concessões intoleráveis para a posição radical dos neo-monarquistas que mais tarde surgiriam com PÁTRIA-NOVA, saudados festivamente no País e no estrangeiro.

A base para nós Patrianovistas era e é o Império. Mas com suas tradições integrais.

A única forma adequada da restauração da Pátria seria e é, por conseguinte, a instauração do Império ORGÂNICO, isto é do Império que, expurgado dos velhos erros acidentais, penetre nas remotas bases da Nação, anteriores a 1822, engrene com fidelidade nas instituições existentes no Brasil-Português, as quais por sua vez se entrossem na sabedoria experimentada (saber de experiências feito) das gerações lusitanas onde teve princípio o nosso ser, o que fomos e o que somos.

Sem essa fidelidade, deixaríamos de ser nós mesmos, não teria explicação a nossa Nacionalidade, não teríamos fundamentos, bracejaríamos no vácuo, como o faz a república que nada representa no Brasil... a não ser um arremêdo ridículo e carnavalesco dos Estados- Unidos.

Realmente, "*o mais abominável erro – sentença com verdade Renan que nem sempre o faz – é crer que serve a pátria caluniando os que a fundaram. Todos os séculos duma nação são cadernos dum mesmo livro. Os verdadeiros homens progressistas são aqueles que têm por ponto de partida um respeito profundo pelo passado*" (*Souvenir d'enfance et de jeunesse*).

\* \* \*

Nada, portanto, podemos fazer de sólido e duradouro, mas tudo ilusório, sem a base fundamental do Passado, sem a alma das nossas legítimas instituições, mercê da falta das quais temos "vegetado" uma existência estúpida, servil, ignominiosa, vazia, paupérrima de estímulos (a não serem os do mal), carente de surtos íntimos de fortaleza, de esperança, de confiança em nós mesmos e no futuro até ao sacrifício da própria vida (pois ninguém quer mais morrer por um regimen que nos envergonha e nos mata), nestes miseráveis 66 anos de regimen emprestado e imprestável, após a perda da soberania dinástica, indispensável garantia de unidade, estabilidade, continuidade, ordem, tranqüilidade e de poder forte sem despotismo, de autoridade incontrastada, paternal, orgânica e sem os ciúmes que os chefes vão, provisórios, inseguros de

si e partidários, têm das realidades grupais da Nação – esteios e factôres da grandeza dela.

Ora, evidente é que se não pode esperar salvação nacional sem o restabelecimento da SOBERANIA POLITICA DINÁSTICA, cuja perda em 1889 já se acrescentava à anterior destruição da soberania social incarnada nos grupos naturais da Família, a Igreja, a Cultura (Universidades e semelhantes), a Milícia (Exército, Armada, Aeronáutica e assimilados) e o Trabalho – as únicas fôrças da Representação Nacional junto ao Soberano, síntese indispensável do Comando Nacional pelos séculos afora, sem as síncopes desastradas dos governos efêmeros e irresponsáveis.

\* \* \*

Instalou-se entre nós contra essas vivas realidades, glórias da nossa História de 800 anos, a guerra embusteira dos partidos artificiais e rotulares, contubérnios sem base na vida real produtora ou construtiva, egoístas, vorazes, anarquizadores, desmoralizadores e inorgânicos, desorganizadores e inimigos da tranqüilidade e da paz nacionais. E aí estão êles, ou seus cabecilhos sem eleitores, agindo, vociferando misérias e arruinando a Pátria, bradando por uma união que a própria denominação dêles condena e impede.

O partido é a desordem dos instintos predatórios e de mandonismo caudilhesco, interesseiro e compadrista, é o desaçâimo das paixões dos marginais contra a ordem da Tradição "para tomarem o seu lugar", como diz Spengler, continuando: "*Combatem a ordem do Estado (tradicional) porque ela põe obstáculos ao seu gênero de actividades. Combatem qualquer espécie de autoridade porque não querem ser responsáveis perante ninguém, e fogem a tôda responsabilidade. Nenhuma constituição contém uma instância perante a qual os partidos devam prestar contas... Dêsse modo nasce a "democracia" do século, que não representa uma forma, mas que faz um princípio da falta de forma*

*em todo sentido; surgem o parlamentarismo como anarquia constitucional e a república como negação de qualquer gênero de autoridade*" (Anos de decisão), constituindo inegável preparação diabólica para a herdeira legítima de tão insensata paranoia – a democracia materialista, agora sob o figurino velhaco de "popular", desfêcho lógico do regimen estribado nas opiniões, isto é nos "palpites", na ignorância portanto.

\* \* \*

São verdades triviais e corriqueiras essas, para aqueles que – não tendo encajado na tranqueira dos chavões republicanos e democráticos que foram novidade na Europa há mais de cem anos – algo estudaram de Política e Sociologia (com maiúsculas) nestes últimos 30 anos. Não obstante, república e democracia como formas(,) de govêrno ainda se consideram coisa séria *"neste país, onde a meia ciência, a ignorância, a preguiça em estudar, têm prejudicado enormemente a reforma das instituições políticas"* (João de Scantimburgo, *"Renúncia à fé democrática"*, Diário de S. Paulo, 13-3-955). Que repitam êsses chavões néscios os politiqueiros ignorantes e interesseiros, vá lá. Não no podem, contudo, os que se pretendem doutos.

Agora mesmo, o ilustre comentarista internacional ianque, Walter Lippmann, entre outras observações, produz ressaltíssima: *"É significativo, penso – certamente é pelo menos sugestivo que, ao passo que quase todos os governos ocidentais estiveram em profunda perturbação desde a primeira Guerra Mundial, as monarquias constitucionais da Escandinávia, os Países-Baixos e o Reino-Unido demonstraram maior capacidade para sustentar, para preservar a ordem com liberdade, do que as repúblicas da França, Alemanha, Espanha e Itália"* (*The decline of western democracy*, revista *"The Atlantic"*, fev. 1955)

Não é o primeiro a concluir, nem será o último.

Nós Patrianovistas já o concluíramos há quase trinta anos. Mas os retardados mentais continuarão a julgar "moderna", "adiantada", a

malfadada república desmoralizadora, desorganizadora, improvisadora, imprevidente, ninho de caudilhos, ditadores e tiranos, apesar das lições históricas nossas e de todo o mundo, nomeadamente dos próprios Estados- Unidos que, ganhando, perderam duas guerras, mercê da improvisação diplomática de que usaram por falta de comando hereditário.

E em verdade causa lástima, num dos momentos altíssimos da ciência política e sociológica do mundo, assistir a essa palhaçada que a imbecilidade ânti-nacional da sucessão (ou secessão) à presidência da república expõe aos nossos olhos aos olhos do mundo... para continuarmos a tragédia da gangorra "república - ditadura republicana - república", a que éramos estranhos na América Hispânica antes de 89.

Comparsa do drama do Brasil falsificado, dizia Artur Bernardes, há mais de cinco lustros, que *"As crises políticas originárias da sucessão presidencial no Brasil, vão produzindo, de quadriênio em quadriênio, campanhas gradativamente mais apaixonadas e susceptíveis de explodirem em lutas materiais que são a principal ruína das nações. Faz-se indispensável investigar a verdadeira origem dêsse mal"*.

E comentávamos nós jocosamente: - *"Ingenuidade, Dr. Bernardes! A origem é a república em uma Nação Monárquica. Nos "verdadeiros" Estados-Unidos (nós somos os macaqueados) não é... tanto assim!"* Já o ponderava Pátria-Nova. E os políticos continuarão perguntando. Mas não ouvirão. Têm olhos e não querem ver, têm ouvidos, e não querem ouvir! Como Pilatos, perguntam a Jesus o que é a verdade; quando Jesus vai falar, viram-lhe as costas. Pois bem! no Brasil, os Patrianovistas já responderam. Os políticos não ouviram, não ouvem, nem ouvirão. Mas virão os factos, mais uma e duas e mil vezes. Renova-se, como as estações, a tragédia quadrienal que a república vem representando, nas Terras do Nosso Império, há já longos anos!... Não há dúvida: - Vivam Bocaiuva e Benjamim!

Pobre Dr. Bernardes! Morreu sob a atoarda da mesma tormenta de 1929. E prosseguirá o mesmo delirium-tremens por causa da mesma bebedeira republicano-democrática, vício legal oposto à virtude tradi-

cional brasileira.

Militava a razão com Humberto de Campos, quando em momento felicíssimo da sua ficção – refúgio dos políticos desenganados das quimeras de fedelhos imberbes –, lançava esta luminosa verdade política: *"Aqui, no Brasil, donde te escrevo, não há reis. Não há reis porque todos governam, e porque todos se consideram superiores aos outros, de modo que todos mandam e ninguém obedece"*.

O carnaval sucessório e tôda a mais miséria política a que assistimos confirmam perfeitamente a afirmação pessimista do saudoso escritor.

Aliás, os cegos papagaios da situação qualificam isso de vitalidade democrática, como quem qualificasse a febre mortal de vitalidade do corpo.

\* \* \*

Irrisão somada a ingenuidade e estultícia é o falar em união nacional em regimen tão estranho à Nação, o qual "pretende" unir-nos com factôres e fautores de divisão e desordem como sejam os partidos.

Não assim raciocinaram os nossos Maiores ao tempo da Regência, interregno "republicano" dentro do Império. Não! Havia então sabedoria, espírito público e boa fé. Havia desinterêsse. Aclamaram maior o Imperador Dom Pedro II, e declarou-se a lídima União Nacional, pacificando-se a Nação, que daí surgiu para a sua altíssima posição mundial perdida em 1889.

SEM REI, SEM IMPERADOR, NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL, pois todo poder dividido, partido contra si mesmo, perecerá.

Ora, é essencialmente divisionista o regimen imposto ao Brasil, além de permeabilíssimo a todas as forças do mal, internas e... externas.

Tomemos consciência da realidade. Não sobreponhamos uma ordem jurídica acidental a uma ordem ontológica essencial.

Pratiquemos, afinal, como os nossos Avós, um acto de inteli-

gência. Abandonemos a cômoda disponibilidade dos covardes e inúteis. Saíamos desta aziaga hipnose que nos obumbra o raciocínio. Despachemos para o inferno os chavões e os mitos quiméricos.

O Brasil vale mais do que as constituições abstractas com seus partidos, sua república, sua democracia pluripartidária e seus sistemas eleitorais, totalitariamente impostos à Nação Eterna.

Viva a Monarquia, única e tradicional fórmula capaz de UNIFICAR o Brasil e UNIR OS BRASILEIROS!

*Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga, 2 de Abril de 1955, 132.º do Império e 27.º de Pátria- Nova (A.I.P.B.)*

*RESTAURAÇÃO DO BRASIL, PELA INSTAURAÇÃO DO  
IMPÉRIO ORGÂNICO - ESSA É A FÓRMULA  
PATRIANOVISTA*

## **LEMBRETE PARA O PATRIANOVISTA**

Quem não tem coragem de morrer por uma grande Causa não possui valor para viver por ela e para ela. A vocação para mártir é a garantia única da fidelidade aos princípios e penhor da vitória.

## **A CONCLUSÃO PATRIANOVISTA**

O Brasil é uma Pátria Imperial que não pode de modo nenhum ser República. A República não poderá resolver os problemas da nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, ânti- nacional, separatista.

# AS IDÉIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO...

Há quase trinta anos, após concluídas sérias locubrações sobre história e filosofia política, convidávamos alguns amigos, especialmente marianos, para fundarmos um monarquismo novo, cujas linhas doutrinárias gerais já tínhamos definido com assentimento de todos. E assim surgiu PÁTRIA-NOVA, o Patrianovismo. Fôra isso em 1928. Mas desde antes já vínhamos meditando no caso, referindo-o a alguns amigos dilectos.

Aos 13 de setembro de 1929, aparecia o primeiro número da nossa revista Pátria-Nova e dizíamos no editorial de apresentação: — *"Vem pugnar pelo Terceiro Império, que não será uma restauração, mas uma INSTAURAÇÃO, uma inovação, uma criação nova da vibrante alma brasileira do presente harmonia com o meio brasileiro, com as aquisições das ciências sociais, à luz da tradição que tem a sua lei irrefragável de continuidade; ajudada pela experiência' da "colônia" (que já era brasileira), dos dois impérios e da própria república que, embora ânti-nacional, ou talvez por isso mesmo, nos deu grande cópia de soluções que ela é incapaz de pôr em obra; ajudada outrossim da experiência estrangeira em certos casos; pois, sendo o homem essencialmente o mesmo em todo o orbe, há problemas que resolvidos algures estão universalmente solucionados"*.

A bem dizer, nesse tempo falávamos quase sòzinhos. Hoje, porém, vai pelo mundo toda uma onda avassaladora de renovação monárquica; e por vêzes na linha trintenária patrianovista, que assim ganha foros de doutrina universalista (não se confunda com utopia internacional geométrica à moda democracia da revolução dita francesa).

Testemunhando o nosso assêrto, aí segue traduzido o capítulo "*O processo do tempo é irrevogável*", do autor austríaco Gustav A. Canaval, no seu livro "*Monarchie. Nicht gestern, sondern morgen*", que

os espanhóis traduziram "*La Monarquía forma política del mañana*", e nós preferiríamos traduzir mais conforme o original: "*Monarquia, política do futuro, não do passado*".

– "*É indiferente ao autor dêste livro o suscitar ou não uma crítica devastadora por parte dos bonzos da democracia formal... Trata-se sòmente de chamar a atenção para não deixarmos de ouvir o grande badalar da hora actual, Cada revolução tem, em definitivo, a sua enciclopédia, como a teve a Revolução Francêsa. E hoje se percebe com nitidez um movimento entre os espíritos mais selectos do velho continente, que se orienta para a monarquia de amanhã. Nem vale a pena abrir fogo demolidor, com trovões e canhões, contra a democracia formal. Disso cuidaram há tempos os ditadores e outros mais, com o que apenas lograram despertá-la de novo para uma vida aparential, pois os ditadores não fizeram por sua vez senão suprimir a liberdade ao eliminarem os partidos. As ditaduras são responsáveis por isso de nos considerarmos felizes de poder recuperar algo do que em tempos houve. Não obstante, ponhamos tento em que a monarquia de amanhã não contenha elemento algum da de ontem, pois não há dívida de que ela virá. J. D. S. Crossmann, autor inglês das esquerdas, situado nas lindes entre comunismo e trabalhismo, lançou não fará muito um grito de alarma no *Time and Tide* pelo facto de já não se encontrarem os espíritos de escol da Europa e da América no campo das esquerdas, senão que se estão convertendo, em número crescente, para o pensamento monárquico. E isto nos Estados-Unidos, país no qual nunca se conheceu a monarquia. (Certamente o autor não conhece o esforço humilde "econômicamente" pobre, mas independente, dos patrianovistas nestes 30 anos. Muito menos saberá do nosso inquérito nacional acusador de quase 70% de monarquistas no Brasil, sem contar os militantes patrianovistas). Provavelmente, porque tiveram a feliz ocorrência de implantar desde o princípio uma república presidencial. Só lhes falta a instituição hereditária, já que também o presidente tem que jurar a Constituição em nome de Deus. É significativo, porém, que Walter Lippmann, o grande jornalista e pensador político das esquerdas modernas, em seu último livro *A Public Philosophy*,*

*trate com grande dureza as ideologias republicanas, conquanto, naturalmente, como norte-americano, não chegue às últimas conseqüências da monarquia".*

\* \* \*

*"Outra coisa, todavia, é a Europa, e entre nós, em todo caso, a democracia parlamentar não está arraigada na alma dos povos. Amiúdo se diz, com fins interesseiros, que a roda da História não gira para trás, acreditando ter encontrado com êste notável argumento a desejada barreira contra a monarquia vindoura. Não gira para trás, mas gira para diante. Deixa por isso de ser redonda? Claro está que as formas de ontem não serão as mesmas de amanhã. Porém o que foi bom ontem voltará amanhã – em plano mais elevado – acompanhado de algo novo, cuja bondade e valor de acomodação dependerá de nós. A forma política de amanhã será a monarquia no espaço euroasiático. Goste ou não goste o homem de hoje. Nem sequer será preciso para isso guerras nem revoluções, já que esta evolução se realizará com a simplicidade de uma lei natural. Temos somente de nos preocuparmos de não cair amanhã sob o influxo do "ontem". Esta monarquia de amanhã não pode, portanto, trazer instituições de ontem que tenham sido superadas. Será instauradora, não restauradora (grifos nossos). É isto o que exige a nova era da exploração do átomo. As suas exigências são incompatíveis com a actual forma de soberania popular sôbre o princípio majoritário, se quer a humanidade continuar vivendo. A moderna monarquia federal não significa direito majoritário, uma vez que êste conceito é um contrassenso, senão simplesmente direito, inclusive para as minorias. Isto é o mais essencial e o mais moderno. Pois, de qualquer modo, cada um de nós, cada indivíduo político, estará sempre em minoria em face do Estado e dos complexos sociais de poder derivados dêle".*

*"Hoje o capitalismo financeiro e o capitalismo social se entre-repartem o poder. Souberam fazer do Estado seu instrumento, e utilizam para isso a "democracia". O indivíduo não saiu ganhando nada com substituir*

*os antigos senhores feudais privados pelos actuais managers do capitalismo social que o exploram em nome do Estado, e ademais querem convencê-lo de que isso sucede em benefício do próprio indivíduo. Tal a mentira social do nosso tempo. Na era da exploração do átomo, a pseudo-democracia tem que desembocar no totalitarismo, e tem-no feito sempre mais ou menos dissimuladamente. Aonde quer que dirijamos o olhar, encontramos, na estrutura social, com totalitaris mos disfarçados. O Estado que queira servir-se dêles tem que converter-se logicamente em Estado ditatorial. Pois só aquêle que seja soberano, em virtude de um pacto com o povo (O autor identifica-o unicamente com o chefe hereditário), poderá opor um dique, em favor da minoria, a uma excessiva concentração do poder. Só aquêle cuja missão seja a de guardião dos mais altos valores, em seu próprio benefício, será invulnerável à corrupção e às seduções dos aparelhos administrativos. Ele só deverá e poderá ser quem garanta direitos e as maiores liberdades possíveis dos que são nímio dêbeis para defenderem por si mesmos o seu direito. Esta aí, para todos, e não é um ente anónimo".*

*"Nada lhe importa o dinheiro; nada tem que fazer com êle. Só necessita entesourar o amor do seu povo, se quiser conservar o trono para si e seus descendentes".*

*"Ao revés, a chamada forma de soberania democrática – seja multipartidarista ou de "ditadura popular" – é incapaz de dominar, nem sequer de conter, os sistemas de poder totalitários: sindicatos, cartéis sociais, etc. Os representantes da sua vontade são os partidos, que sempre necessitam do dinheiro daquele a quem têm de vender-se. Os prestamistas da democracia parlamentar não são hoje somente os grupos de interêsses privados, senão também os sindicatos sociais. E, assim, o vício estende-se por tôda parte e o forte oprime o fraco. Sempre sucedeu assim, objectar-se-á talvez; mas, ainda assim, não foi justo. Amanhã isso não deve suceder, pois as forças desencadeadas não no permitirão..."*

*"Cumpre restabelecer o império do Direito e um juiz independente do poderoso Moloc da economia e dos trusts políticos exploradores do*

*trabalho. Há-de ser, porém, um juiz supremo. Não terá de agradecer nada a ninguém, e de ninguém deverá esperar nada para o seu porvir. Nem para si, nem para os seus descendentes".*

*"Partido nenhum pode conseguir tal coisa. E, ainda que contasse com o melhor programa, e embora fôsem santos os seus dirigentes, não poderia salvar-nos, em caso algum, do actual caos ideológico, por causa do acúmulo de compromissos".*

\* \* \*

*"Compreendemos agora a inexorável alternativa?"*

*"Ou segue a parte mais importante do mundo – o Ocidente – consentindo no predomínio das suas democracias parlamentares, os seus anónimos govêrnos atrás dos bastidores e os seus chefes totalitários e então acabarão por aniquilar-se reciprocamente, bem como a tóda a Humanidade – ou se ordena o Estado de Direito do porvir, com um chefe supremo unido ao transcendente e aprovado pelo povo. Então, ter-se-á a monarquia moderna e viver-se-á com ela, porquanto só ela se adapta às circunstâncias dos tempos e poderá evitar as guerras".*

Assim terminou seu livro o dr. Gustav A. Canaval.

Sentimos a tentação de aqui ponderar algo sôbre certas das suas afirmações, tanto mais que o comentámos abundantemente nas largas margens da obra. Falece-nos espaço.

Ponderamos, no entanto, ultrapassando o limite do mestre austríaco, que os sinais dos acontecimentos (nem todos sabem ler nêles) nos anunciam a volta monárquica em todo o espaço euroafroasiático.

Importa, também, realmente acentuar a necessidade absoluta, para a Monarquia de salvação, de alijar todo o "ontem", porém do ontem negativo: nada de pátria velha, mas Pátria-Nova. Parlamentarismo, democracia "formal" (como êle diz) e outras superações sòmente poderiam PREJUDICAR a coisa sèríssima, chamada por êle "monarquia

moderna" (e até federativa para o caso concreto da Europa Central, mas não para nós). Nada de soberania popular com que os malandros da politicagem, os imbecis do iluminismo e outros falsários, iludem o "coronel" chamado povo soberano que êles exploram por tôdas as maneiras e acoçam com infindas exigências e tiraniazinhas burocráticas, irritantes e inúteis. Para o nosso espaço concreto, geopolítico, temos a Monarquia Orgânica (Patrianovista), em magna parte glosada pelo autor que repete, como atrás se vê, monarquia INSTAURADORA, que não restauradora. Constitui isso por sem dúvida uma homenagem ao nosso movimento autêntico e genuinamente nacional, quando tanta gente fóssil entre nós silencia...

Merecia tradução imensa parcela da actualíssima obra. Em números subseqüentes, se possível fôr, reproduziremos passagens indubitavelmente gratas às inteligências alertas e abertas à novidade tradicionalista de PÁTRIA-NOVA, pois já têm ilustração suficiente para compreender que Tradição é passado em marcha e não empacamento na História, que Tradição é a base da dinâmica do verdadeiro progresso, e não parada romântica no caminho do futuro.

## APÊLO AOS HOMENS DE FÉ

De tal forma transformaram os nefastos princípios liberais, desde há mais de cem anos, o sentido perfeito da transcendentalidade da pessoa humana e de tudo quanto dessa transcendentalidade decorre para, em firmes e imutáveis bases, organizar a vida da Família, da Sociedade, da Nação e seus Estados bem como de tôda a convivência internacional – que tudo ficou adstrito a um tacanho naturalismo, em face do qual voca arrepios tragicômicos toda DOUTRINA daqueles poucos (*pusillus grex* da palavra de Cristo) que aspiram com objectivi-

dade e ciência a restabelecer, restaurar, reengrandecer a vida das famílias e das Nações e Estados sob princípios (os únicos sólidos, operantes, vivificantes e eternos) em que Deus não esteja ausente, em que esplenda a Igreja na altitude e profundidade sagrada dos seus ensinamentos redentores, na salvífica divindade das mensagens da Revelação.

Caíram as pátrias, caíram os estados, caíram as famílias, caiu a humanidade no caos, na desmoralização; caíram os homens na cegueira do orgulho, ainda mais anchos que ficaram no seu naturalismo racionalista e materialista, tanto que as ciências físicas ultrapassaram as humanas e a técnica os estonteou com maravilhoso domínio das forças da natureza. Sonharam loucos o paraíso na terra.

Guias criminosos, falsos profetas das trevas, mensageiros de Satanás, contubérnios secretos de perpétuos conspiradores anti-cristãos e anti-nacionais se exaltaram soberbos nas conspirações da sombra, alegando mentidas beneficências e tramando maquinações pérfidas e dominando os desfibrados e cúpidos mentores políticos, sociais e económicos.

Ciente do mal gravíssimo, profundíssimo, em que, entre tanta desordem internacional, braceia também o nosso Brasil, não quis e não quer o Patrianovismo apresentar (para contentamento dos míopes das soluções aparentes) meras panacéias superficiais e tolas para a redenção da Pátria, redenção essa que, encabeçada embora pela transformação política, há-de ser TOTAL, afim de não resultar em doloroso malogro.

Mais sério do que acreditam muitos é o nosso problema. Daí aquela tríplice Declaração dos Princípios (teológicos, filosóficos e políticos) que na "*Orgânica Patrianovista*" assentámos.

É um brevíário desassombrado, profundo e intrépido (alheio a todos os preconceitos modernistas), para os homens crentes, sinceros, que se não consideram simples animais da terra, mas almas redimidas por Nosso Senhor Jesus Cristo, titulares da tradição daqueles Varões de prol que apregoaram a Fé e o Império, herdeiros do Império dos nossos Reis e Imperadores, e aspirantes, pela graça, à bem-aventurança sempiterna.

Sob a égide da SS. Trindade, sob a protecção da Virgem Apare-

cida Padroeira do Brasil, confiante nos seus Padroeiros especiais e na oração dos seus já inumeráveis Mortos, ao celebrar aos 3 de Maio o 28.º aniversário – é para êsses homens, poucos ou muitos, que PÁTRIA-NOVA apela; e é com êsses homens de fé, poucos ou muitos, que Deus salvará o Brasil definitivamente, por mais seiva ou mais estulta que se manifeste a descrença fatalista e auto-suficiente dêsses "bichos da terra tão pequenos", pobres diabos que não vêm poder e grandeza senão nos montões de dólares e libras, no poderio efêmero dos exércitos e, agora, sobretudo nas explosões das bombas atômicas.

## A "BARATEZA" DA REPÚBLICA

*"... Todos os argumentos, pois, militavam no espírito dos ideólogos em favor duma República – mesmo a sua barateza, pela supressão da lista civil (argumento que impressiona as classes comerciais). Com efeito, o Presidente dos Estados-Unidos pouco mais ganha do que um ministro no Rio de Janeiro: MAS OS BRASILEIROS IGNORAVAM (como nós, de resto, na Europa, imperfeitamente sabíamos antes da publicação do livro do americano William Ivins, Machine Politics and Money in Election) que a eleição do Presidente dos Estados-Unidos custa cada quatro anos mais de NOVENTA MIL CONTOS, o que dividido pelos quatro anos que dura um Presidente, dá VINTE E DOIS MIL E QUINHENTOS CONTOS por ano – soma amplamente suficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o Sultão e o Papa".*

São palavras de Eça de Queirós, nas "*Cartas inéditas de Fradique Mendes*", artigo "*A revolução do Brasil*". Dai se vê a imensa ignorância dos lunáticos propagandistas da ré..., que nada sabiam do seu funcionamento e mazelas congênicas na "livre América"... de que excluía o Brasil por ser DIGNAMENTE o único IMPÉRIO, fiel às suas tradições raciais e institucionais. O argumento dos bocós da pro-

paganda era que devíamos imitar os Estados-Unidos e as infelizes repúblicas ibéricas... aderindo à ré. Veio a grande desgraça através de uma traição... Aí está a ré... Tudo barato, vida barata, com os donos dela ganhando uma ninharia... (há-os que ganham, mensalmente, não se sabe como nem por que, somente 200 contos de cruzeiros!). Não há inflação, não há ladroeira, não há fome, não há injustiça, não há vergonha... Viva a república!

## AOS "300 DE GEDEÃO"

O segredo da vitória das grandes Causas está no desapêgo pessoal dos seus servidores. Sê patrianovista fiel. Não penses em ti mesmo, em honrarias, em megalomanias, em postos, em reivindicações pessoais. A Causa Patrianovista é maior do que todas as nossas vaidades: salvar o Brasil para que o Brasil possa eficazmente ajudar a salvar tôda a humanidade.

Todo aquêlo que pensa demais em si mesmo acaba infiel e traidor da Causa que presume servir.

## ASPECTO IRÓNICO DAS UTOPIAS DEMOCRÁTICAS

*(Comentário a um diário da Capital)*

Sob o domínio republicano, os partidos são donos de tudo com um feroz totalitarismo constitucional. E, neste regimen abstracto, afinal de contas que são os partidos? Responde-no-lo uma fôlha local:

*—"Em São Paulo tudo gira em tórno das tendências do governa-*

*dor, do prefeito, do vice-governador, que também constitui apreciável força eleitoral, do presidente e do vice-presidente da República. São êsses os homens que, não em conjunto, mas cada um do seu lado, articulam e dirigem, ostensiva ou veladamente, as negociações destinadas à escolha dos candidatos".*

(Em seguida, mostra que tal se não dá somente em São Paulo mas por êsse Brasil a dentro).

*"Os partidos políticos eclipsaram-se e hoje a função que exercem é puramente formal: servem apenas de legenda para os candidatos, em obediência a requisitos expressos da legislação eleitoral".*

Muitos "existem" apenas porque representam uma legenda, que muitos dêles transformam em rendosa fonte de negócios, num regime eleitoral defeituoso (Eterna cantilena cómica dos republicanos...), onde os partidos políticos são pomposamente erigidos à categoria de forças de alcance nacional mas, na verdade, não passam de meras ficções destinadas a preencher requisitos da lei (Que, digamos, nos IMPÕE totalitariamente a formação de partidos, contanto que não sejam monarquistas... Artificio ridículo de marginais beócios!), para efeitos de registro na Justiça Eleitoral. *"Chegamos, nesse particular, a esta situação acabrunhadora: – a Constituição faz repousar o funcionamento e a própria existência do regime nos partidos políticos que, entretanto, se anulam, transformando-se, nalguns casos, em simples máquinas acionadas pela vontade dos líderes e, noutros, em vergonhosos balcões onde se vendem legendas para a disputa de eleições".*

E depois se zangam ao falarmos não passar tudo de autêntica palhaçada, ou safadeza, se preferem. Não existiam os tais partidos antes da lei. Esta condiciona a representação à existência de partidos. Então uns cidadãos de má fé inventam um rótulo e um programa. Mas a lei já sabe que NA REALIDADE existem cartas correntes fortes de CULTURA NACIONAL E POLÍTICA... que ela não quer. Então, essas que DE FACTO EXISTEM não podem. Mas... todos têm que votar sob pena de multa ou cadeia...

*Liberté, Égalité, Fraternité...* E isso vai continuando indefinidamente... Como o mal, a mentira, o erro, a malandragem, a ignorância, a má fé têm fôlego, heim!

## VITÓRIA DOS HOMENS – DERROTA DO REGIMEN

Abandonada a nossa Cultura, abandonado o nosso Modo de Ser, abandonadas as nossas Instituições fundamentais, versamos em perpétua crise. Teimam, não obstante, os românticos politicantes ou "estadistas" brasileiros, encalhados a cem anos desta data, na presunção imbecil de sermos vítimas da ignorância do povo, do despreparo democrático e outras babozeiras com que se iludem e buscam simultaneamente enganar os incautos.

Está no regimen o mal. Simplesmente, sem ambages, afirmamos: A REPÚBLICA NÃO PRESTA! E não é somente no Brasil que tal se verifica. Ainda há pouco dizia Joseph S. Clark, JR, no artigo "*Wanted: Better Politicians*" (Precisa-se de melhores políticos): "*Penso que temos demasiada mediocridade na função de dirigir o govêrno do país, e inquieta-me o ser assim num tempo de tal complexidade e crise*". Vide revista *Atlantic*, agosto de 1955.

Ora bem. Regem-se os norteamericanos com o seu sistema político próprio, da sua tradição, não copiado de ninguém. São os verdadeiros Estados-Unidos. Crearam-no com sábio oportunismo político, na impossibilidade de terem Rei... como quiseram muitos dêles. Copiou-lhes o sistema o primarismo dos nossos medíocres jornalistas e politiqueiros da "propaganda" que tomaram conta da república feita exclusivamente pelo Exército em 89.

Vivemos embastracados com o progresso dos Estados-Unidos, e

nada mais ponderamos. Já era tempo de terem mais juízo os responsáveis pelos destinos da Nacionalidade. Em vez de estudarem sèriamente o problema da nossa FORMA (os norteamericanos são fanáticos pelo seu "way of life"), lição do nosso passado, insistem MARGINALMENTE em conservar o imprestável que não é nosso, que não nos serve. E vem a questão agora ociosa para quem SABE política e sociologia (que são ciências e só as conhece quem as estuda): o mal é dos homens ou do regimen?

*"Não conheço um único caso na História em que a substituição da forma de govêrno de um povo não tenha produzido uma mudança radical e profunda na fisionomia dêste e no seu modo de ser. Entre a França de 1770 e a de 1880 há um abismo; há-o também entre a Espanha de 1929 e a de 1932. Que se passou na França e na Espanha em tão breves períodos, para que de tal modo tenha corrido o tempo e as coisas tenham mudado tanto? Apenas isto: a Monarquia foi substituída pela República. Esta mudança, que alguns consideram puramente acidental e de mera fórmula, bastou para alterar no país não só a organização política, mas também as idéias, as maneiras e os costumes. Como pode ser acidental o que só por si produz, quando varia, mudanças tão substanciais?"*. (José Maria Pemán, *Carta a um céptico sôbre as formas de Govêrno*, Edições Gama, Lisboa, 1941).

Essa verdade objectiva, escrita na história de todos os povos civilizados, viu-a entre outros o nosso Monteiro Lobato (Vide "*Monarquia*", 2.º n.). Quanto a nós, povo brasileiro, não a vemos apenas, senão que a padecemos há 66 anos, com a Pátria arruinada, empobrecida, desmoralizada, enfraquecida, sem ordem, sem paz, sem certeza de coisa alguma para o futuro.

Os homens, em famílias, em grupos, fazem os regimens em séculos de experiências, acertando, errando, corrigindo-se, melhorando lentamente as fórmulas da coexistência social das variadíssimas interações, segundo os diversíssimos factôres de espaço, tempo, cultura e tradições de base espiritual ou sobrenatural e natural. Após essa imensa

conquista, os regimens fazem, modelam os seus homens, sem que êstes por sua vez deixem de influir nas instituições que acham experimentadíssimas ao nascerem.

É o Brasil uma Pátria Imperial, Monárquica, com OITOCENTOS anos de História, a qual começa na Idade Média em Portugal e se consuma na América desde 1500. Louca estultícia fôra o esquecer tudo isso e fincar o marco da nossa Nacionalidade em 1889 – ano da traição a ela e origem da desgraça nacional. Aí, desfizemo-nos (ou desfizeram-nos) da nossa Identidade, da nossa Personalidade, da nossa Originalidade, da nossa Alma, a base dos nossos actos nacionais e políticos. Procedemos à maneira dos desmemoriados que se desconhecem, não sabem quem são, não tem padrões para agir, pois a base da acção perfeita ainda é o velho "*conhece-te a ti mesmo*" de Sócrates.

Assim, na república os homens são bons ou maus, mas o regimen não presta. Se bons, às vêzes superam a malícia do regimen; se maus, afinam com êle.

Agem os homens segundo o regimen mau para a ambição dos cargos, e então defendem o sistema vigente, legal, que lhes lisonjeia a ambição e lhes permite aspirar legítima ou ilegitimamente à investidura pública.

Derrotados na sua aspiração, voltam-se contra o regimen "legal" e contra os outros homens, os vitoriosos, e querem vencê-los fora dos meios oferecidos pelo regimen que então egoisticamente reconhecem mau, defeituoso, sujeito a fraudes (Entre nós êle já é em si mesmo uma fraude contra as nossas Instituições histórico-naturais).

Já sabíamos dessa contradição dos homens, pois não é por fanatismo senão por Ciência e Experiência nossa e alheia que somos Patrianovistas e contra a república, regimen essencialmente mau (diz Anatole France), ânti-nacional, dissolvente, separatista e embusteiro.

Essa a razão de havermos lançado a notazinha "*Revolução*", em nosso n. 3. Pois a vitória dos homens acarreta a derrota do regimen. E como vencem os homens no mirífico figurino que adoptámos?

Sendo o Povo actual apenas um momento da Nação Brasileira (a única soberana incluindo o Comando Dinástico), ainda mesmo que opinasse na sua totalidade não seria soberano contra todo o nosso Passado e contra todo o nosso Futuro. Somos hoje uns 60 milhões de brasileiros. Excluem-se os estrangeiros interiores, os internacionais, os que obedecem servilmente às injunções estrangeiras; ainda sobram mais de 50 milhões. Com quatro candidatos, quantos são os votos que nos impõem um "rei" provisório... para descontinuar os anteriores?!... "*Admirem-se com as turbas*". É realmente ridículo.

\* \* \*

Quem não quiser aprender com a doutrina, aprenda-o pois com a História, aprenda-o apanhando com os factos que homens produzem segundo a filosofia verdadeira ou falsa que na mente trazem.

A triste sina da Verdade é exigir actos conseqüentes, coerentes. Tal filosofia – tal moral. Acontece, porém, que os esposadores de falsa filosofia não querem aceitar as suas conseqüências. Ao contrário, revoltam-se contra elas.

No caso concreto brasileiro actual, crearam certos democráticos e outros republicanos a filosofia do golpe, mas do seu golpe, isto é do golpe deles. Certos? Errados? A república, como vimos, essencialmente errada. Adeptos do seu golpe, não contariam "cândidamente" com um sábio contra-golpe, "institucionalmente", quer dizer "republicanamente" lógico. E foi o que se deu. O General Lott produziu magistral golpe de Estado, revestido da qualidade de verdadeiro contra-golpe. Magnífico teria êle sido em 1889. Estaríamos salvos de quase todas as crises e catástrofes que nos perseguem há 66 anos.

Mas vivemos sob total crise. Dela participa a chama da ordem jurídica e constitucional. Sofremos entranhadamente tôdas as incoerências sinistras do liberalismo, da democracia, da hipócrita república. Continuará, portanto, o criminoso jôgo capitalismo-marxismo, a

que nos referíamos no número passado. Livres estão em nosso meio os agentes do jôgo. Têm livres os periódicos, solicitam os partidos suicidas a sua diminuta mas eficiente influência eleitoral. É uma guerra estrangeira surda dentro das nossas fronteiras, como a da Inglaterra e de Bonaparte dentro do nosso Império Lusíada nos inícios do século 19.

E, pois que assim é, pode o Brasil contentar-se com uma Disciplina formalista, baseada num código artificial e passageiro, e que não atinge ontológica e fundamentalmente a profundíssima crise do existir brasileiro desligado do ser brasileiro?

Valerá a advertência como desejaríamos? Estarão com a derrota conformadas as fôrças visíveis e "invisíveis" vencidas?

Seja como fôr, salvou-se a actual legalidade forjada em 1946. Até quando? Temos tido tantas legalidades desde 1889! Quanto à Nação Brasileira, essa continuará esperando a salvação definitiva.

República! Tudo superficial e provisório. Especialmente o bem. Só o mal é permanente.

## CRISTO E O REI

Quando um povo renega a Cristo e seu legítimo representante na terra, recebe uma porção de falsos Cristos creadores de seitas disparatadas.

Quando um povo renega o seu Rei, seu Chefe Dinástico Nacional trazido pela sacralidade de uma Família proveniente do fundo dos séculos da sua formação, recebe legião de falsos chefes manifestos ou ocultos que lhe torcem o destino e arruínam os ideais, as aspirações, a felicidade e a vida. Cai na anarquia, na desordem, na cegueira, sem atinar mais com seus verdadeiros e nacionais caminhos.

Perde um Senhor ligado ao seu Sangue, ao seu Espírito, à sua Vida, à sua Vocação e Destino, para padecer o desamor, o crime, a exploração, a morte, pela mão dos déspotas eleitos ou usurpadores arma-

dos, proclamadores de mantidas liberdades, igualdades e fraternidades que terminam em escravidão, desigualdades iníquas e ânti-hierárquicas, mergulhando afinal nas lutas intestinas que destróem as famílias, as nações e a sua paz, a sua honra, prosperidade e independência.

## A HISTÓRIA CONTINUA ENSINANDO...

GLÓRIA A SS. TRINDADE! Foi com esta invocação suprema, a mais alta possível na terra e nomeadamente numa pátria crista e católica, que em 1928 iniciei Pátria-Nova, convidando livre e espontaneamente para a ousada emprêsa um pugilo de amigos caríssimos que procediam de tôdas as encruzilhadas da vida. Destinava-se a renovar a consciência da nossa identidade e originalidade cultural e política nas Américas e no mundo. Conselheiro-Mor, distribuí as tarefas a cada membro do Conselho dos Fundadores, segundo os dotes especiais que lhes reconhecia, para explicitarem as linhas gerais da Doutrina compendiada no programa que estabeleci, e fui nomeando os chefes que providencialmente surgiram por todo o País. Realmente, a obra ia histórico-natural, insensível e logicamente, transbordando de Cultura a Acção.

Há indubitavelmente um profundo mistério na vida das nações. Aquela tirada shakespeareana de que existem mais coisas debaixo do céu do que pensa a nossa vã filosofia em nada é mais essencialmente verdadeira que em se tratando do nascimento, crescimento e vivência nacional. Que segrêdo háverá nos povos, perante os quais, por vêzes e quiçá muitas vêzes, falham os raciocínios lógicos, triunfam aparentes absurdos, ganham vitórias reais e objectivas os mais inesperados paradoxos, derribando as deduções filosóficas pretendentes a valor universal aplicável a todo e cada povo?

Assim como se dá com as línguas, em que nem sempre a expressão lógica, formal, é a certa e verdadeira, também cede com a vida de tôdas e cada uma das nações. Cada uma tem o seu ser, a sua quiddidade diferente: Brasil, Suíça, Estados-Unidos, Grécia, França, etc., etc..

Estudamos, com dados e axiomas metafísicos, o ser e o estar, a evolução e o viver real dos povos, e, nesses, defrontados com os factos sociais constatados pela sociologia, – o lógico, o racional, o deduzido resultam mera utopia que não funciona na realidade, enquanto os costumes aparentemente inexplicáveis (rejeitados pelos teóricos puros), as instituições legadas pela tradição se confirmam prestantes, funcionais, operantes, realizando o bem comum, trazendo a organização, a felicidade, a ordem, a paz, a prosperidade aos povos.

Foi o que vi, foi o que vimos quando, contrariando a atitude de todos os generosos antigos movimentos monárquicos do Brasil de após 15 de nov. de 89, procurámos atingir a tradição total da nossa Pátria, inclusa tôda a parte lusitana anterior ao descobrimento. Com aquela plêiade valorosa, leal, sincera e independente, nossos co-fundadores de Pátria- Nova, estruturámos a Doutrina Patrianovista, a sistemática filosófico-sociológica (que não desdenhou de recorrer à teologia da Igreja), obra do pensador político calcada na experiência histórica – política viva, política em movimento. Hoje é ela conhecida tanto no País como no estrangeiro, talvez mais no estrangeiro do que entre nós, porque alheio aos prejuízos do ambiente e à acepção de pessoas.

É a lição da História, semelhante ao ovo de Colombo, à maneira daquela anedota de muitos conhecida:

–Acabara certo orador célebre de pronunciar conferência maravilhosa. Enquanto todos, encantados, se desfaziam em loas ao novo Demóstenes, um dos assistentes impassível apenas murmurou: Não sei por que se admiram tanto! Conheço um livro em que essa conferência está todinha bem exarada. – Que livro é êsse? retruca alguém. O sr. Pretente dizer que o orador cometeu um plágio? - Sim! replica o do contra: no dicionário da língua portuguesa está essa conferência inteirinha.

Sim, minhas senhoras e meus senhores, o Patrianovismo está inteirinho na História integral da Nação Brasileira que começa, existencialmente falando, na Idade Média, com Afonso Henriques, em Guimarães. Estranho verificar que ninguém tivesse visto isso antes dos patrianovistas! Mas essa história Integral corresponde, para nós, ao dicionário da anedota. Não bastaria, porém, a História para criar o Patrianovismo. Foi necessária muita filosofia aliada a arguto dom interpretativo. É isso que a palavra de mestre do Prof. Dr. J. P. Galvão de Sousa nos vai expor. E honra-nos ademais, com a sua gloriosa presença de Protoparente, Dom Afonso Henriques na pessoa de S.A.I.R. Dom Pedro Henrique de Bragança, seu descendente, como nós outros somos nacionalmente descendentes dos guerreiros peões e nobres, cujas lanças, cujos montantes, cujas espadas e cujas béstas talharam, com o Príncipe valeroso, o destino da Lusitânia independente e nela, fundamentalmente, o Império Brasileiro que realmente nós somos, a despeito do outro Brasil legal.

\* \* \*

Ao aparecermos publicamente em 1929, confessa sinceramente um grande escritor:

*"É qualquer coisa de inteiramente novo que nasce depois da proclamação da República... É o "monarquismo-realista" que surge das cinzas do "monarquismo-romântico" que era o último remanescente da grande e gloriosa tradição imperial da nossa história. É o monarchismo que nasce da observação da República em acção e provindo de homens inteiramente "desligados" do Império por laços "sentimentais" de qualquer espécie. Houve a cisão absoluta e agora vai nascendo de novo a idéia, como força inevitável, como lei histórica de nossa nacionalidade, como aquilo que foi a sua "marca" diferenciativa na América e que um dia talvez venha a renascer, depois das experiências políticas que se preparam, e que oscilarão entre os extremos da direita e da esquerda, entre as ditaduras agaloadas à portuguesa e as ditaduras radicais à mexicana".*

*"Êsse grupinho de rapazes paulistas, portanto, e a sua revista... – ambos surgem no momento em que deviam surgir".*

*"Vêm trazer ao exame da realidade brasileira um contingente de definição, pode-se dizer indispensável. Vêm trazer ao estudo de nossa política um elemento doutrinador que há muito lhe falta. E com isso vêm dissipar muito equívoco, na terminologia vaga e necessariamente ambígua dessas agremiações políticas efêmeras que se debatem hoje em dia, e que vão arrastando a nação à mais terrível das rupturas inter-provinciais... Só ela poderá (a solução patrianovista) talvez conservar o Brasil que recebemos de nossos avós, com toda a pujança e com todo o prestígio moral que deverá readquirir, afim de o transmitirmos íntegro a nossos filhos. Só ela nos fará talvez escapar ao dilema "cesarismo-caudilhismo". – São palavras de Tristão de Ataíde no Jornal, (Rio, 29-9-1929).*

Sòmente o Passado, dignamente interpretado e valorizado positivamente, reconhecido como base de construção sólida possível com os dados modernos, sòmente o passado nos poderá unir para construir o Futuro. Só êle conseguirá realizar, concretizar a coincidência da Nação com o Estado, hoje entidades absolutamente contraditórias. Pois as instituições falsas dividem a Nação, e debalde clamarão políticos utópicos pela união nacional em torno de "partidos" – verdadeiro ilogismo de "*contradictio in terminis*". Aliás a lógica não é apanágio do momento em trânsito.

\* \* \*

Aí repousa, minhas senhoras e meus senhores, a lição única para tirar o Brasil do caos e da miséria moral e económica, e refazê-lo grande potência mundial, pacífica mas forte, decente, respeitada, feliz, soberana. A maneira de o conseguir existe exclusivamente nas suas tradições, nas suas instituições fundamentais, católicas e lusíadas: na base, a restauração do Município antigo adaptado aos tempos modernos – sede da

verdadeira descentralização administrativa que utopicamente buscam na "federação"... norteamericana; e, na abóbada, não uma forma qualquer de monocracia provisória ou vitalícia, decalcada em modelos exóticos, mas a MONARQUIA ORGÂNICA, cujo nome no Brasil, desde 1928, tem sido conhecida como Patrianovista, com seu Imperador, Rei hereditário, fora de conluios suspeitos e sem divisões partidárias – sede da concentração nacional, garantia das liberdades nacionais, penhor da descentralização avessa aos perigosos ciúmes provinciais que tentam destruir a nossa Pátria.

E tudo isso iluminado pela concepção da vida (FÉ), herdada dos nossos Maiores, com a vontade eficaz de ser e afirmar-se (IMPÉRIO), também nossa grandiosa herança.

Do Município, sua essência e sua existência histórica, fale- vos magistralmente como sabe o douto conferencista.

Hoje é o dia dessa instituição milenar, cá implantada a primeira vez pelo emissário de El-Rei Dom João III, o Povoador, emissário esse forrado de ciência e experiência, que foi Martim Afonso de Sousa, fundador de São-Vicente, porta do Planalto de Piratininga, senhora dos sertões da Terra de Santa Cruz.

\* \* \*

E, terminando, volto ao estribilho inicial: há realmente um mistério profundo na vida das nações – guarda cioso e implacável da identidade e originalidade delas.

Os políticos republicanos não aprendem nada.

Repetem hoje os mesmos erros de há 65 e, até, de há 25 anos.

Mas só aceitando êsse inconstrastável mistério como um dogma nacional indiscutível, inviolável, é que poderemos salvar-nos, salvar o Brasil contra todas as sinistras vagas de estupidez, de loucuras e paranoias que se abatem sôbre a humanidade, sem fê, sem resistência e sem defesas hábeis.

Com inteligência, sem preconceitos intelectualistas; com vontade, sem paixões debilitantes, reporemos a nossa Pátria no lugar que já deveria estar ocupando no mundo, longe da arrasadora ironia de país do futuro, de eterno país... do futuro!

(Discurso pronunciado no Dia do Município (22-1-1955), no Salão D. João VI da APISP, antes da conferência sobre o Município na tradição brasileira pronunciada pelo Prof. Dr. J. P. Galvão de Sousa, presente S.A.I.R. Sr. Dom Pedro Henrique de Bragança, herdeiro do trono do Brasil).

## PATRIANOVISMO – O QUE É PÁTRIA-NOVA

PÁTRIA-NOVA ou PATRIANOVISMO é a actualização da Monarquia Tradicional, das nossas Instituições. É um movimento tradicionalista que também já constitui uma tradição: têm TRINTA E DOIS ANOS DE VIDA.

O Patrianovismo é uma doutrina dinâmica com base no princípio estático-dinâmico da Tradição. Enfrenta os problemas com realismo, estuda-os objectivamente, e não os teme. Como fartamente havemos dito, Pátria-Nova é passado, é presente e será futuro, porque, fiel às raízes espirituais e institucionais da Nação, sempre se supera e não ficará obsoleta.

## A SUPERSTIÇÃO CONSTITUCIONAL

Encalhados em néscio feiticismo jurídico, marginais ridículos presos às fórmulas caducas com que se envenenou o Ocidente desde aquêles tristes dias em que os palhaços do liberalismo e do estado ro-

mântico inventaram, contra a opulenta vida política orgânica dos povos, a ditadura, a tirania de um livro condensado de utopias – a CONSTITUIÇÃO – contra a Fé, contra a Tradição, contra a História, contra as liberdades reais dos povos, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade das seitas secretas internacionais e ânti-nacionais – os nossos políticos ignorantes vivem repetindo continuamente asneiras cujas conseqüências calamitosas estão fartissimamente provadas, comprovadas e contraprovadas.

Constitui para êles um deus a constituição escrita, com os seus infinitos títulos, capítulos, parágrafos e alíneas. Deusinho intangível, intocável, melindroso, até que um dia êles mesmos, cansados do culto insensato, o derrubam sob o arruído das armas em nome da salvação da Pátria em que mal pensam... e já ansiosos de levantar outro deusinho estúpido, por terem os mitómanos inventado um pecado tremendo dito "anormalidade constitucional". E também é "anormalidade" o não ser democrática, liberal, eivada da gozada "soberania do povo" a tal constituição, a qual, reza a superstição idiota, há-de ser encomendada a uma constituinte eleita pelo sufrágio universal (coisa realmente impossível e indesejável!) que confere a todos os indivíduos votantes uma sabedoria incomensuravelmente superior ao estudo aturado em doutas academias. Da montanha maravilhosa dessa constituinte, graças à sapiência infundida pelos papeluchos cuja ausência gera multa e cadeia, parteja-se o mostrengo transformado em deus provisório. Amiúdo, por artes cabalísticas, intervém na gestação do monstro o carbono das constituições estrangeiras.

\* \* \*

Bem dizia o feroz Agostinho de Macedo, defendendo o velho direito, desprezado pelos teóricos e lunáticos: "*A Constituição social não está nos livros, nem em pergaminhos, nem em papéis, é obra de outro dedo, existe na essência do homem*

*em primeiro lugar, e em segundo lugar, (isto é difícil de conceber) existe na existência moral da sociedade civil... Vejamos por esta Constituição que é indestrutível na essência da nossa Sociedade Civil o que é, foi, e será o nosso Rei, e quais suas índitas atribuições. Os nossos Reis têm o poder Legislativo; dêles imediatamente emana, e se deriva tôda e qualquer jurisdição. Tiveram sempre o poder de fazer Justiça, e de a mandar fazer por seus Ministros. Tiveram sempre o direito de perdoar, de conceder privilégios, e recompensas, de dispor dos Ofícios, conferir Nobreza, de convocar, e dissolver as Côrtes da Nação, conforme seu poder, prudência, e sabedoria lhes dissessem que hão mister, de fazer a paz, e a guerra, de formar, e de reformar os Exércitos. Os nossos Reis como Legisladores supremos, ainda no meio das Côrtes, que eles convocam, e despedem, falaram sempre afirmativamente, quando publicaram as Leis que temos escritas" (Refutação metódica das chamadas Bases da constituição política da Monarquia Portuguesa, Lisboa, 1824).*

Como não querem os sabidos modernos aprender com a experiência do passado, com a Tradição, com a história (nem mesmo com a história ainda próxima destes últimos 60 anos que estão cheios de desenganos), nada mais sabem que repetir asneiras fartamente castigadas anteriormente. A isso vamos indo de novo.

De 1500 a 1822 vivemos sem constituição e (cada vez mais o descobre a revisão histórica) melhor do que hoje.

Já antes de nós, os nossos Antepassados portugueses haviam vivido com as suas Leis costumeiras, com os seus foros, com seus forais que nos trouxeram liberdades reais e operantes (p. ex. o velho Município), sem nos cacarejarem constituições.

Os próprios Estados Unidos (os verdadeiros) com quem os políticos republicanos brasileiros aprendem a nos fazerem estrangeiros em nossa Terra até mudando o nome dela em uns "estados unidos" que não somos, até êles já tinham as suas liberdades e dessas fizeram por modo lógico (ao contrário de nós ou, antes, dos nossos republicanos que os

copiaram) a sua constituição (dêles), pois a Inglaterra também a não tinha.

\* \* \*

Urge acabar com essa palhaçada. Enquanto saracoteia a farândula diversória do bizantinismo constitucional, mal se cuida dos problemas do povo, do nosso pobre povo martirizado por uma tirania que faz pena não seja de uma vez sangrenta, porque nesse caso, acuado, caçado pelos seus tiranos, êle seria obrigado a se defender de qualquer forma.

Qual a finalidade do Govêrno? Consiste porventura em andar, de cada 4, 5 ou 10 anos, à busca de fórmulas teóricas, utópicas, estrangeiras, fantasmagóricas e imbecis de convivência social e política? Hoje, presidencialismo; amanhã, parlamentarismo; depois de amanhã, regimen colegiado; ora, fascismo; ora, bolchevismo. É por acaso essa a finalidade do Govêrno? É para isso que pagamos a máquina burocrática talvez mais cara do mundo?

Afirmara Getúlio Vargas que com essa constituição, com esse livro de 1946, com essa ferramenta, não se pode governar. Repetiu-o o sr. Café Filho na breve experiência de governação. Sente o mesmo o sr. Juscelino Kubitschek.

Que nos interessam êsses debates? O que nós queremos é govêrno que governe. Que nos interessam novas fórmulas de ser república, se é ela mesma o nosso mal, se todos os verdadeiros estudiosos já sabem que ela está há muito falida, não nos deu nada, nos tirou e tira tudo, sôbre ser dissolvente, ânti-nacional, separatista, desorganizadora, empobrecedora, desordeira, ladra ("*O Brasileiro é o povo mais roubado do mundo*", diz o grande mestre jurista e constitucionalista, Pontes de Miranda)?

Interessa-nos que o Govêrno cuide do bem comum do Povo Brasileiro. E não está cuidando. Nada vemos de sério, de orgânico, de eficaz para melhorar a vida das populações pobres, as aperturas da clas-

se média, para diminuir o custo da vida, para impedir que sejamos tão roubados por nacionais e estrangeiros de dentro ou de fora do País, para salvar as nossas gerações infantis, para recuperação dos marginais, que o não podem fazer por si mesmos.

Sem sairmos da Capital de S. Paulo, tida com razão como um dos melhores centros de vida civilizada do Brasil, ofertam-se-nos aos olhos dolorosas tragédias, espectáculos de pobreza e de miséria material e moral, demonstrativos de que há déficit no que é função específica do Governo nacional. Sôbre os lucros extraordinários, que não passam de roubos ordinários que se permitem e oprimem a todos os governados, colhem-se taxas de usura que, contra toda justiça, não revertem a favor dos oprimidos, a favor da Nação ludibriada.

Todos os dias, aliás, nos apresentam os jornais a paisagem negra do descaminho da vida do povo sacrificado multiformemente, no abandono em que jazem os pontos essenciais da garantia do bem público. Tão corriqueiros se tornaram os factos, que budisticamente não ligamos mais para tais acontecimentos. Em conjunturas de calamidade pública (e é o nosso caso) problemas do povo têm precedência, tem prioridade sobre tudo mais que se torna suntuário e inoportuno. RESOLVAMO-LOS!

Se, porém, não cuidarmos seriamente de resolvê-los, breve êles se atirarão sôbre nós como feras vingadoras. Bastará que algum filho de Átila saiba aproveitar-se da situação de desespero, de desgraça, péssimos conselheiros. Cuidado com a irrupção dos marginais humildes! Podem tornar-se os ferocíssimos agentes da vingança divina contra os Caíns soberbos que escarram esta desculpa: "*Sou eu porventura o guarda de meu irmão?*"

Senhores donos da república! Continuai discutindo as patranhas das vossas constituições quiméricas. Sois cegos, surdos e criminosos! Só mudos não sois, porque falais demais e nada fazeis.

Aproximam-se os cavaleiros de Átila! Quem deve a Deus pagará ao diabo. E bem caro haveis de pagar.

As chamadas fôrças políticas partidárias, no Brasil, são absolu-

tamente irresponsáveis e impatrióticas. Sob pretexto de "nacionalismo" de última hora e refertas de celerado egoísmo e ambição, poderão a qualquer momento entregar o Estado Brasileiro às mãos dos maiores criminosos e bandidos internacionais, como o fizeram no leste europeu.

Não façamos o jôgo de nenhuma potência predatória e bolchevista só por desamor a outra.

No Brasil Republicano justamente os que menos precisam são os que mais privilégios e regalias têm. Descontos nisto, abonos naquilo, gratuidade nisto, bôlsas cá, facilidades lá...

É um excesso de generosidades para os privilegiados do regimen bonzinho, prejudicando os pequenos, os pobres infelizes, os humilhados, todos largados a si mesmos na desgraça.

Mas isso é contra o direito, contra a justiça, contra a caridade, contra o bem comum, contra a Nação que o Estado não representa, não defende, nem protege. Isso não pode continuar Brada aos céus.

**A ORIGINALIDADE POLÍTICA BRASILEIRA NA AMÉRICA É A MONARQUIA, O IMPÉRIO.**

**TUDO MAIS É ARREMEDO, FALSIFICAÇÃO, IGNORÂNCIA HISTÓRICA DE INEPTOS, PARA NOS DESNACIONALIZAR, ENFRAQUECER, INFELICITAR, ANULAR E DESTRUIR.**

**PÁTRIA-NOVA É UM APOSTOLADO ESPECÍFICO, ISTO É APOSTOLADO POLÍTICO, PARA REGENERAÇÃO DO ESTADO SEGUNDO A IGREJA E A TRADIÇÃO NACIONAL.**

## **VISITA DENTRO DA FAMÍLIA**

Ninguém como PÁTRIA-NOVA pode, no Brasil, rejubilar-se tanto com as calorosas e espontâneas expansões festivas com que vem sendo acolhido o Exmo. Sr. General Craveiro Lopes, DD. Chefe do Estado português.

Em 1928, época na qual, desviada dos nossos gloriosos caminhos lusitanos de 800 anos, imensa parte da intelectualidade brasileira só tressuava restrições a Portugal e aos portugueses, na ignorância histórica ou nos embustes vergonhosos de uma história falsificada; numa época em que, parricidamente, se negava o nosso Passado substituindo-o por tradições... estrangeiras, fomos em todos os planos, e especialmente no cultural e político, os campeões da reconquista, os campeões do resgate, os campeões da rectificação da nossa História, campeões da COMUNIDADE LUSÍADA bem como do entendimento especial do Mundo Hispânico.

Fácil é hoje abraçar tais idéias correntes no pensamento diplomático hodierno. Não no era, porém, há 30 anos. Que o digam os pòveiros, que o digam os destemperos ânti-portuguêses da Liga "Nacionalista", as lutas de Paulo Barreto, etc....

De lá para cá, mudaram muitíssimo as coisas, e, em proporção enorme, enormíssima quicá, deveu-se isso ao PATRIANOVISMO, embora numerosos arrivistas, presunçosos inúmeros, invejosos ou megalómanos "posudos" o pretendam silenciar ou ignorar. Basta reler o último artigo do nosso Programa para o reconhecer. Basta rememorar o quanto (após o primeiro contacto com os patrianovistas portugueses) fizemos os dois ramos da Lusitanidade, para se desfazerem tôdas as dúvidas a respeito da nossa asserção.

Desconhece-o a geração nova. Cumpre, pois, afirmar-mo-lo em uma hora feliz em que se colhem os primeiros frutos opimos de uma campanha idealista e CONSTRUTORA DO FUTURO, na qual não desprezamos de maneira alguma, senão antes ovacionamos os abnegados operários da undécima hora.

Acontece, porém, o havermos recebido de um correligionário português, de Lisboa, o seguinte comentário:

*– "Vai, ao Brasil, um luso Presidente. São dois regimes que se cumprimentam... Mal sabem, cá e lá, o que sustentam, Em sua vida vaga e aparente!..."*

*"O povo vai à festa... mas bem sente Que presidentes pouco representam!... Não são nada daquilo que aparentam... E, como o povo, são a ignota gente!"*

*"Ver Nações em pessoa, só nos Reis. Outros chefes quaisquer – meros farneis... Ou leve aperitivo... dado à toa! O nosso Portugal, herói, gentil, Só poderá abraçar o Irmão Brasil, se o REI DE PORTUGAL fôr em Pessoa!"*

Como patrianovistas, compreendemos perfeitamente o estado psicológico do missivista poeta, cujo nome não estamos autorizados a divulgar. Grato nos é, todavia, completar a peça benvinda com outra da nossa lavra, preparando de certa maneira os próximos acontecimentos que hão-de mudar a face destas nossas Terras de Santa Maria. Ei-la:

*– "Quando o REI PORTUGUÊS vier em Pessoa, será aleluia em tôda a Cristandade. Aquela Cruz das velas de Lisboa Juntará as duas Pátrias da Saudade. Nêle virá a Nação da média Idade saudar a Filha na Imperial Pessoa do Novo Pedro cuja Majestade a dos Borgonhas com direito ecoa".*

*"Na espera, vou saudar Craveiro Lopes – símbolo actual dos marciais ciclopes que El-Rei mandou desde o Brasil a Goa. Ei-lo arauto do Rei. Seja benvindo! Mas o Brasil aguarda o dia lindo, em que o REI PORTUGUÊS VENHA EM PESSOA".*

Alheios, pois, nesta hora de transição, a tudo quanto nos pudesse dividir empanando o fulgor da recepção fraterna oferecida pela Alma Brasileira à Alma Portuguesa (ambas Lusíadas), solidarizamo-nos cordialmente com tôdas as homenagens prestadas a S. Excia., o Sr. Presidente General Craveiro Lopes.

## **CARTA AO BRASIL POBRE**

Quando prenunciamos o próximo advento do Império Patriano-

vista sob o comando legítimo e redentor de Sua Majestade Imperial Sr. Dom Pedro III (Dom Pedro Henrique de Bragança), alguns ambiciosos inertes e sovinas que até agora nada fizeram de positivo pela salvação total do Brasil, pensam – denunciando velhaca mentalidade republicana – em títulos, prebendas e privilégios intoleráveis em um país empobrecido e miserável, assaltado por tôdas as patifarias essencialmente incubadas no actual regime, no qual vive à fôrça, mercê de dominadores interesseiros, um povo decaído da sua passada grandeza, abastança e felicidade.

Andam completamente enganados êsses débeis espíritos vulpinos, sejam quais forem os títulos e nobrezas dos seus dignos avós cuja memória sagrada os seus procedimentos ora renegam.

Não poderão os próceres do futuro Império pensar em larguezas, liberalidades, esbanjamentos e honorários democráticos, isto é escorchadores do Povo Brasileiro, esgotado e depauperado por 70 anos de república e democracia pulhas de demagogos ladravazes que gritam pobreza honrada em público e cobram usuras e propinas aos seus donos ocultos, atrás dos bastidores da sua pantomima governamental, trágica para a Nação dessangrada.

Uma grandeza há-de haver, com a graça de Deus, para os chefes do Brasil restaurado pela Monarquia nova: a grandeza de SERVIR, a grandeza da austeridade, do devotamento à felicidade do Povo, aos interesses e reabilitação moral e económica da Família brasileira, do Trabalho brasileiro, da Honra brasileira, das Propriedades e Patrimónios brasileiros, da Pátria brasileira vilipendiada e desonrada, bem como da dignificação do Estado Brasileiro que vai deixar de ser posse permanente de partidos e caudilhos esfaimados e estultos, de piratas e grupos secretos internacionais.

Não precisaremos, para isso, ir buscar modelos fora da nossa Tradição, riquíssima em varões sem mêdo e sem labéu. Viveram modestamente muitíssimos dos nossos condutores antigos, cuja opulência era o carácter, o amor de Deus, da Pátria, da Cristandade, e a justiça

para com os pobres de Cristo, sem demagogias baratas.

Até os legítimos honorários dos artífices responsáveis, abaixo do Imperador, pela magnitude e felicidade do Império a ser reconstruído sobre as ímprobas ruínas deixadas atrás pela república finalmente extinta, até êsses justos honorários sofrerão o sujeitarem-se a reduções aquém dos seus méritos e condignidade, afim de, com sacrifícios, abnegadamente aceitos, ajudarem a refazer a economia arrasada de uma Pátria exaurida por tantos anos de desperdício, de "generosidades", de pilhagem, de incompetência e de desprezo ao bem público. Única atitude será essa, e meio único, de realizar as imensas obras urgentes de saneamento, educação e fomento dos enormes empreendimentos geopolíticos, agrícolas, industriais, de transportes e recuperação do dilatado tempo perdido em contínuos desgovernos e governos descontínuos, os quais a zero reduziram o colosso representado no mundo pelo Brasil-Português (chamado por ignorância "colônia") e pelo Brasil-Império prestes a ressurgir.

TUDO ESTARÁ POR FAZER OU REFAZER. Desde as obras materiais de interligação ferroviária das vilas, cidades e províncias do Império, até o velho e glorioso Prestígio Internacional e o Poder Militar e Naval do Brasil, sem esquecer o sistema de aliança com povos irmãos, lusitanos e outros. Não se poderá conseguintemente pensar em manter granfinos ociosos e sibaritas avacalhados. Em se apresentando arruinada uma casa e ameaçando desabar sôbre os moradores, criminoso imperdoável é quem alega direitos sem propósito e cogita em suntuosidades, mobílias caras, jarras preciosas, quadros magníficos, tapizes suntuários e candelabros de alto custo.

Primeiro que tudo, reconstruir o edifício em ruínas.

E ai de quem o não quiser compreender! Não tolerarão brincadeiras aquêles que, nos dias quando, solitários quase, construíam a arca de salvação, sobremaneira padeceram por não acharem operários de boa vontade que, convidados, os ajudassem a cravar um prego, mas ao contrário o negaram com silêncios de não-colaboração ou os cha-

cotearam com as suas acanalhadas chufas de vivedores sabidos e mal intencionados.

Primeiro que tudo, reconstruir o prédio arruinado pelo inimigo da Pátria. Para isso há mister não gozadores, oportunistas e pelintras, mas homens de fibra, másculos, desinteressados, operosos, prudentes, sábios, cheios de fé, e não moluscos efeminados, egoístas e presunçosos, aproveitadores da desgraça nacional.

Necessitar-se-ão almas ardorosas de cruzados, de ascetas, de penitentes capazes de envergar cilícios debaixo das casacas, dos fraques, das condecorações, das medalhas e das fardas de condestáveis e marechais do Império, para terem a fortaleza santa de renunciar bravamente às paixões debilitantes, às solicitações emolientes e às fraquezas da carne rebelde; pois já o afirmou a sabedoria divina: "*O espírito está pronto, mas a carne é fraca*".

Cumprirá, com a instauração imperial, RESTAURAR AS VIRTUDES ANTIGAS para se poderem aplicar as verdades antigas, que são eternas verdades, verdades de todos os tempos.

Quem não quiser e não puder revestir-se dessas qualidades salvadoras; quem não quiser ou não puder ser êsses cruzados, êsses ascetas, êsses penitentes, êsses abnegados samaritanos a favor do Pobre Brasil e do Brasil Pobre, samaritanos dos pobres do rebanho e da pobre Nação que fora em 1889 assaltada e roubada no caminho da sua Vocação e Missão Histórica – quem o não quiser e o não puder declarar-se-á indigno de comandar no Império Novo, no IMPÉRIO ORGÂNICO que surgirá na hora de Deus.

## PRETENSÃO RIDÍCULA

É ridículo quererem os governos republicanos que estados estrangeiros, norteamericanos ou outros, nos "ajudem". É servilismo canalha que vem desde 1889.

A república deve gastar menos, reduzir o funcionalismo, deixar de premiar a sua burocracia com polpudas prebendas; deve sim auxiliar a produção ou, pelo menos, deixar de atrapalhá-la com infinitas peias e explorações criadas contra ela.

Precisa dar aos brasileiros as FACILIDADES que servilmente vive dando aos estrangeiros que aqui vêm instalar à nossa custa as suas indústrias de sucção DO nosso dinheiro COM nosso dinheiro. Afinal, a república precisa começar a ter um pouco de vergonha do mal astronómico que vem causando ao Brasil desde sempre.

O BRASIL NÃO PRECISA DE ESMOLA, MAS DE ORDEM DENTRO DE CASA.

O regimen imposto ao Brasil em 1889 é uma ditadura republicana eleitoral e fiscal, sustentada pela exploração do trabalho de todos os brasileiros.

Não adianta reforma alguma eleitoral. Isso é panacéia de primários da ciência política.

O necessário é liquidar a tal "representação" partidária que não representa patavina.

É preciso que a Nação viva se represente pelas suas fôrças vivas, naturais, sem o intermédio artificial dos rótulos chamados partidos.

## **URGE LIQUIDAR A DESASTROSA "REGÊNCIA" REPUBLICANA**

Opondo-lhe a "Maioridade" do Brasil – haverá porventura campo em que melhor se aplique a virtude da prudência do que na ciência e na arte da política? Quem pode, na vida particular, prescindir dela? Quem há aí que, na vida doméstica, ousa eximir-se de aplicá-la em face dos inúmeros problemas pequenos e grandes que a todo momento sur-

gem no decurso da existência? E quem pode ter que a não exercite na profissão e até no recreio e nos desportos?

Pois bem. E como hão-de os políticos ignorá-la no orientar, no planejar, no executar dentro do terreno complexíssimo em que decorre o existir das colectividades? E como poderão exercitar tamanha virtude a qual se move em meio da infinidade dos casos e factos particulares, se não têm e não procuram ter ciência dos particulares que se conhecem pela Sociologia e máxime pela História da Nacionalidade em causa?

Foi justamente visando a êsse aspecto da realidade que estabelecemos em nossa modesta teoria histórica um lugar para a "história como prudência". Quadra-lhe, em verdade, tal atributo com ser a política em movimento, com ser lição para os que não querem errar, escola para os desejosos de aprender... sem apanhar, graças às vergastadas padecidas por outros no Passado.

\* \* \*

Para exercício dessa prudência de que são baldos os nossos políticos e militares do presente, apresenta-nos a história a época regencial, episódio trágico republicano dentro da grandeza imperial da nossa História de antes de 89.

Estudando-a diz Max Fleiuss: "*A Regência representa em nossa História interregno, ou período de transição e convulsão, que teve causa no estado de indisciplina deixado, com a Abdicação, na caserna, e explorado pelas paixões políticas e excessos da demagogia partidária...*

*"A missão suprema do governo regencial foi, sem dúvida, a de salvaguardar, na existência de uma criança que acabara de ser coroada 2.º imperador constitucional do Brasil, A VIDA DO PRÓPRIO BRASIL E DA UNIÃO DAS SUAS ENTÃO 18 PROVÍNCIAS (versal nosso). // A indisciplina, tanto nos partidos quanto nos quartéis, que armou o pronunciamento de 7 de abril, tendo superado muito além do a que visava, fêz desencadear a anarquia por todo o país. // Golpes de es-*

*tratégia dos demagogos, unidos aos comandantes de certos corpos do norte do país, ameaçavam de destruição o nascente Império brasileiro fundado pelo senso político e espírito enérgico unitarista de Pedro I e José Bonifácio". "V. Apostilas de História do Brasil".*

Ora, que mais é o nosso viver actual senão reincidência largamente acrescida dos fenómenos políticos daquela era "brasileira", na qual se movimentavam homens e estadistas brasileiros, temperamentos brasileiros, caracteres brasileiros, reacções brasileiras, repercussões brasileiras, sentimentos brasileiros?

E qual foi a solução última a que chegaram aquêles BRASILEIROS, ao depois de tudo tentarem para resolver "dentro do quadro regencial", isto é – electivo, democrático, republicano, o grave problema nacional? Recorreram ao Imperador-Menino, pois não se tratava de questão de homens, visto como grandes homens individualmente eram todos aquêles atlantes hercúleos procedentes do Estado do Brasil (Vice-Reino), do Reino Unido de Dom João VI, da Regência pedrina e do 1.º Império. Tratava-se de REGIMEN, pois os homens eram individualmente insignes e cada um e qualquer dêles maior do que a CRIANÇA Dom Pedro II.

Só não tinham o prestígio dinástico. Mas isso ERA e É tudo!

E tiveram a coragem FINALMENTE de julgar-se impotentes a salvar o Brasil com república (que de facto o era a Regência). E nesse "julgar-se" mostraram-se deveras grandes homens, brasileiros excelsos.

\* \* \*

Que fazem, ao revés, êsses grandes ou mediócrs de hoje? Onde lhes ressona a prudência política? Onde a prudência e lição histórica? Há uma grave questão nacional? Resolver-se-á com imitação a instituições francêsas, uruguaias, suiças, urssistas ou... norteamericanas...

Prudência, senhores donos do Poder! Êste, se o tendes, foi-vos dado ou "permitido" por Deus para realizardes o Bem Comum dentro

do quadro institucional brasileiro (não republicano!). Cumpre afinal se proclame a Maioridade do Brasil que precisa deixar de ser macaco do mundo até no nome copiado dos verdadeiros Estados-Unidos. Nós não somos isso!

Elevai-vos à altura dos nossos soberbos Antepassados que se tornaram maiores realizando a MAIORIDADE.

## O PATRIANOVISMO E O MUNDO ÁRABE

Vivemos trágicamente um mundo cismático.

Há quase 200 anos, após uma preparação ímpia, gerada no neo-paganismo renascentista, agravada na secessão da dita "reforma", piorada na seqüência dos déspotas "esclarecidos" pelo iluminismo dos pedreiros- livres e logo culminado na traição teológica e política total do rompimento com Deus e com a sua Igreja na Revolução pseudo-francêsa – o mundo desmedievalizado, descristianizado, descatholicizado no naturalismo ânti-teísta, no racionalismo orgulhoso e satânico, no liberalismo presunçoso e rebelão bem como no medíocre democratismo inferiorizador e ânti-hierárquico, tornou-se isso que aí está, até sumir-se voraginosamente no caos socialista de todas as gradações, desde o róseo fascismo até o rubro comunismo totalitário, sem Deus e contra Deus.

Por isso, afirmará Goethe: "*Tornar-se-á mais sábia e mais percuçiente a humanidade, mas não melhor, nem mais feliz, nem mais activa. Vejo chegar o tempo em que lhe retirará Deus a sua complacência e terá novamente de destruir tudo para renovar a criação*".

Faz-lhe respondência Niebuhr, em 1830; "*Se Deus não nos aju-*

*dar com um milagre, a nossa época irá ao encontro de uma destruição iminente, comparável à que atingiu o mundo romano pelos meados do terceiro século da nossa era: uma destruição do bem-estar, da liberdade, da cultura, da ciência".*

Nem é menos duro Ranke, na quarta década do século passado: *"Antes, recorda êle, eram comuns a todos as grandes convicções; sôbre a base delas, podia-se progredir. Hoje, tudo é por assim dizer pronunciamiento e nada mais. Nada se incorpora mais ao real, tudo se dissipa. O que vai mais longe exprime apenas o sentimento de um partido e só acha eco no seu grupo"*. Vide Karl Jaspers, *La situation spirituelle de notre époque*.

Vivemos, pois, tràgicamente um mundo cismático. As colectividades estão (pelo menos em seus comandos estatais) abertamente contra Deus ou praticamente, em seu estulto naturalismo auto-suficiente, negam a Deus.

Por outro lado, e conseqüentemente, perdida a velha sabedoria, perdido o senso de justiça, abandonada a caridade, andamos todos – classes, raças, estados e nações – divididos uns contra os outros. Fundamentalmente, patenteamos uma ferocíssima INIMIZADE GERAL.

Tão grave não fôra a significação do facto, vivêssemos porventura antes da Revelação, antes do Cristianismo.

\* \* \*

Foi ponderando isso que voltámos a uma velha meditação nossa sôbre o tema da amizade. E confirmámo-nos na certeza de proceder ela amiudadas vêzes e paradoxalmente de uma inimizade ocasional.

Não será, conseguintemente, possível brotar das caliginosas trevas de tamanhas desavenças a alvorada de uma venturosa paz cristã?

E daí viemos a cair num aspecto da Doutrina Patrianovista, referente ao último artigo do nosso programa, ainda não explicitado: as nossas futuras relações com o Mundo Árabe.

Ainda há pouco, confirmava o rei Ibn Saud a devoção e amicícia dos árabes à Espanha. Poderia aliás estendê-las às Espanhas, aos Hispânicos em geral, isto é aos espanhóis e neo-espanhóis, assim como aos lusitanos, a saber portugueses e brasileiros.

Qual a origem remota dessa ligação afectiva entre o mundo hispânico e o mundo árabe? Uma guerra, uma tremenda invasão, seguida da convivência ora calma ora tormentosa durante oito centúrias, valorizada pela inter-transfusão de cultura e de sangue. Nasceu, por consequente, duma inimizade acidental essa hoje consolidada boa-vontade recíproca que, como exemplo modelar para todos os briguentos dêste pequeno orbe terráqueo, se nutrem todos os hispanos e os povos adstri-tos à cultura arábica ou à própria raça árabe.

\* \* \*

Há uns vinte anos, publicávamos, em jornais patrianovistas e outros, o artigo "*Século vinte, o grande século unitário*". Tratava-se apenas de exposição de uma das facetas da universalista doutrina de Pátria-Nova, encarando êste século como o das vastíssimas alianças supranacionais, nacionais e culturais (antes de tudo baseadas no espírito), mas de que advirão também, ademais da sempre desejada unidade religiosa, largas vantagens económicas e de bem-estar temporal generalizado.

Cremos firmemente estarmos nós os lusíadas (ainda silenciando sôbre os outros hispânicos), cremos estarmos nós os lusíadas – brasileiros e portugueses – preparados psicològicamente para realizar a nossa parte não diminuta no mundo unitário, que já desponta, logo após a próxima derrota fragorosa das paranoias totalitárias, isto é democráticas, socialistas bolchevistas, ora estrebuchantes.

E não se pense tratarmos de algo que ainda precisa começar. Já se começou há muito tempo. "Colheita" lhe quadra muitíssimo bem. É só tomar conhecimento do que se passa no mundo ultramarino português, onde vivem e prosperam em paz ombro a ombro (embora por

vêzes com fé religiosa diferente) portugueses multicores e populações ismaelitas. Objectivamente o lembra Gilberto Freyre: – "*...Enquanto ingleses e holandeses, calculistas e metódicos, tendo semeado ventos de furor, e ao mesmo tempo de sistemática imperial por êsses mesmos espaços, colhem hoje tempestades na Ásia e na África, o português é, no Oriente, em Moçambique, na Angola, na Guiné, em São-Tomé, em Cabo-Verde, na América, menos um povo imperialmente europeu que uma gente ligada pelo sangue, pela cultura e pela vida a povos mestiços e extra-europeus. Daí os próprios africanos dividirem os homens em "europeus", "africanos" e "portuguêses", como eu próprio verifiquei em conversa com um prêto do Congo Belga que me pediu dinheiro para "matar o bicho".*

*"E donde derivou o português êsse método de convivência lha-na e cristã verdadeira com os povos afro-asiáticos, julgados "inferiores" pelos soberbos nórdicos? – Foi "adoptado pelo português desde os começos do século XV, senão conscientemente, por força de contágio com o mesmo mouro ou árabe, como base de uma política social, ao mesmo tempo nacional e ultra-marina".* Vide Gilberto Freyre, *Um brasileiro em terras portuguesas*, Livraria José Olympio Editôra, 1953.

Bom lembrete êsse para certos tolos e ignorantes, amigos de comparar o povoamento português do Brasil com a colonização de ingleses, francêses e holandeses... em desfavor nosso.

\* \* \*

Sem querermos recorrer a outros dados culturais que, em casa, no Brasil, nos prendem ao mundo árabe (Também aqui não vem ao caso a nossa fundamental Latinidade Cultural Cristã), importa não esquecer havermos assinado um tratado solene com a República do Líbano, correspondente ao Tratado de Amizade e Consulta brasileiro-português, base oficial da nossa COMUNIDADE LUSÍADA. Ora, em virtude dos próprios têrmos dos dois tratados, entende-se que Portugal já está igual-

mente aliado ao Líbano, como decorrência jurídica.

\* \* \*

Sob o signo sobrenatural de Nossa Senhora de Fátima (cuja Imagem Peregrina conquistou para Cristo Nosso Senhor as glorificações do Mundo Árabe e Islâmico à Mãe de Deus), à sombra da Mensagem Mariana a tôda a humanidade, vamos entrar na Idade Nova.

Só o amor de benevolência, diz Tomás de Aquino, só o amor de benevolência, quer dizer o amor que faz com que desejemos o bem de alguém, se assimila à amizade. Não o é o amor falso, egoísta, cúvido e preconceituoso. Cf. *Summa Theologica*, II-II, 23, 1º, c..

Aos povos afro-asiáticos levaram os nossos Maiores a Fé e a nossa Cultura e, com elas, uma amizade cooperante, da qual ainda sobejam relíquias até em províncias transferidas a outras influências menos fraternais. Com êsse mesmo espírito abordámos os povos árabes.

Ninguém, mais do que nós, os descendentes carnis ou somente culturais daqueles ínclitos "barões assinalados", tem credenciais afectivas e familiares para procurar e dar cooperação ao Mundo Árabe. Urge aprestarmo-nos para isso. Indica-no-lo a própria Tradição.

O Tradicionalismo brasileiro que prepara a nossa Pátria para a sua transcendental Missão histórica chama-se PATRIANOVISMO e é o tractor que rasga as avenidas luminosas da Era Nova para o Brasil e quiçá para todo o mundo.

Na sua humilde mas audaciosa emprêsa, representa a Fidelidade a Deus e à Nação.

## CRISTO REI

Por que se retirou Jesus quando o povo, saciado pelo milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, quis arrebatá-Lo para O fazer rei?

Porque Ele já era Rei por Deus (como o deve ser todo verdadeiro Rei) e não tolerava ser rei pela soberania falsa do povo, o mesmo cuja mutável opinião, conduzida por demagogos, mais tarde O condenaria e clamaria a pedir a sua crucifixão.

Bem sabia Cristo a precariedade da "realeza" comunicada por sufrágios populares. E a sua fuga importou em condenação e reprovação do voto por mero interêsse material. Em se dando, porém, a oportunidade de declarar a sua divina Realeza (a verdadeira que do Pai eterno provinha e da sua ascendência davídica), essa afirmou-a Êle diante de Pilatos que por sinal demagògicamente O condenou para ser fiel à democracia que vociferava em frente ao Pretório.

Afirma-Se Rei, perante quem havia de condená-Lo por mêdo do alarido popular, Aquêle que recusara ser rei por mera aclamação democrática.

Nós patrianovistas preferimos essa lição divina a tôdas as mentiras liberais e democráticas que transferem para a "vontade" do povo, para a opinião do povo ou refalsadas assembléias, para as palhaçadas eleioeirias caríssimas e estúpidas, o que pela natureza mesma das coisas procede de Deus.

## PATRIANOVISMO EM MARCHA

A muita gente desprevenida foi maravilha o nosso artigo do número passado sôbre o "*Patrianovismo e o Mundo Árabe*". Pois nada perdem por esperar: outras maravilhas virão a seu tempo.

Há-os inúmeros por ai que ainda não se aprofundaram no conhecimento do que seja Pátria-Nova, filosofia política e organismo DIFERENTE, que fundámos em 1928. Mas quem na *ORGÂNICA PATRIANOVISTA*, nosso livro fundamental, ler atentamente os três capítulos

"*Declaração dos Princípios Teológicos*", "*Declaração dos Princípios Filosóficos*" e "*Declaração dos Princípios Políticos*", de nossa lavra directa, descortinará por certo os horizontes universalistas da nossa Doutrina, baseada nos princípios da nossa Fé, da nossa Tradição, da nossa História.

Não se trata de pátria-velhismo, não se trata de restauração indiscriminada do Passado, senão de INSTAURAÇÃO de uma ordem nova, no mesmo sentido com que na encíclica *Aeterni Patris* Leão XIII recomendava, no campo filosófico, o revigoramento da Escolástica: *Vetera novis augere et perficere*, isto é com novidades, com actualidades, com descobertas modernas em todos os campos do saber, da pesquisa, da meditação, aumentar, revigorar, modernizar as coisas antigas já fundamentalmente boas, essenciais, esquecendo todo o acidental porventura desnecessário, atendendo todavia à verdade experimental de que o acidente, desprezível à luz metafísica, nem sempre o é na realidade social e política.

Dessa ponderação facilmente se deduz a actualidade permanente de PÁTRIA-NOVA, pois não envelhece, nem envelhecerá enquanto formos todos fiéis aos seus princípios estabelecidos na fundação em 1928. Como em certo artigo anterior definimos, ela mesma, na sua plasticidade, sempre se supera, adaptando-se a tôdas as circunstâncias, a tôdas as variações ambientais.

Uma vez que muito daquilo que Pátria-Nova é e comporta como desenvolvimento orgânico não foi ainda declarado, explicitado menos ainda, divulgado sequer nas linhas gerais que alguns no comando da A.I.P.B. já conhecem – muita surpresa ainda se propiciará aos poucos espíritos de prol consagrados, sem interêsse pessoal, à futura grandeza e felicidade do Brasil, que se aproxima.

Aliás, manifesta-se na actualidade política brasileira uma vontade de realizar o que o PATRIANOVISMO há quase trinta anos estabeleceu em grandes linhas como SUA FINALIDADE. A nossa CIDADE BRASIL (nomeada em nosso poema "profético" SATANÁS

escrito em 1924) vai surgindo aí como BRASÍLIA. Renasce com vigor o pensamento da redivisão territorial das Províncias (os "estados" dos norteamericanizados!) Ganham foros de problemas actualíssimos os da nossa magnífica geopolítica. O Municipalismo (de que antes falávamos sòzinhos) vive na ordem do dia, embora por vêzes com fim demagógico, homenagem da vacuidade republicana à nossa verdade imperial. Aparecem obras importantíssimas como essa do sr. Bezerra de Menezes, "*O Brasil e o mundo Ásio-Africano*", que vêm ao encontro da futura Política Exterior e, principalmente, da Política Africana do Império Brasileiro (de que unicamente Pátria-Nova possui a chave, o *abre-te, Sésamo*). Já o próprio govêrno de Getúlio Vargas assinara o "*Tratado de Amizade e Consulta*", marco inicial do renascimento da COMUNIDADE LUSÍADA. Tudo isso é Patrianovismo em marcha, tudo isso é a obra nacional de Reconquista, para a criação do mundo novo em harmonia com as nossas sacrossantas tradições católicas e imperiais. Que outra coisa, senão aspiração rácica misteriosa de volta à Corporação Nacional essa insistência das classes produtoras em quererem ser ouvidas por êsses politiqueiros incompetentes e ditatoriais que impõem leis arbitrárias sôbre todos os problemas (tentando-o até sôbre a organização da Família), julgando-se donos da natureza humana, donos das propriedades e donos até das nossas pessoas?

E não é sòmente isso. Longo seria enumerar todas as questões em que a república deseja embalde substituir-nos. Nada de grande poderá ela fazer, a despeito da inegável boa vontade de muitos dêsses militantes políticos. É PROBLEMA DE REGIMEN, NÃO DE HOMENS. Como já antes dissemos, eram muito superiores ao menino Dom Pedro II, individualmente considerado, aquêles olímpicos varões da época regencial. E marchava para a perdição total, para o separatismo o imenso País creado pela gesta dos nossos Maiores em 300 anos sob o comando directo dos nossos Reis Portuguezes, Proclamou-se a Maioridade!

Vai em marcha o Patrianovismo, pregando sempre, indefectivelmente, a volta do Imperador. Será uma nova Maioridade contra a

infantil regência dos eternos aprendizes de política que são os estadistas republicanos ou a república mesma, sempre provisória.

Na sua serena e douta simplicidade, imperial simplicidade, aguarda S.A.I.R. Sr. Dom Pedro Henrique de Bragança (Dom Pedro III) o apêlo angustioso da Pátria mal ferida e desmoralizada pela vergonha, inoperância e corrupção da república que já ensaiou todos os tipos de constituição e sistemas eleitorais (!) para evitar o inevitável: a MONARQUIA.

Aproxima-se o momento histórico, fatal, em que já será impossível continuar o ludíbrio atroz, culpado da infelicidade, miséria e desmoralização do povo brasileiro. PÁTRIA-NOVA está em marcha.

## BRASILEIRO, ALERTA!

Não adianta dizer que o Brasil está perdido; que os políticos são néscios, imorais e ladrões; que a multidão de erros políticos, económicos, financeiros, diplomáticos, administrativos destrói a nossa substância, nos empobrece, nos esgota, nos mata; que a máquina governamental nos saqueia; que a inflação vai destruindo o Brasil; que o custo da vida está pela hora da morte; que há muita falta de justiça; que a impunidade campeia triunfadora. Tudo isso é verdade. Mas não basta falar. Importa reagir. O estado republicano é e foi sempre isso mesmo. IMPORTA REAGIR. Dos homens inteligentes, honrados, corajosos, servidos por uma Doutrina Política NACIONAL, depende a mudança dessa situação...

Essa DOCTRINA é o PATRIANOVISMO que com a Monarquia Orgânica derribará o regime eleitoreiro, origem da desordem, desorganização, saque, pobreza, miséria e ruína do Brasil.

Aliste-se nas fileiras patrianovistas, ingresse nos grupos de propaganda imperial. Colabore por todos os meios (oração, trabalho, sacrifícios) para restabelecer a consciência monárquica brasileira e, com ela, a nossa Identidade, Originalidade e Personalidade nas Américas e no

mundo.

E o Brasil voltará a ser uma GRANDE POTÊNCIA em todos os sentidos. E o Povo Brasileiro será livre, poderoso, rico e feliz.

VIVA A MONARQUIA! VIVA DOM PEDRO III!

## **SEM REI NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL**

Sem Rei não há união nacional. Estadeia-se tal afirmação como lema do nosso jornal. Não vãmente, por certo, lá em cima o colocámos, nem foi gerado em momento de tédio ou inconsideradamente, qual mera abstracção. Não. Está escrito em nossa História, quer dizer – nossa política experimental de 800 anos. E não só qualquer brasileiro de cultura profunda e actualizada com as ciências sociais, senão todos os lusíadas e hispânicos nas mesmas condições culturais sabem disso.

Perguntai, se quiserdes, o que fêz e conseguiu, nos séculos, manter a unidade da Espanha. Indagai o que logrou manter a unidade europeu-ultramarina de Portugal. Pesquisai o como e o porquê da unidade ibero-americana, isto é da Espanha e sua América até os começos de século 19. Vereis que ao REI se deveu essa união.

Buscai, em seguida, conhecer o que por duas vêzes ao menos (no século passado e neste) dividiu os espanhóis. Inquiri do motivo real da quebra da unidade brasileiro-portuguêsa, em 1822. Averiguai da razão do desmoronamento da Espano-América.

Vereis experimentalmente a Espanha dividida neste e no passado siglo pela aventura trágica da implantação da república. No caso da secessão brasileiro-portuguêsa, apresentar-se-vos-á o factio de as Côrtes liberais liberticidas (como sempre) sobreporem-se ao Rei Dom João VI e procurarem "colonizar" o Brasil. No esfacelamento da América

Espanhola, reconheceréis a ausência do rei espanhol substituído por um Bonaparte. Uma ausência, aparentemente tão insignificante para os teóricos do "símbolo" que não sabem ver nada embora se criam muito sabidos, uma simples privação de presença ocasionou toda aquela desordem e, mais ainda, como havia de confessar Bolívar, a "ingovernabilidade" da Espano- América, "ingovernabilidade" essa que de certa maneira permanece até hoje.

Ai dos povos e ai dos governos que nada aprendem com a História! E nós brasileiros temos muito para aprender. Repete-se continuamente por aí a cantilena, o realejo estúpido dos erros. Por que não haveremos de repetir o salmo das verdade políticas nacionais esposadas pelo Patrianovismo? Há uma única doutrina monárquica brasileira: é a de PÁTRIA-NOVA!

E nela está a salvação nacional. Não há outra.

Há 68 anos que nos impuseram viver dentro de um regime espúrio. Há 68 que nos mentem, nos prometem, nos engodam, nos atrapalham, nos roubam, nos intrujam, nos envergonham, nos deformam, nos empobrecem, nos amesquinham, nos rebaixam, nos desensinam, nos asselvajam, nos aviltam, nos acanalham, nos avacalham, nos tiranizam, nos retardam e até nos matam ou deixam matar aos poucos ou, amiúdo, brutalmente.

Isso é república, legítima república. Republicanizá-la (como às vezes proclamam uns lorpas) é fazê-la mais isso mesmo que ela é, com sonhos ou sem sonhos. Há 68 anos que ela é isso e, se mil anos passarem, será cada vez mais isso e pior que isso, mas isso mesmo: vilania, mistificação, imoralidade, tirania.

*"De 1831 a 1840 (até mais mesmo, poder-se-ia dizer, porque o Imperador ao tomar conta do trono era um menino e não uma individualidade capaz de defender uma instituição) de 1831 a 1840 a república foi experimentada em nosso país nas condições mais favoráveis em que a experiência podia ser feita... O desastre fôra completo. Se a maioria não resguardasse a nação como um parapeito, ela ter-*

*-se-ia despenhado no abismo. A unidade nacional, que se rasgara em 1835 pela ponta do Rio-Grande do Sul, ter-se-ia feito tóda em pedaços. A experiência foi tão esmagadora que a opinião republicana de 1831 tinha desaparecido em 1837 da face do país, como desaparecera em França depois do Terror. Já nesse tempo se falava em completarmos a uniformidade política da América, em extirpar "a planta exótica". A nação, porém tinha a razão perfeitamente lúcida, e preferia um regimen, quando mais não fôsse, que procurava acreditá-la como nação livre aos olhos do mundo e tinha interêsse próprio em que a luz da mais crua publicidade se projectasse sôbre cada acto dos ministros responsáveis, em que o chefe do Estado era o confidente natural da opposição, à vanglória de ser classificada entre as repúblicas americanas, com as suas dinastias de ditadores, "meio bandidos, meio patriotas", como foram chamados, e que formam, com rara exceção, a mais extensa série de governos degradantes entre os povos de origem européia. Não era possível, quando o seu instinto liberal estava ainda em todo o vigor da mocidade, HIPNOTIZÁ-LA COM UMA PALAVRA (grifo nosso) para tirar-lhe ate mesmo a aspiração de ser livre" (Joaquim Nabuco, Um estadista do Império).*

Diz tudo êsse trecho de Nabuco. Decentes, incorruptos ainda (pois não fôra suficientemente longa a "república regencial" para CORRUMPER TUDO e TODOS – obra mestra do satanismo republicano), os estadistas vindos do primeiro Império APRESSARAM O ADVENTO DO SEGUNDO IMPERADOR, desprezaram "uma palavra" (república) pelo facto imperial da MAIORIDADE (Império).

Há por aí, com poder "imperandi", algum INCORRUPTO que ouse mudar êsse enxovalho em vigor no Brasil do presente?

Sem Rei, sem Imperador, não há União Nacional. Desordem nas Alagoas, desordem no Paraná; desordem entre Minas e Espírito-Santo, províncias que, mercê do nome republicano de "estados", já se crêm países beligerantes; desordem no Maranhão; desordem moral, jurídica, económica, financeira, "educacional", desordem "viária", tôdas as de-

sordens em tôda parte. Diz um telegrama da "Asapress"; procedente de Goiânia: – "Prosseguem os entendimentos visando a pacificação da política goiana. Ao que tudo indica, porém, as "demarches" nêsse sentido estão fadadas ao insucesso, em virtude de os diversos partidos reivindicarem participação activa no futuro govêrno, através das secretarias de Estado e departamentos".

Querem "comidas", querem "botins" os partidos, para cessarem a "guerra", pois êsses vorazes contubérnios liberais democráticos são inconscientes darwinistas, em medonha "luta pela vida": cadilacs, "autarquias", financiamentos, viagens ao exterior, sinecuras, etc., são a pilhagem de que vivem.

É possível continuarmos assim? E há remédio para isso fora do Rei, do Imperador, da MONARQUIA? Já se experimentou tudo nesses malditos sessenta e oito anos de colapso da inteligência e da moralidade nacional. Querem os politiqueiros continuar isso?

No meio da estultícia de tantos irresponsáveis, de tantos venais, de tantos negociastas, de tantos vendilhões da Pátria, de tantos concussionários, de tantos cegos, de tantos inocentes (inclusive inocentes-úteis a serviço da velhacaria vermelha), resta-nos a esperança da Hora de Deus que eleve ao Trono vazio da Imperial Nação Brasileira o aniversariante do dia 13 de Setembro – S.A.I.R. DOM PEDRO HENRIQUE DE BRAGANCA, DOM PEDRO III, cujo acesso ao Poder renovará o milagre do seu bisavô Dom Pedro II em 1840 para a demonstração concreta de que COM REI HAVERÁ UNIÃO NACIONAL.

## SÍNTESE SOCIOLOGICA DO PODER

Tôdas as comunidades que se iniciam naturalmente pela família ou grupo de famílias, são monárquicas, pelo patriarcado de uma ou de algumas. Confirma-se isso nas sociedades primitivas.

Só posteriormente, por desordem ou corrupção no seio dessas

sociedades, aparece a necessidade de recorrer a qualquer meio artificial de dar comando à sociedade até então normal.

Temos então a decadência

Quando, porém, a sociedade inicial se constitui de aventureiros, trânsfugas de outras sociedades policiadas, ou convergência de migrantes sem chefe natural, fôrça é o recurso ao mais forte, ao preferido socialmente por motivos vários, à eleição ou à cooptação. Na falta de comando natural, tradicional, recorre-se necessàriamente ao artifício. São estas as comunidades imperfeitas que, com o andar do tempo, se tiverem a felicidade de se aperfeiçoarem, procurarão fatalmente a estabilidade do poder e sua continuidade, garantia do bem actual e do melhoramento futuro, por meio do govêrno hereditário.

Assim, o poder familiar é inicial na fundação normal da sociedade e final no aperfeiçoamento das sociedades mal começadas.

E o poder electivo é inicial em sociedades mal ou anormalmente iniciadas e final na corrupção de comunidades bem e normalmente principiadas, como no caso brasileiro.

## O FENÓMENO SOCIAL DA ADESÃO

A mudança do regime monárquico para o republicano é simultânea com a mudança conseqüente de ambiência social, moral e axiológica, isto é do valor das coisas. Mostra-o a experiência: com o regimen, transformam-se os homens no procedimento ou "comportamento", segundo a linguagem da sociologia; transformam-se... para bem ou para mal, conforme a excelência ou a malícia do sistema.

A austeridade ou, pelo menos, a honestidade e responsabilidade de um regime (e ambiente) de culto do passado, de tradições, "*de família e honra da família e do nome limpo*" – dom do regime monárquico, dom êsse aceito até pelos piores moralmente graças à pressão da am-

biência; essas virtudes, morais para u'a minoria quiçá, sociais apenas para esta maioria mormente em épocas de decadência, cessam para esta maioria que, sobrevivendo a "liberdade", se desmanda em liberdades más, antes contidas ou reprimidas, no segrêdo inviolável de aspirações proibidas e indignas.

Destruída a pressão ambiencial (do regime monárquico), adere-m êsses elementos à nova situação para justificar as patifarias que antes desejariam praticar mas não o puderam.

O regime anterior era a censura da teoria freudista. Levantada a censura, praticam os homens, já antes "interiormente" velhacos, tôdas as velhacarias por nós vistas ou conhecidas no Brasil, sempre em crescendo assustador, desde 1889.

Muitos dêsses embuçados se confessavam antes monarquitas... mas eram republicanos no foro íntimo.

Os que eram real e verdadeiramente "moralizados", e não hipócrita e apenas "socialmente" tal, afastam-se para o ostracismo voluntário: são os homens impolutos, honrados, os "homens de mil" de Oliveira Viana. Nada querem com o sistema corrupto e corruptor.

Entre os "moralizados", muitos teriam sido pregadores sinceros do regimen republicano. Logo se desiludem, como era de esperar: "*Não era esta a república dos meus sonhos!*" lastimam êles com razão, pois a república sonhada era uma idéia utópica, jamais transformável em facto real, camimhando ao infinito pela fugitiva série de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> 20.<sup>a</sup> república, e cada vez pior. E vão, por isso, êstes sonhadores rumo ao ostracismo com os seus "colegas" também moralizados que se opuseram, como monárquicos, ao "novo" estado de coisas, fruto maduro e logo podre da forma instaurada no País.

Assim, ficam necessariamente à margem da política, desengana-dos, enojados e revoltados, os melhores das duas ideologias ou sistemas contrários, enquanto os republicanos "que já o eram" e os que aderiram àquilo que in petto embalavam se tornam donos e exploradores da inefável "*bell invenzione*" criada pelos salafários satisfeitos e os sinceros

desiludidos.

Acreditamos sermos o primeiro a dar forma a esta nova tese explicativa do fenómeno sociológico, do adesianismo nacional e mundial... Quem não fôr educado nos dotes guerreiros para defender a Pátria contra o inimigo externo, dificilmente será capaz de defender as "genuínas" instituições nacionais contra as influências desagregadoras internas, externas... e secretas.

## REPÚBLICA – OPORTUNIDADE PARA "QUALQUER UM"

Uma das mais corriqueiras alegações ânti-monárquicas é que a república (embora em provado detrimento do bem geral, como o atesta a experiência histórica) propicia a oportunidade de "qualquer um" vir a ser o chefe supremo da Nação... melhor – do Estado, pois "da Nação" continuará a sê-lo ùnicamente o REI, queiram ou não os ânti-tradicionistas, muitos deles igualmente "internacionais".

E, quando alguém alega, como que inocentemente, a oportunidade de "qualquer um", geralmente falseia o pensamento íntimo: está pensando em si mesmo – "Se eu fosse o presidente da república"... rosna por dentro. Pode o ilustríssimo auto-candidato saber todos os males (e aponta-os a experiência universal) do mercado eleitoralista, dos acasos do seu resultado, das injunções estranhas, das injustiças e mentiras, da desgraça e perigos do seu desfêcho, dos "suicídios" vindos de fora... Não importa. Se é o homem, como diz Aristóteles, animal racional, nem sempre o é o homo politicus. Raciocinam como animal apenas, suposto que possa o animal raciocinar, a sua paixão, os seus interêsses privados, o seu individualismo, o seu egoísmo republicano partidarista. A nem todos caberá a glória da coragem de um Emílio Castelar aconselhan-

do a volta ao Rei para a salvação da Espanha, após haver sido o mais ferrenho e lunático propagandista da miserável republica vitoriosa. Tal bravura mais do que militar, não na teve o nosso Deodoro desiludido.

Constitui, porém, outra mentira convencional entre os próprios republicanos a pretensão ingênua da "oportunidade de qualquer um"; mais uma chantagem política, num sistema campeão delas, para os pobres de espírito ou ricos de espírito suínesco.

Ora, vejamos se não. Para ser candidato, cumpre ser membro de um partido. E de um partido forte (Partido é grupo de interesses), capitalista, que tenha muito dinheiro próprio... ou dos outros, e, por isso, certas ligações e compromissos talvez inconfessáveis que explicam ou explicarão tubarônicas e ladroerias posteriores impunes! Esqueçamos os conchavos tão bem analisados em "*Monarquia*" pelo Dr. José de Oliveira Pinho (n.º 20). Gozamos, aliás, no momento pre-eleitoral, do espectáculo tragicómico da escolha ou imposição de candidatos e de tantos "quaisquer uns"...

Se for candidato soviético, também será capitalista-de-estado, isto é ladrão da economia "socializada" dos particulares... Se não fôr suficiente o partido (soma de interesses) em fôrça eleitoral "comprada ou comprável" pela corrupção, dependerá dos ditos conchavos a candidatura. Agitação. Bisantinices. Síncope da administração pública, se é que a houve.

Conchavam-se os partidos para indicar o candidato... ou candidatos. Sossegamento dos furiosos candidatos a candidatos. São muito inconvenientes êses republicanos... Negócios. Segredos... Negociações. Futuros panamás. Normalmente todos os conchavantes se inscrevem como o mais digno "qualquer um". É limitadíssimo, todavia, o número dêles. "Qualquer um" seriam pelo menos uns três milhões de brasileiros. Alinham-se entre os conchavantes (A semelhança é mera coincidência!) apenas uns cem tubarões partidários, berradores como dez milhões. De regra, se exclui o extra-partidário. Perigoso talvez. Suspeito e não ser fantoche de motores secretos. Recorrem a êle ou,

melhor, acodem-se a êle sòmente em se tornando impossível chegar a entendimento patriótico, como êles dizem, ou "pratiótico", como digo eu. E não considerámos em tudo isso a conquista CARÍSSIMA do eleitorado!...

Que resta da oportunidade de qualquer um?

E que bem decorre para o Brasil de tôda essa farsa e farra da "guerra da sucessão" completamente estranha aos quadros da SOCIEDADE BRASILEIRA, aos quadros da vida dos grupos religiosos, culturais, morais, económicos, produtores, familiares, profissionais, da Nação?

Tudo se revela mera agitação lupina, canina, pela posse e gôzo "com imunidades" do Poder, pelo artifício partidarista, a caminho da tal "representação" que não representará nada e ninguém, senão simples mandonismo, pois a representação teria de ser perante o representante nato da Nação – o Rei, o Imperador – e êsse está ausente. A representação torna-se anti-juridicamente Comando, o que lhe não compete.

Criou a república a alergia ao privilégio, a superstição da igualdade. E continuam os privilégios, os piores privilégios. Dão-se a empreendedores estrangeiros, a troco de gorjetas, privilégios que não temos. Continuam as desigualdades, as piores desigualdades.

Ressalta, porém, uma diferença. Hoje não há, como existia antes da palhaçada liberal, democrática, republicana, um Poder Supremo, Moderador, Chefe por imperativo histórico-natural, por dever, por obrigação e não por acidente, alheio à voracidade e malvadeza dos indefectíveis privilegiados da democracia, que os contenha em suas desvirtudes com um lápis ou com fôrca e cadeia, a bem do povo brasileiro ludibriado.

Misereor super turbam! – repito com Nosso Senhor. TENHO DÓ DO POVO.

Qual é mais popular? Esse regimen cheio das palavras "povo", "popular", "democracia", "democrático", ou aquêle que, sem tamanha demagogia, sem tanta barretada demagógica vácuca, inoperante e ma-

landra, não SE SERVE do povo, mas serve REALMENTE os interesses do povo, o bem comum, a Pátria e o seu futuro hoje comprometido por tantos crimes e omissões?

Essa geração sem fé, egoísta, sovina, pessimista afim de ter o pretexto de não colaborar de modo nenhum para a redenção da Pátria, só despertará quando explodir uma bernarda comunista, parto desta república injusta, inimiga da Nação, indiferente ao seu futuro. Tal geração está reclamando, pelos seus crimes e omissões, um castigo feroz e uma advertência dura.

Será castigada, quando menos o esperar, como o foram a Rússia, a Espanha e os pobres povos ora atrás da cortina de ferro.

E compreenderá SÓ ENTÃO que a salvação do Brasil não está na palhaçada trágica dos partidos, mas numa reviravolta total das instituições falsas democrático-republicanas a favor dum regimen tanto ânti-comunista como anti-capitalista, ambos injustos, criminosos e inimigos do Povo Brasileiro e de todos os povos do mundo.

E então verá (não seja tarde!) que só o Império Patria-Novista Orgânico poderá salvar a Pátria... e até as cabeças dos gozadores displícetes, egoístas, pessimistas e avaros.

## DEFINIÇÕES

*República...* República é o regimen no qual todo um povo escravo trabalha para sustentar um funcionalismo público (acrescentado dos "representantes"... do povo) que vai sempre aumentando depois de cada uma das infindas eleições caríssimas, criminosas e esbanjadoras (investimento...), até chegar o desespero de uma revolução e uma ditadura "republicana", que afinal se esgota para dar lugar a "nova" república democrática que recomeça sempre o mesmo processo anterior finalizado em nova ditadura republicana inevitável, rematada em outra

"novíssima" república.

"Divertida" palhaçada, à nossa custa, não acham? E assim se ordena e progride a pobre pátria que se deixou engambelar pela utopia lunática mais estúpida existente sôbre a face da terra.

*Democracia...* Democracia é o regime em que o povo tem tôda liberdade de fazer tudo quanto os donos da democracia querem... em nome do povo "soberano", inclusive pagar todos os aumentos de taxas, impostos e subsídios que êles determinam às vezes na calada da noite... E os donos da democracia são (além dos "secretos", mais poderosos) os que têm dinheiro do tesouro, ou roubado ou "emprestado" por alguém, os que manobram os "partidos", os grupos de exploradores sem pátria; os funcionários públicos "encostados" e a multidão de cabos eleitorais cujo meio de vida são as eleições: quanto mais eleições, melhor para êles! Porque as eleições são o mercado da exploração capitalista, isto é dos democráticos liberais, dos democráticos comunistas (às vêzes vestidos de socialistas) e dos democráticos simplesmente ladrões...

*Passadismo e Tradicionalismo...* Muita diferença vai entre a política passadista e a política tradicionalista.

Pretende a primeira copiar simples e ingênuamente o passado, ao passo que busca a segunda, atenta às variadas condições dos tempos (embora acidentais), actualizá-lo dinamicamente, atenta à lição do pretérito, mas também inteligente e prudentemente mirando as necessidades do presente e do futuro, sem o que seria construir no vácuo, no vazio, na utopia quimérica e irreal.

O passadismo é desprezador da superação; ao revés, é o tradicionalismo respeitoso do permanente na alma e na vida das nações.

Deparam-se-nos por vêzes homens desinformados da nossa posição patrianovista, homens encalhados nos erros velhísmos... e provados, da democracia e do liberalismo, homens fossilizados na sempre fugitiva busca da república ideal que não chega nunca embora se re-

pitam mil eleições e dezenas de revoluções; deparam-se-nos homens patriavelhistas fósseis que sorriem idiotamente ao ouvirem a palavra Monarquia, hoje em debates contínuos COM VANTAGEM sôbre república nas nações mais cultas do mundo. Pobres retardados mentais! São os autênticos passadistas... e não o sabem.

"*Monarchie, nicht gestern sondern morgen*", dizia há pouco o trabalhista austríaco Gustav A. Canaval: "*MONARQUIA, REGIMEN DO FUTURO E NÃO DO PASSADO*".

Não merecem consideração na política actual os passadistas, sejam monárquicos, sejam republicanos. Não se poderia dizer o mesmo dos tradicionalistas, pois tradição é alicerce.

Sem êste, nada se constrói de sólido.

E, como já dissemos, tôda política que não seja TRADIÇÃO é certamente TRAIÇÃO.

Sôbre doutrina política, tôda elocubração teológica e filosófica – acervo de princípios em si mesmos verdadeiros – torna-se de facto inoperante e sob certos aspectos meramente abstracta, quando se não incarna em a vivência sociológica e histórica de cada nação real a que se há-de necessariamente aplicar.

Em si mesmo, teòricamente, concebe-se indiferente o ser monárquico ou republicano um estado indeterminado, indefinido.

Porém, na realidade (sociológica e historicamente) não é de modo algum indiferente que, por exemplo, à Espanha, Portugal, França, Inglaterra OU AO BRASIL se imponha a forma republicana contrária e até oposta à sua vivência real, à sua INCARNAÇÃO histórica, à sua maneira- de-ser, à sua Tradição.

E isso, bem o reconheceu Leão XIII na encíclica *Diuturnum*.

Assim pois, quando um "pretenso" doutrinador católico, com ares por vêzes dogmáticos, esposa a tese contrária, se torna "*in concreto*" totalmente aberrante e falso, desservindo a tese da Igreja que êle ignaramente presume afirmar, porquanto desconhece ou finge desconhecer condicionamentos e circunstâncias reais, o hic et nunc determi-

nante de cada caso específico. Agrava-se-lhe a presunção, numa época tão atreita à pesquisa do social e do real com tôdas as suas luminosas decorrências políticas.

Isto pôsto, não de balde procuram os republicanos astutos e desleais descobrir tradição republicana "até em motins de capoeiras" para a nossa Pátria, felizmente imune de tal sinistra praga em seu passado, pois os conluios iluministas e movimentos de mações internacionais sediciosos desde a Inconfidência, 1817, 1824 e outros, nada possuem da nossa unitária brasilidade imperial intangível.

Então, malogrados êsses sectários na busca inútil de verdadeira e objectiva tradição republicana autêntica, deformam a História, seccionam-na esquecendo a fidelidade monárquica trissecular do Brasil-Província, criam fantasmas inconsistentes.

Ora pois! Se Tradição não tem importância, por que as inventam falsas os republicanos, impingindo-as às escolas e empestando livros, veneno para incautos?

*Hereditariedade e Eleição...* O govêrno supremo temporário é como um casamento provisório, dissolúvel, sujeito irremediável ou provávelmente ao divórcio; NÃO FUNDA NADA DE SÓLIDO, nada de definitivo. Sempre precário na sua instabilidade, tudo lhe sai à imagem e semelhança.

Casamento dissolúvel, sujeito a divórcio, tem medo aos filhos, especialmente à prole numerosa. Govêrno "dissolúvel", temporário, republicano, teme-se da realização de obras profundas, altas, longas, de grande responsabilidade.

*Regime electivo* – regime do medo, da irresponsabilidade.

*REGIME HEREDITÁRIO* – govêrno construtor, realizador em profundidade, altura e extensão, como a família estável, indissolúvel, honra do passado, glória do presente, garantia do futuro.

As surpresas do tempo, não as teme o govêrno hereditário; porque, ao contrário do regime eleitoral, o tempo é verdadeiramente seu aliado e

não o seu inimigo.

## A NAÇÃO NA CONCEPÇÃO POLÍTICA PATRIANOVISTA

A NAÇÃO É O PASSADO. E dêste vem a experiência e conseqüente prudência e moderação para uso do outro aspecto da Nação, que é o presente. Do passado nasce o Poder Moderador. Por isso diz a Escritura:

– "Quê é o que foi? É o mesmo que há-de ser. Quê é o que se fêz? O mesmo que se há-de tazer. Não há nada novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: Eis aqui esta uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós" (Eccle. I, 9-10). E mais: – "O que foi feito, é o que permanece: as coisas que hão-de ser, já foram; e Deus renova aquilo que passou" (Eccle. I, 15).

\* \* \*

A NACÃO É O PRESENTE. Neste está a actividade que pelo legado do pretérito se modera; desenvolve, renova e aperfeiçoa êste com as contribuições da actualidade, para entregá-lo melhor e acrescentado ao futuro. Por isso, o Presente que nega o Passado não terá Futuro.

\* \* \*

A NAÇÃO É O FUTURO, a esperança que se tornará realidade, vinda da semente do passado, vinda da florada e frutescência do presente, para antegôzo ou gôzo dêsse presente mesmo e do futuro.

O Povo (inclusas tôdas as classes), o Povo que é a NAÇÃO MI-

LITANTE não pode sem desar, sem infâmia, sem crime, trair o passado – os Nossos Mortos; não no pode sem ao mesmo tempo prejudica-se a si mesmo, diminuir-se, rebaixar-se e, sôbre tudo isso, ainda desgraçar o futuro – os Nossos Herdeiros.

A Culura, testamento do Passado, não pode perecer por obra da Civilização que são acréscimos acidentais incharacterísticos. Pois é a Cultura em todo o seu complexo magnífico de filosofia da vida, língua, costumes, Fé, instituições político-sociais provadas pelo tempo com sabedoria, que forma a Nacionalidade, lhe dá personalidade, originalidade, alma.

E, isso não obstante, a traição se fêz em 1889 por ministério de um exigüíssimo grupelho de uma classe apenas do Povo, quando nem ao Povo todo (isto é – a Nação no presente) assistia êsse direito.

\* \* \*

Nessas verdades se contém tôda a filosofia recta que é, no Brasil, a política imperial Patrianovista, a qual por isso mesmo é a verdadeira política NACIONAL. Qualquer outra será diminuição imitativa, ou falsa presunção.

## APÊLO À INTELIGÊNCIA E À VONTADE

Não interessa a nós Brasileiros salvar a república que entre nós permanece como intrusa indesejável. Salvem a sua república, se o puderem, os países ou nações que a possuem qual desgraça irremediável e herança dos seus antepassados, como os Estados- Unidos ou as pátrias ibero- americanas, se, por desgraça delas, quiserem considerar tradição

sua sòmente a época decorrente dos dias da chamada "independência" até agora. Não é êsse felizmente o nosso caso. Sempre fomos e somos congênita, consubstancial e essencialmente MONARQUIA.

A república nos é uma imposição de forças estranhas à Nação e meramente ocasionais, que se instalaram graças a uma bestificação acidental na vida do Brasil. Se se não houvessem infiltrado no cerne do Estado Imperial doutrinas alheias à Nacionalidade e contrárias a ela e à sua felicidade, por meio de estrangeiros "interiores", teriam sido imediatamente repelidas tal como o organismo vivo repele um corpo estranho.

Passada a bestificação, deram-se revoltas por todo o Império, inclusive as trágicas reacções sertanejas que "adivinham" estar o Brasil sendo ludibriado pelo "*regimen do cão*", como dizia o desvairado mas lúcido António Conselheiro; levantaram-se tímidos ou exaltados movimentos monárquicos saudosistas de gerações que ainda não tinham tido tempo de repensar profundamente os problemas do regimen, mas viam cavar-se cada vez mais fundos os abismos que separavam a Nação real do Estado falsamente legal.

Passada a bestificação e já mais tempo decorrido, reuniu-se por todo o País um escol de jovens que pôde repensar o problema com profundidade, mercê da cultura teológica e filosófica que o informou, após se haver libertado do mêdo à filosofia e especialmente à Metafísica que a situação intelectual primária criada em 89 pela mentalidade positivoides-ântifilosófica (mais tarde denunciada por Farias Brito) estabelecera entre nós.

Chamou-se PÁTRIA-NOVA êsse escol. Tornou-se, já em 1932, o 1º movimento político nacional, unitário, do Brasil. E continua e continuará, se Deus quiser, porque o espírito é imortal e opera no silêncio e no silêncio marcha contra tôdas as presunções ciumentas e oposições descabidas e tirânicas.

Mas que é esse escol?

É um escol pensante antes de tudo. É pensamento. É cultura séria e profunda. Ama os homens brasileiros tanto quanto detesta o re-

gimen ânti-brasileiro e ânti-nacional que aí está. Por isso não ataca os homens do regimen a não ser quando impossível separar uns do outro. Dá-lhes antes de tudo o crédito da boa fé. Lastima-os tantas vêzes. Investe contra êles se lhes descobre má-fé a perfídia; quando se lhes revela o egoísmo individualista interesseiro ou a traição ao bem comum e aos bens e justos interêsses da Pátria; quando os vê peculatórios, fraudadores, malversantes, aliados a egoísmos estrangeiros ou, por ignorância vencível e culposa, arruinando os patrimónios deixados pelos nossos Avós, ou desprezadores dos brios, da dignidade, da grandeza, da riqueza e da soberania da Pátria, – bens todos espirituais e materiais deixados intactos pela Monarquia que a ignorância presumida e a psitacose simiesca destruíram de cambulhada com a má-fé e o mandonismo caudilhesco.

É construtivo. Não basta ter uma doutrina tradicionalista. Cumpre pensar os problemas políticos, sociológicos, geoeconómicos, geopolíticos do presente, em função da experiência analógica do passado ou quiçá fora dela. Enquanto os partidários, os demagogos e os eleitoralistas brigam pelos cargos, êle estuda os problemas teóricos e pragmáticos do Brasil, para que se não possa dizer dêle o que dos inoperantes estadistas republicanos improvisados afirmava Afrânio Peixoto: "*Perdoai-lhes, Senhor, êles não sabem o que fazer*".

Por ser construtivo, ama o Passado, pois não se pode construir sôbre o vácuo. Se o presente é o Passado em marcha, e se o futuro é a projecção do presente, que para êle será passado, não podemos obliterar do pensamento, acção e amor, a solidariedade das gerações, a qual faz e une as Famílias e a Nação, verdade sociológica que a baixa "filosofia" republicana imediatista praticamente nega submetendo a Pátria a perpétuas experiências desastradas, como se em cada novo govêrno eleito e em cada nova administração o Brasil estivesse começando ou estivesse sendo descoberto.

Assim sendo, não faz Pátria-Nova tábua rasa de todo o bem aprendido no passado (até mesmo na fase ânti-nacional republicana!),

nem de todo o mal havido (até mesmo na fase nacional monárquica portuguesa ou imperial); pois, sabendo que a história é também "prudência" e mestra da vida, por ela, conservando o bem e renegando o mal pretérito, acrescentamos, com novidades saudáveis as coisas antigas sãs. Não sendo, pois, cópia servil do passado, não é superada, uma vez que ela mesma se supera e se adequa às realidades em fluxo, o acidental interessante.

*"É o Brasil uma Pátria Imperial que não pode ser república de modo nenhum. Não poderá a república resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado".* – Já o dizíamos em 1929.

Sentenciávamos sobre 40 anos de História do Brasil. Os soberbos estadistas da Regência haviam concluído o mesmo com apenas nove anos da "república" intra-imperial. Mas, ao revés deles, não tivemos elementos violentamente convincentes para impor a solução recta e única a que a verdade, e só ela, tem direito de recorrer. Quem o podia nos impôs a coice de armas (poderoso argumento) a continuação das catastróficas experiências republicanas.

E eis-nos de novo no marco zero. E as experiências da ignorância ou da má fé continuam... e talvez continuarão.

Triste é conhecer a História, saber interpretá-la, ler o presente e o futuro à luz do passado e não poder persuadir os homens a agir com inteligência, com senso, com realismo com sabedoria. E daí nos vem a tentação de citar novamente Humberto de Campos visando especialmente à parte grifada: *"Aqui, no Brasil, donde te escrevo, não há reis. Não há reis porque todos governam, e porque todos se julgam superiores aos outros, de modo que todos mandam e ninguém obedece"*.

E esse "todos se julgarem superiores aos outros" é o demônio republicano fabricante dos "partidos" e dos "grupinhos" intrigantes e, por influência ambiental, dos "inconformistas" até nos meios anti-liberais em teoria, mas praticamente empapados do vírus luciferino. É um dos meios habilíssimos de Satanás para permanecer *"dans da Cité"*.

Quem ouviria, no meio do entusiasmo da revolução triunfante

em 1930, as idéias patrianovistas bebidas fundamentalmente na íntegra da nossa História? Levámos ao chefe da revolução vitoriosa um memorial do Conselho Supremo com sugestões para a renovação nacional.

Estas palavras repisam o mesmo gesto de há 25 anos. A História repetir-se-á. Dos figurantes uns serão os mesmos, outros serão novos.

Se Deus não iluminar a inteligência dos homens que não querem espontaneamente exercitá-la, se a graça não mover as vontades que da razão fazem sem-razões, idêntica tragédia coroará drama idêntico. Sem Rei, sem Imperador, não há UNIÃO NACIONAL.

## TRADIÇÃO

Hoje como no passado, tôda manobra contra a lusitanidade fundamental do Brasil destrói a sua brasilidade. O mesmo coincide com a nossa catolicidade. No passado, lutámos contra ingleses, francêses, holandeses e até contra castelhanos. Hoje, a estupidez e indistinção da república ameaça-nos com servilismo a estados estrangeiros, trustes internacionais, excessos imigratórios heterogêneos em regiões de escassa demografia nacional, tudo acrescido da inata fraqueza, imprevidência, imprudência, nulidade e insegurança do estadinho republicano que aí está. Pois a república (dizemo-lo desde 1929) é dissolvente, ânti-nacional, separatista. Precisamos de Estado forte, nacional, responsável, contínuo, prudente, previdente. Quer dizer, precisamos do Império-Orgânico.

## AFIRMAÇÃO DA IDÉIA PRAGMATÍSTICA

Nada tem que ver a nossa Idéia Pragmatística com aquela super-

ficial teoria filosófica ou, antes, ânti-filosófica, de que carecem de valor as concepções intelectuais se não favorecem a vida e o progresso.

Não se trata disso. Não nos movem a nós Patrianovistas falsos preconceitos burgueses e socialistas que tudo reduzem a interêsses materiais e utilitários, tornando o homem simples máquina de produção, oprimido por contínuos planejamentos desumanos. Não é o feijão quem enche a vida do homem, mas o ideal. As vêzes até se passa fome por um sonho. Nós sonhamos o BRASIL IMPÉRIO, A MAIOR POTÊNCIA MUNDIAL, com um povo feliz e capaz de, apostólicamente, espalhar a Fé e a felicidade pelo mundo inteiro. Sabemos que êsse Ideal pode ser atingido. Podê-lo-emos atingir com a base territorial conquistada pela fé, o sangue e os braços dos nossos Antepassados, e a nós legada em herança opulentíssima. Podê-lo-emos com a inteligência e o coração forte da nossa Gente e com a eficiência trabalhadora dos brasileiros sãos, instruídos e nutridos, tantas vêzes demonstrada ao longo da História.

Mas o nosso Ideal há-de ser realizado sôbre êste chão brasileiro que pisamos e não na lua dos utópicos ignorantes da realidade. Por isso, importa-nos ser realistas. E somo-lo. Ser realista não consiste em querer sòmente as coisas fáceis, que foram difíceis quando os outros as faziam... para nós as julgarmos fáceis hoje. Não pensamos em realizar a "democracia republicana" que já está aí e entretanto cada dia se afasta mais com as sucessivas repúblicas que vão derribando as falhadas anteriores...

O nosso Ideal há-de ser realizado sôbre este chão brasileiro. Eis aí, pois, a razão de afirmarmos a Idéia Pragmatística.

Mestre Tomás de Aquino expõe-nos o seguinte no seu "*De Regimine Principum*": – "*Importa que o lugar escolhido para a construção da cidade não seja somente tal que, pela salubridade, conserve os habitantes, mas também, pela uberdade, lhes seja bastante para a manutenção. Porque não é possível habite uma multidão de homens, onde não sobejam abundantes os mantimentos*". (*Do govêrno dos príncipes*, tradução de Veiga dos Santos, Editôra Anchieta, S. Paulo, 1946, 2.<sup>a</sup> edi-

ção). E prossegue no mesmo capítulo (III, livro II): – "Dois, contudo, são os modos de poder uma cidade prover-se de opulentas victualhas. Um, como foi dito, pela fertilidade da região, produtora abundante de tudo quanto requer a necessidade da vida humana. Outro pelo uso do comércio que para aí conduz, de partes diversas, o necessário à vida. Quanto ao primeiro já se apreende com clareza ser o mais conveniente; que tanto mais excelente é algo, quanto mais se basta por si; pois aquêle que doutro necessita se declara deficiente. Ora, mais plenamente possui suficiênciam a cidade à qual a região circunjacente é bastante para o necessário à vida do que aquela que precisa de recebê-lo doutras pela mercção. É, por conseguinte, mais excelente a cidade, se tem abundância de mercadorias do território próprio, do que se as possui copiosas por meio dos comerciantes, visto como também isto se afigura mais garantido, porquanto, mercê dos casos de guerra e vários transtornos, pode fãcilmente impedir-se a importação das provisões e, destarte, fica a cidade acabrunhada pela mingua de mantimentos".

Donde, porém, procede essa preocupação pelos bens materiais no país? Do serem êstes a condiçã da boa vida moral do povo. Já o assevera o provérbio: "Casa onde não há pão, todos brigam e ninguém tem razão". Se não, leiamos o Aquinatense: – "Duas coisas se requerem para a boa vida moral de um homem: uma principal, que é o agir segundo a virtude, pois a virtude é aquilo por que se vive bem; outra, secundária e quase instrumental, isto é – a suficiênciam dos bens corpóreos, cujo uso é necessário ao exercício da virtude... Assim, pois, três condições se exigem para instaurar a boa vida moral na multidão. Primeira, estar a multidão fundada na unidade da paz. Segunda, ser essa multidão, unida pelo vínculo da paz, dirigida a proceder bem. Pois, assim como não pode o homem agir bem a não ser pressuposta a unidade das suas partes, também assim a multidão de homens, carente da paz, é tolhida de bem proceder, enquanto anda em briga consigo mesma. Terceira, requer-se que, por indústria do regente, haja cópia bastante das coisas necessárias para o bem-viver".

Nem deslembra o nosso autor, após reclamados os sustentos do corpo, as amenidades para recreio dos ânimos cansados, o que vem a propósito nos "parques" preconizados nesta "*Orgânica Patrianovista*" (Vide *Do gov. príncipes, livro II, c. III*).

São idéias pragmatísticas, que nada destoam do ideal esposado por nós.

Na parte do "*De regimine principum*" não da lavra tomística, mas continuada por Tolomeu de Luca sobre notas do mestre (*liber II, cap. V, VI, VII*), trata-se especificadamente de coisas "*pertinentes ao rei em relação aos súbditos, por onde passe mais sossegado o reino*", isto é: a abundância, em cada parte dele, das riquezas naturais, tais como as vinhas, os bosques, as florestas, os viveiros de diversas espécies de animais e aves, bem como armentos e rebanhos de vários gado doméstico, cópia de caça e peixes. Isso porque e mais deleitante gozar do próprio que do alheio, menos seguro esperar do comércio estranho e mais perigosas as fraudes. Pelo que "*são necessárias ao rei as riquezas naturais e as tenha próprias nas suas terras para seu govêrno e manutenção do reino*". Ademais, cumpre que, por várias razões, possua o rei riquezas artificiais, como o ouro, prata e outros metais, e delas cunhe moedas, necessárias a êle para manutenção do govêrno. Deve-o a si mesmo por lhe serem elas um instrumento; deve-o aos súbditos, "*para poder prover a sua casa nas necessidades e acorrer às necessidades (sem empréstimos estranhos, diríamos nós!); deve-o às necessidades externas: para vencer os inimigos e acrescentar o reino*".

Poucos estadistas terão compreendido tão bem o problema como um Rei da nossa Tradição: Dom Dinis, o Lavrador.

"*Pacificado o País, diz António G. Matoso, arrumadas as guerras com Castela, cujas pretensões já não podiam ser temidas, terminadas as lutas da Reconquista, que durante tantos anos haviam ensopado em sangue o chão da Pátria, entendeu Dom Dinis que tinha chegado a altura de desentranhar da terra as riquezas que ela continha, substituir os desertos por pomares e jardins, transformar em granjas os pousios*

*agrestes, povoar os descampados estéreis, meter a charrua ao chão fecundo, que, tendo até então sustentado heróis e santos, devia agora medrar em loiras searas, que alimentassem abundantemente a população tranqüila. Neste sentido se desenvolveu a sua acção benéfica e fecunda, sem deixar, no entanto, de dedicar à poesia as horas que lhe sobravam de tão dura fâina, como nota o Dr. António Ferreira: "Regeu, edificou, lavrou, venceu, Honrou as musas, poetou e leu" (Poemas lusitanos)". – História de Portugal, Livr. Sá da Costa, Lisboa.*

De tôdas essas considerações e do que se há passado de calamitoso, desagradável e humilhante para a nossa Pátria, em todo o decurso da nossa História de 1822 para cá, mercê da nossa maior ou menor deficiência económica, releva afirmarmos a nossa Idéia Pragmatística, instrumento imprescindível da redenção nacional.

Ainda durante a guerra passada, sofremos humilhações e prejuízos gravíssimos (que bem poderiam ter sido maiores) pela falta de elementos materiais de defesa marítima, pela falta de trigo, de carne, de açúcar, de petróleo, etc. etc. (Cumpramos acrescentarmos terem sido essas deficiências oportunidade para "mercados negros" e pastos para exercício criminoso dos canalhas e dos ladrões aproveitadores, inclusive e especialmente ligados à casta governante ou fiscalizadora...). Já se vislumbram repetições de calamidades quiçá maiores... muitíssimo maiores... Recomeçamos outrossim o triste papel de pedinte internacional de empréstimos.

Ouvem-se ao longe as marteladas de Noé construindo a Arca contra o próximo dilúvio. ECOAMAOS NOSSOS OUVIDOS TRANSFORMADAS EM PROPAGANDA DE MILHARES DE CANDIDATOS A PAIS-DA-PÁTRIA, refertas de promessas do arco-da-velha e porejantes de inconsciência e ignorância da hora presente.

E urgia acabar com as possibilidades de renovação dos recentes infortúnios. E urgia pôr paradeiro àquela mendicância inútil e deprimente.

Por isso e por tudo mais que fácil se torna adivinhar, afirmamos

a nossa Idéia Pragmatística que significa o propósito de opulentar o Brasil com todos os meios de independência econômica e instrumentos de poder dentro e fora do Império, ao mesmo tempo que se alcançará o fim imediato de fornecer aos filhos do Império Brasileiro aquela suficiência de bens corpóreos garantidora da virtude pessoal e familiar, tanto como as virtudes sociais do nosso Povo hoje abandonado às dificuldades mais dolorosas na conquista do pão, da virtude e da paz.

Queremos um Brasil rico, economicamente possante, como meio para termos um Brasil feliz, poderoso e capaz de fazer o bem aos seus filhos e a tôda a humanidade, realizando as aspirações (universalistas) dos nossos Maiores.

*Da "ORGÂNICA PATRIANOVISTA"*  
*(Livro básico da Nova Doutrina Imperial Brasileira),*  
*1950, São Paulo.*

## DOUTRINA

A SOCIOLOGIA das Nações (história da terra do povo e sua Cultura) – seu "estar", acidência, se insere na sua FILOSOFIA – "ser", essência, baseada naquela realidade sociológica, a qual a Filosofia por sua vez se enxerta na TEOLOGIA DA REDENÇÃO, o que tudo cria a verdadeira Política de cada Nação no ordenamento de todos os fins particulares à finalidade universal da Salvação eterna da humanidade.

Tôda política que refuja a essas realidades é herética e indigna da verdadeira civilização cristã (i. é Católica), que não é isso que está aí e que os ignorantes e demagogos politiqueros católicos, acatólicos ou anti- católicos nomeiam "civilização cristã".

PÁTRIA-NOVA adota essa genuína política integradora. Não há outra doutrina verdadeiramente ontológica e integralizante.

Tôdas as mitologias liberais, democráticas ou as suas filhas so-

cialistas (inclusas as URSS) tendem intrinsecamente à revolta, ou já estão revoltadas, contra a Soberania Divina, quer dizer contrariam a realização do Cristo Total ou a existência Actual do Corpo Místico, que só se pode conseguir pela fidelidade total à Fé, sem concessões a heresia nenhuma.

Se aos sentimentalismos ignaros se opusessem a sabedoria do pensamento reflexivo à Fé (que também gera caridade), não haveria tanta mixórdia nas ideologias políticas, em que dominam vergonhosos compromissos incompreensíveis.

## BASES DA EDUCAÇÃO

No fundo dêsse barulho "dirigido", com relação ao Projecto de Directrizes e Bases da Educação, está a questão de concepção humana e cristã da vida e, especificamente, da educação em face à concepção marxista, socialista, comunista, materialista, aspectos todos esses que essencialmente são uma só coisa e se combrem do equívoco vocábulo "democrático", capaz de todos os mais disparatados conteúdos.

É uma atoarda dirigida, tem donos suspeitos, perversos, e é ânti-nacional; pois a Nação é católica. E o Estado que se diz "democrático", ou representa a Nação, ou é intruso, estanque, incomunicável em relação a ela, impondo a filosofia totalitária dele, Estado intrujão, contra os sentimentos, a concepção, a mundividência nacional.

*"É da máxima importância não errar na educação, como não errar na direção para o fim último com o qual está conexa íntima e necessariamente toda a obra da educação. Na verdade, consistindo a educação essencialmente (grifos nossos) na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar verdadeira educação sem que esta seja ordenada para o fim último,*

*assim na ordem actual da Providência, isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho Unigênito que é o Único "caminho, verdade e vida", não pode dar-se educação adequada e perfeita se não a cristã!" (Divini illius Magistri Pio XI).*

Excusa, pois, dizer que o homem não deve ser educado para a democracia, tenha que sentido tiver esse vocábulo politicamente demagógico, mas para TÔDA A VIDA, actual e futura. Assim pensam pelo menos 99% dos brasileiros, católicos, cristãos em geral e alguns outros.

Aliás, afirma um dos corifeus do barulho dirigido; "*Em bloco, o substitutivo do projecto de Directrizes e Bases da Educação Nacional perfilha uma filosofia da educação, que lhe é imanente, avessa à educação democrática*". E, afinal de contas, que se entende por educação "democrática". Trata-se de "*uma filosofia oficial não expressa mas imperativa, laicista em sua natureza e laicizante em sua operatividade, no tocante aos assuntos de ensino*". Vê no substitutivo contra as idéias falsas na educação "*Uma espécie de homenagem a valores básicos à Igreja Católica, dos quais compartilham a maioria dos brasileiros. No fundo, porém, – diz êle – ocorre uma subversão. O Estado Democrático deixa de consagrar a filosofia da educação que lhe é própria (grifos nossos), substituindo-o por outra que lhe é adversa, embora professada, confessionalmente, por quase tôda a Nação*" (Florestan Fernandes, "*Em defesa da escola pública, II*". "*O Estado de São Paulo*", 6-2-60).

Ignoram, todavia, os adeptos da educação laicista e laicizante e da sua falsa filosofia o sermos possuidores pelo menos quadricentenários de outra filosofia da educação (a verdadeira) anterior ao Estado liberal e democrático: a filosofia formadora da Nação: começa com as ordens religiosas, e especialmente os jesuítas, que dirigiam "escolas públicas", no século 16.

Formava os homens para a Vida Total e não só "para a democracia" que hoje cada qual entende de um jeito, desde o róseo liberal até ao nazista e os rubros bolchevistas e seus demo-populares.

Do resultado da "filosofia democrática do ensino", laicista e lai-

cizante, aí estão as imoralidades generalizadas em todas as classes e até na adolescência e juventude. Da tradicional, testemunha o liberal Tristão de Alencar Araripe, tratando do Brasil Provincial ou Português, errada e oficialmente denominado "colonial":

*–"Tal era a administração civil e criminal da capitania (de Ceará) nos tempos coloniais (sic)".*

*"E ao terminar este capítulo não podemos preterir uma observação. Causa admiração como em tão vasto território e no selo de tão disseminada população, mantinha o governo a ordem social e o policiamento dos povos".*

*"Só explicamos o fenómeno pelo influxo da religião, a qual actuando eficazmente sobre os indivíduos, diminuía a necessidade da tão contínua acção da autoridade civil. Vemos que hoje (o autor escrevia em meados do século 19) os meios da autoridade são imensamente maiores; e só pela incessante vigilância e coerção dessa mesma autoridade consegue-se a paz social, que nem por isso difere muito da desses tempos da nossa prístina administração pública em seus efeitos gerais".*

*"Se hoje tivéssemos a mesma salutar influência religiosa por via de um sacerdócio moralizado, o govêrno necessitaria de menos acção repressiva, e teria facilidade de aplicar a outros ramos da felicidade geral tantos esforços empregados no policiamento das localidades. A MORAL RELIGIOSA SUPRIA O EMPREGO DA ACÇÃO FÍSICA" (História do Ceará, Fortaleza, 1958, 2.<sup>a</sup> edição).*

Pedagógica e moralmente o Império representava uma decadência em relação ao Brasil Português, pois recebera já êste, desde meados do século 18, a peste desfechada pelo liberal-déspota Marquês de Pombal, de que deriva a filosofia da educação do Estado democrático...

Portanto, *"A escola leiga não é, no Brasil, uma aventura a correr. A deliquescência moral, com suas lastimosas repercussões na vida doméstica, profissional e política do país, por todos unânimemente observada e atestada, aí está a denunciar as conseqüências funestas de*

*uma escola sistematicamente incapaz de formar as consciências para a fidelidade ao dever".* (P. Leonel França, "*Ensino religioso e ensino leigo*", Rio, 1931).

Estultícia imperdoável é insistir em experiência fracassada. Cumpre afinal aprender, já que se errou. A tal filosofia democrática da educação só tem formado, em tôdas as classes da sociedade, imorais e play-boys ou teddy-boys como preferem os anglo-falantes.

Não pode a Nação, organismo vivo anterior ao Estado "democrático", permitir continue um perverso sistema a impor-se-lhe contra os seus supremos interesses. O substitutivo está certo. E nisso os deputados cumpriram o seu dever. Certos estamos de que o outro órgão legislativo fará o mesmo.

Não se compreende o Estado contra a Nação, a esposar doutrinas abomináveis às suas crenças, à sua filosofia da vida.

Mas são uns engraçadinhos êsses "democráticos"!

Não fomos nós que inventámos êsse govêrno de "maiorias" que está aí, dotadas da faculdade de crear o bem e o mal com papeletas eleicoeiras. São êles, democratas, os autores das regras do jogo. Se, porém, as ditas os decepcionam, querem estrilar. E estrilam mesmo. Confessam no entanto que somos a maioria. Por que reclamam? Por que recorrem à violência contra direitos líquidos?!

Na democracia (dizem) a maioria faz a lei. E querem que o Estado, simples delegação dessa Maioria, faça as leis contra os sentimentos, os pensamentos, a filosofia, a concepção dela. E, pior ainda, exigem que êsse Estado, como se fôra um ser subsistente por si só, sem dar satisfação àquela de que é mero procurador, lhe imponha, como o fêz de 1889 a 1930, a sua filosofia da educação, a sua filosofia da vida, o seu totalitarismo, dêle Estado "Democrático", o seu absolutismo pedagógico, a despeito do tamanho gasto da palavra liberdade.

Pura tirania, puro estatismo, pura atitude maçónica, marxista, fascista, nazista, socialista ou comunista, pois são todos êsses, com a sua "democracia", farinha do mesmo saco.

Iludem, apesar disso, a mocidade, generosa sempre, as mais das vezes ingênua, mas também hoje (excluídas as raras exceções), interesseira em proventos imediatos – mal do ambiente nímio materializado, – subcultura, inculta e ignorante dos grandes problemas fundamentais. Dadas essas circunstâncias e outras mais convergentes, seria até possível, mercê da atmosfera pre-eleitoral da campanha "dirigida" do Escuro interessado, voltassem atrás os legisladores sem carácter, sem fibra e demagógicos... contra os verdadeiros interesses nacionais, tanto mais quanto os donos da matinal acenam para uma gratuidade do ensino que aliás se não confunde necessariamente com absolutismo pedagógico estatal. Escola pública é uma coisa... e não está em questão. Absolutismo escolar do Estado é outra. E calamitosa!

Bem sabem disso... e doutras coisas os donos da campanha. E também nós sabemos...

Para nós são segredos de polichinelo.

Derrotados na França idênticos "donos" de lá, repete-os a macacada "democrática" do Brasil.

Cuidado, senhores macacos! Já não são possíveis, cá no Brasil, as velhas tiranias hipócritas. Estão mudando os tempos.

## ESTRANJEIRIDADE DAS INSTITUIÇÕES REPUBLICANAS

De fonte envenenada só pode defluir água envenenada.

A república estranha, que nos impuseram à força e piorada, de vez em quando pensa em prestar homenagem à Monarquia, tradição brasileira, "restabelecendo" o antes malsinado CONSELHO DE ESTADO e também agora declarando a reeleição do Presidente... em exercício...

Reagem os políticos republicanos "oposicionistas" desejosos de deixar de ser oposição e abocanhar a Presidência, referta de apetitosas

comidas.

E deitam "jurisprudência".

*"A reelegibilidade, meus senhores, poderá existir depois deste govêrno (isto é – subentende-se – quando a oposição fôr govêrno) porque tem precedente... norteamericano..."*

Com isso confirmam a estranheiridade da república "dêles", com a Monarquia (que é nossa, que é brasileira) fora da lei.

Aliás, a jurisprudência constitucional ruibarboseana é quase exclusivamente anglo-saxónia.

Incrível o como se pôde assim ludibriar um povo e manter um estado de coisas, sôbre ser ruím, tão alheio à natureza e realidade nacional e tradicional, conservando à testa do Brasil um Estado que nada tem que ver com êle e pelo contrário só tem desorganizado, torturado, desmoralizado, desgraçado, envilecido, empobrecido e avacalhado a nossa Pátria.

## É DIFÍCIL FAZER A MONARQUIA...

Se tôda essa legião de derrotistas, critiqueiros, desleais, pessimistas, ocultadores dos esforços de Pátria-Nova, sibaritas, sovinas, oportunistas, trabalhasse leal e eficazmente pelo Império como o fazem os Patrianovistas, estaria muitíssimo mais próximo do que já se nos afigura a restauração do Brasil.

Nada adianta dizer que é difícil fazer a Monarquia. Nós o sabemos melhor do que ninguém, pois não começámos hoje. Faça cada uma a sua parte e cada dia que passa estaremos reconstruindo o Império do Brasil que os estrangeiros interiores destruíram para desgraça do nosso Povo e da humanidade.

Sempre foi difícil aquilo que ainda não foi feito. É é próprio dos homens fortes derribar impossibilidades e dificuldades, deixando as facilidades para os moluscos humanos...

# REPÚBLICA – DESGRAÇA NO BRASIL E EM TODO O MUNDO

Ao falarmos contra a república e a democracia no Brasil, surge logo à baila o exemplo mirabolante da Suíça e dos Estados- Unidos para contraditar "fulminantemente" as nossas críticas e afirmações. É porque grassa escandalosa a ignorância nos palpiteiros metidos a sabedores, alheios realmente a tudo quanto vai pelos caminhos do mundo, a não ser aquilo que os propagandistas de utopias querem instilar nas mentes primárias ou incautas de tanta gente.

Farta é a messe de panegíricos sobre repúblicas e democracias, tanto liberais como soviéticas e "populares": Norteamérica, Suíça, URSS, China e o último desgraçado, o Egipto. Basta dar um relance pelas bancas de jornais, que se verá pompeante, de cambulhada com os jornais abertamente vermelhos, a literatura epinicial das repúblicas e democracias torturadoras de tantos povos do mundo. E será muitíssimo mais provável condenarem-nos as autoridades e apreenderem "*MONARQUIA*" como jornaleco perigoso, do que todo aquê-le opulento arsenal de venenos.

\* \* \*

Modelares as ditas repúblicas dos contraditores?

Ora, o norteamericano Joseph S. Clark, J.R., já citado em nosso número anterior, analisando a situação dos políticos nos Estados- Unidos em comparação com outros profissionais, mostra-nos o desprestígio lastimável em que lá estão, a ponto de se oporem os pais a que seus filhos se metam na política, donde resulta que esta somente receba os refugos dos officios dignos (*Politics, still operating on the leve of chance, is getting the leftovers*).

"*Esta atitude – pondera – é reforçada pelas safras contemporâ-*

neas ocasionais de corrupção e táticas sujas na vida pública. Criam elas um clima de opinião que nega à política o respeito em que é tida noutras democracias vitoriosas. Na V Inglaterra, Suíça e Escandinávia, é a política profissão honrosa. Enquanto ela se não tornar tal nos Estados- Unidos, não conseguiremos tantos políticos bons e bem adestrados quantos necessitamos" (Artigo, "Wanted: better politicians", revista *The Atlantic*, agosto de 1955).

Estão vendo os abstractos panegiristas? Tal e qual em nosso País!

\* \* \*

Poderia o articulista citar outros Estados decentes, todos monárquicos, nos quais a política se revela coisa séria e honesta: Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Japão, a Grécia que não agüentou muito tempo a calamitosa república que lhe impuseram e mandou chamar o Rei que fôra viver na Inglaterra. etc. Refere-se, porém, êle a uma república (embora *sui-generis*): a Confederação Suíça.

Mas a bem suíça "*Gazette de Lausanne*" mimoseia-nos com isto: – "*A máxima salus populi suprema lex esto a nossa Constituição substitui esta: Seja lei suprema a vontade do povo. Acarreta isso flagrantes inconseqüências. Condena o govêrno responsável a refazer de noite o que o sufrágio popular estraga de dia... A nossa Democracia tão gabada parece-se com uma feira numa praça. De soberana que era, ficou uma criada para todo serviço*" (Abril de 1935).

Não se diz igualmente entre nós que a natureza brasileira refaz de noite o que os políticos estragam de dia? Não se diz que o Brasil vai bem unicamente quando os nossos políticos (republicanos) estão dormindo?

\* \* \*

Continuarão, todavia, os nossos politiquieiros interessados no

negócio e certos jornalistas – uns e outros tão ignorantes ou de má fé como os bocaiuvas da "propaganda republicana que nem sequer tomavam conhecimento da tragédia política republicana América Espanhola! – continuarão a citar os "modelos" Estados-Unidos e Suíça, contra a experiência e contra a verdade política.

Não lhes interessa salvar o Brasil. Pretendem essa impossibilidade metafísica e política, comprovada pelos factos; salvar a república, salvar a democracia... contra o Brasil!

## A ORIGINALIDADE BRASILEIRA NAS AMÉRICAS

A nossa gloriosa originalidade nas Américas era o sermos MONARQUIA, o sermos IMPÉRIO.

Todos os nossos irmãos hispânicos lamentam, desde 1889, o nosso rebaixamento artificial ao primarismo ânti-nacional republicano. Pois todos êles quiseram, desde o início, ser Monarquias e não o puderam.

A república nos diminuiu no conceito das Nações americanas. Éramos grandes e diferentes. Somos hoje, apenas, mais uma desgraça igual às outras em nosso Continente.

## AO SABOR DO TEMPO

Despojados há muito doe motivos grandiosos que fazem as colectividades vibrarem de entusiasmo, de patriotismo transbordante e de explosões cívicas; desenganados pelas incidências contínuas e imutáveis de maus exemplos, de indignidades, de baixezas da parte dos agentes irresponsáveis do mífico regimen a êles impôsto em 89; desesperados da situação calamitosa, de pobreza, de misérias morais e materiais, de perseguições fiscais e burocráticas, dos reflexos das hu-

milhações internacionais sofridas pela Pátria em razão do servilismo do Estado Brasileiro às potências estranhas - já se não deparavam mais aos brasileiros as oportunidades de manifestar em grandes demonstrações conjuntas o seu espírito de brasilidade. Parecíamos um povo ferido de apatia irremediável, de anemia perniciosa, de gangrena letal.

Eis, porém, que surge, através dos desportos, um momento soberbo, propício a despertar as fôrças gloriosas das profundezas da alma da Raça. Electriza-se todo o ambiente nacional com o delírio sacro e palpitante que abrasava os maravilhosos recantos multiformes da Grécia antiga ao se anunciarem os jogos das Olimpíadas, prenes de religião e de beleza.

Ostentam-se hercúleos, apolíneos, incomparáveis pela sua inexpugnabilidade; assombram pelos dotes de resistência, agilidade e rapidez de improvisações futebolísticas; encantam pela disciplina antiga da brasilidade herdada da lusitanidade avoenga os representantes de uma Nação há 70 anos humilhada "*là-bas*", quase ninguém da Europa sabe perfeitamente onde. Foi a resposta ativa, arrasadora, convincente, da nossa Raça, contra a as teorias dos arianos, dos inimigos dos mestiços, dos tagareladores de superioridades antropológicas. O BRASIL É CAMPEÃO MUNDIAL! Reconheceram-no forçadamente todos os mais valorosos adversários, sobretudo os próprios leais suecos, os últimos a se baterem contra os nossos.

Bendito Futebol, que nos deu um espectáculo de gloriosa convulsão patriótica, nacional, nacionalista, como há tantos anos ignorávamos.

Mas... donde veio êsse triunfo? – Da existência de um comando firme, sério, moral e moralizador; de um COMANDO disciplinador e eficaz sob o aspecto humano e desportivo.

Dê-se-lhe um Estado sério; dê-se um Comando Político Imperial ao brasileiro – e o Brasil será breve a PRIMEIRA NAÇÃO DO MUNDO, com reconhecimento sincero de tôdas as outras Nações que sòmente poderão ser beneficiadas pela Justiça e Caridade internacional que ansiamos cristãmente por estabelecer em casa e no mundo, graças

aos meios opulentíssimos existentes em nosso País, desperdiçados ou estancados por uma política infame e trágica de palhaçadas, ladroeiras e brigas inoperantes e desmoralizadoras.

Desde 1789, a França, desnacionalizada, dá maus exemplos ao mundo. Enviou-nos todas as formas da peste, inclusive a criminosa franco- maçonaria. Já antes nos enviara enciclopedismo, voltaireanismo, jansenismo, galicanismo, etc.. Lastimável por sem dúvida. Quem mais padecia, no entanto, era o próprio povo francês, dominado pela filosofia dos metecos e seus "comprados" da velha raça.

No Estado, a primeira reação notável contra tal situação nímio longa foi o infeliz governo do Marechal Pétain, desgraçadamente criado em plena guerra, com a França vencida mercê das debilidades e asneiras congênicas à democracia e ao parlamentarismo esterilizantes. Foi um sacrifício aparentemente inútil a bem da França eterna.

De Gaulle, que em outras condições estaria pela iniciativa péta- nista, foi lançado pelo destino à resistência – agente de muitos heroís- mos a par de muitos outros crimes contra a França autêntica.

Viu-se, porém, o general em situação precária. Malogrou, como tinha forçosamente de malograr, a sua "*Concentração do Povo Fran- cês*". Dizia êle: "*Na falta de um verdadeiro Estado, a França não é defendida. O nosso primeiro dever é reduzir à passividade os agentes estrangeiros, inutilizar a sua obra e arrancar-lhes a fracção de povo que domina. Mas o regime de partidos é evidentemente incapaz disso. Às provocações mais acintosas, responde apenas com ordens do dia, ou irrisórias medidas de polícia. Sobretudo, nada faz para estabelecer condições sociais graças às quais se possa reagrupar a comunidade nacional*".

Voltando à carga, em discurso pronunciado em Lila: "*O nosso país encontra-se no início do reerguimento económico, mas seu surto é incessantemente contrariado pelos abalos de uma política incoerente. A administração, o exército, e mesmo a justiça, sofrem as consequên- cias do facto de OS PARTIDOS OS TRANSFORMAREM EM AGEN-*

TES DE TRANSAÇÕES, PARA USO DA SUA CLIENTELA".

*"A União Francêsa, em vez de se dedicar ao desenvolvimento apropriado de cada um dos seus territórios, é agitada sem cessar pela acção dos separatistas (comunistas) e dos partidos metropolitanos. Nestes últimos três anos, nada indica que os poderes públicos se tenham posto de acordo entre si mesmos. Quanto aos interesses vitais da França... tornou-se claro que O SISTEMA QUE PRETENDE NOS REPRESENTAR não o pode fazer com a necessária consistência e decisão. Em resumo, em todos os sectores, tudo se passa como se a atitude dos responsáveis pela nossa política se modificasse cada vez que SE ATAM E SE DESATAM AS COMBINAÇÕES DOS GRUPOS E DAS ASSEMBLÉIAS DE DELEGADOS. A França é hoje um navio sem leme".*

Longo seria citarmos tôdas as oportunidades em que o general revelou crua e objectivamente a mazela trágica da POLÍTICA DEMOCRÁTICA, da política (politicagem) DE PARTIDOS, afinal totalmente desmoralizados perante a Nação, mas irreductíveis na sua presunção de "REPRESENTAREM O POVO". Leiamos:

*"Os partidos, feridos de morte, mas tomados de desejo de conservar; pelo maior tempo possível as alavancas do Estado, voltam, contudo, à sua demagogia. Vemo-los esquecer os seus programas e dissimular suas pretensões. Vemos, agora, suas delegações simularem firmeza quanto às questões externas e, após breves abandonos, conservar o que resta das concessões francêsas. Entretanto, esta aparência de sabedoria não pode chegar a bons resultados. Os homens que são, ao mesmo tempo, ACTORES E PRISIONEIROS DO REGIME, têm como certo o seu valor, mas O REGIME ESTERILIZA A SUA CAPACIDADE PORQUE, EM SUA CONFUSÃO, É O PRÓPRIO REGIME QUE SE MOSTRA ESTÉRIL... Para conduzir a nação até aos objetivos a serem atingidos, é evidentemente NECESSÁRIO QUE TOMEMOS EM MÃOS O INSTRUMENTO APROPRIADO: O ESTADO. ESTAMOS RESOLVIDOS A FAZÊ-LO".*

São palavras pronunciadas a 12 de fevereiro de 1949.

Depois, desesperado ante a calamidade demo-liberal- partidocrática, abandonou a política. Lá em seu recolhimento o foi buscar a revolta nacional do coronel Mar?us e seus companheiros da africana Argélia.

Respirou a França. Começa a ter govêrno. Assiste a um princípio de solução, mas não o é totalmente. Naquele mesmo discurso supracitado, afirmava De Gaulle: *"Queremos que a França se proporcione INSTITUIÇÕES tais que o Estado republicano se mostre forte para conduzi-la, mesmo, caso seja necessário, através de tempestades. é preciso que desapareça a confusão de poderes, e que, ao contrário, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário sejam efectivamente separados e, por conseguinte, cada um seja responsável no que lhe diz respeito"*.

Estará ainda o general encalhado na superstição de Montesquieu, aniquilada por tantos grandes autores francêses de valor e, sobretudo, desmoralizada pela realidade? Imperdoável ignorância para um estadista informado da actual Ciência política (Política é ciência, meus amigos!) Chega de utopia e mitos. Cumpre estudar. Cumpre aprender com a política experimental: História. O que que esta ensina é que o Poder é indivisível. Mas a "representação", em vez de representar, pretende mandar, obediente ao mito demo-liberal. Resultado: o Poder não é mais poder: em suma, o Estado passa a ser mera ficção irresponsável, incapaz.

Que se dará, cessado o seu prazo de govêrno? Continuará? De que modo? Como ditador, sob a muda da Presidência? Como regente de desafinada e tumultuada banda multipartidária parlamentar? Ou largará tudo à chamada "normalidade" democrática (desgraça da França)?!

Entre os vários apelos a êle feitos, antes do alçamento argelino, para assumir o poder houve êste: *"No presente momento a nação tem a oportunidade, se assim se pode exprimir, de dispor de uma legitimidade de reserva, a do general De Gaulle. Representou êle a honra, o interêsse nacional, a adesão popular, a lei. A sua legitimidade sobe à*

*medida que abaixa a do regimen. Sabe-se, igualmente, que êle não será amanhã diferente do que foi ontem, isto é dirigente autoritário, talvez, mas oposto à tirania. Sabe-se enfim ser destino dêle tomar o leme em se aproximando o navio das tempestades, sem querer conservá-lo além do tempo necessário" (Michel Debré, "Ces princes que nous gouvernent...").*

Sem Rei não há salvação nacional ,tanto para o Brasil como para a França. A ditadura é o desconhecido. É salvação provisória, dado que falte a solução régia, monárquica.

Deu-nos, bem verdade é, a gloriosa Gália, o exemplo de como se pode tapar a bôca e os bolsos dos verborrágicos coveiros da Pátria, perante um povo já bûdicamente letárgico e desesperado da possibilidade de qualquer mudança para o bem.

Não queremos só isso para a Pátria de São Luís e Santa Joana d'Arc. São Luís foi Rei. A Joana d'Arc coube, da parte de Deus, a missão de levar o Rei ao trono. E, em tôda a história da humanidade, NUNCA nação alguma foi salva por DEMOCRACIA, mas muitíssimas vêzes destruída por ela. Com a palavra De Gaulle. E gratos pelo MAGNÍFICO EXEMPLO.

Nunca proveu à URSS entrar em graves perigos para realizar os seus nefandos planos.

Vulpinamente foi aos países bálticos. Maquiavêlicamente promove desordens no mundo inteiro, através de agentes bem camuflados ou com o uso aliciente de escritórios comerciais ou ministros e embaixadas.

Mete em tôda parte os seus camaleões. Intriga. Mentira. Deforma os factos mais corriqueiros com um senvergonhismo tal qual jamais se viu sôbre a terra.

Esteve no Brasil em 35. conflagrou no Oriente a Coréia e a Indochina. Espalhou motins por todo o mundo. Chacinou na Polônia, na Alemanha oriental e na Hungria os revoltados contra o seu banditismo escravista.

Procura sempre "tirar a castanha com a mão do gato".

Chegou a vez de lançar dinamite no mundo Árabe, com promes-

sas mirabolantes. O nosso pequeno Líbano está em perigo.

Compreenderá o Ocidente inadvertido o perigo gravíssimo em que vai meter a insinuação melosa dos imperialistas das estepes? Deixar-se-ão embalar pelas ingenuidades de Ialta?

Importa-nos socorrer o aliado, pequeno mas resoluto, que é a velha terra onde pompeou nos tempos antigos a civilização fenícia e hoje constitui um dos centros mais promissores da grande civilização agarena que vai florescer ao depois desta tormenta hedionda pela qual transita com dores atrozes a humanidade contemporânea.

Salvemos o Líbano, nosso aliado!

## CONGELAMENTO...

A república confunde-se com crise permanente.

Sai-se de uma para outra, como já tantas vêzes mostrámos, sem dar solução a coisa alguma.

É o regimen que não presta. Se os políticos enfezam e teimam em sustentar que o regimen é muito bonzinho, então SÃO ELES QUE NÃO PRESTAM, e devem entregar o poder aos Patrianovistas que em dois anos lhes provarão, COM FACTOS, que o mal é da república.

Há quase setenta anos vivemos na dependura. De cada eleição maravilhosa..., se eleva mais e mais o custo de vida.

Nas de outubro, soltaram foguetório vivendo a vitória da democracia... finalmente. "O povo está sendo politizado!" proclamaram os malandros, julgando óptimo o resultado das eleições. Não se falou das pressões psicológicas conseguidas a jactos de dinheiro na propaganda, da pressão penal contra a abstenção, da compra... da venda... da corrupção - tudo quanto vai aparecendo aos poucos. E ainda silenciámos outras patifarias, deixando que apareçam por si. Ninguém perde por esperá-las.

Com tanto "investimento" improdutivo, tudo tinha que subir.

Vem a solução policial do "congelamento"... para os pequenos, ou outros. Que adianta isso? Precisamos de SOLUÇÃO ORGÂNICA, solução DE CONJUNTO.

Governo "federal", govêrnos "estaduais", govêrnos municipais decretam novos impostos ou majoração de impostos. Aumentam-se os gastos que já são exagerados. Depois da posse... dos novos, haverá novo exército de funcionários beneméritos das eleições passadas. Salário mínimo, aumento para o funcionalismo "actual", etc., etc. Tudo isso só aumentará inflação. e não falamos de dinheiro que desaparece por vias esconças...

Onde o exemplo do govêrno? ONDE A AUSTERIDADE necessária para a salvação pública? Não acham melhor congelarmos de uma vez a república e enterrá-la no polo norte, que é pouco frequentado?

## SALVAÇÃO DO BRASIL

– *Compadre, na próxima eleição nós vamos salvar o Brasil.*

– *Como, compadre? Isto aqui não tem mais jeito.*

– *Nós vamos eleger outro presidente da república, outros governadores, outros senadores, outros deputados, outros prefeitos, outros vereadores!*

– *Desde que eu era mocinho que se fala disso, compadre!*

– *Mas desta vez, vai mesmo.*

– *E os candidatos pra tudo isso? Quem os escolhe? Nós?*

– *Ué! É mesmo... Não podemos. São os partidos ou são êles mesmos, os candidatos a candidatos, que se escolhem; não é o povo que escolhe na democracia, na república. Além disso, nós conhecemos quando muito só o pessoalzinho da nosa vila: o vigário, o professor, a professôra, o delegado, o boticário, o tipógrafo e mais alguns...*

– *Mas, pensando bem, compadre, estou vendo que covê é amigo*

da onça.

– Homessa! por que, compadre?

– Por que? Por que? Está na cara. O presidente da república, que está aí, não nomeou uma porção de gente da família dêle, dos amigos dêle, dos cabos eleitorais dêle, dos eleitores dêle, dos amigos da família dêle, das famílias e dos amigos dos eleitores dêle?

– É verdade, compadre! E todos estão ganhando um dinheirão que daria para fazer maravilhas para a grandeza do Brasil, para educação, para assistência, para financiamento da lavoura, para salvar o milhão de crianças que morrem no Brasil antes de completarem um ano de vida, para fazer estradas e melhorar os transportes, para melhorar a marinha mercante de cabotagem e de longo curso, para fortalecer a Marinha de Guerra, para reforçar o policiamento, para as pesquisas científicas, para ajudar a Igreja Católica e tôdas as suas obras culturais, assistenciais, missionárias e intelectuais que vivem na tanga, etc., etc...

– Puxa, compadre! Você já está sonhando com o dinheiro que eles manjam, hein! Mas não fizeram a mesma coisa que o presidente os governadores que estão aí, os senadores que estão aí, os deputados que estão aí, os prefeitos e vereadores que estão aí?

– Quase todos fizeram a mesma coisa e até pior, como dizem os jornais e as estações de rádio.

– Então, como vai ser, se todos eles que já estão cheios saírem para entrarem outros que chegarão vazios? Não disse que você é amigo da onça?

– Huuum! Parece que o negócio ainda ficará pior, não?

– Bem! Depende...

– Mas a lei exige novas eleições, mudança, novidades... Muitos desses tais que estão aí não ficaram ricos à nossa custa, à custa do povo?

– Ficaram. Aumentaram impostos, fizeram negociatas, arranjavam privilégios de todo jeito, favoreceram parentes indignos, receberam gorjetas para fazerem certas leis e posturas, deram facilidades a empresários estrangeiros em prejuízo de nacionais, usaram de "sumoquizações" escandalosas como disse o senador Moura, etc., etc.

- Tudo isso, infelizmente, é verdade.
- E os novos que vierem irão confiscar todo o produto dessas trapaças?
- Acho que não! Talvez planejem até repetir a mesma coisa.
- Os novos que vierem irão "desnomear" todos os funcionários encostados, vagabundos, vadios, incompetentes e que atendem a gente com raiva?
- Acho que não! Dizem que não pode por causa dos republicanos "direitos adquiridos".
- Os novos que vierem vão destruir todos os privilégios republicanos concedidos de mil maneiras?
- Acho que não!
- Os novos que vierem vão desfazer tôdas as injustiças cometidas pelos que aí estão?
- Acho que não!
- Então não adianta nada haver novas eleições, se tudo TEM de SER igualzinho ao que está, ainda com gastos imensos e encarecimento de tudo, como sempre acontece depois das eleições.
- Agora compreendi tudo, compadre, e vejo que você tem razão ao me chamar de amigo da onça. Com efeito, não adianta nada mudar os homens, pois o regimen, e por isso mesmo, os costumes continuarão os mesmos. a república é uma casa da sogra, ou uma emprêsa da sogra, dirigida por gerentes interesseiros e ladrões por necessidade, irresponsáveis, que não se importam com o bem da emprêsa, PORQUE A EMPRÊSA NÃO É DEFINITIVAMENTE DELES, a emprêsa não está ligada à sorte dêles, à vida dêles, à glória dêles, à honra dêles, ao futuro dêles, aos filhos dêles. Quem sabe se uma DITADURA...
- Qual ditadura, qual nada, compadre! O poder pessoal do ditador não é independente. êle está ligado de pés e mãos àqueles cuja fôrça ocasional os elevou. Não tem liberdade para fazer TÔDA JUSTIÇA. Êle será um demagogo de tipo diferente dos outros... democráticos, mas será demagogo no duro. Além disso, acaba sempre em beco sem saída, quer seja Cromwell, ou Pisuldski, ou Stálin, Getúlio Vargas, ou qualquer outro...
- Ah! compadre, então é melhor desistir, estamos perdidos.
- Alto lá, velhinho! Isso não! O Brasil não foi sempre casa da

sogra.

– Quando isso?! Desde menino que vejo essa droga da mesma maneira. Não muda... quer dizer: só muda para ficar pior;

– Quando isso? Quando tinha Rei de Portugal ou Imperador do Brasil, o verdadeiro DONO DA CASA, o autêntico DONO DA EMPRÊSA!

– Você quer dizer, compadre, quando o Brasil era MONARQUIA?

– Justamente, compadre!

– Eu nasci na república... sempre na mesma desgraça... Mas não dizem que isso é coisa atrasada, superada, antiquada...

– Os interessados dizem isso. Os malandros dizem isso. Os tarados dizem isso. Os aproveitadores dizem isso. Os traidores da Pátria dizem isso. Os politiquinhos dizem isso. Vale como elogio para a Monarquia, pois o insulto dos canalhas é louvor para os bons. O Rei recebe o poder pela mão da natureza, quer dizer pela mão de Deus, e governa pela consciência e pela soberania nata que não procede de papeletas sórdidas da demagogia. Êle é INDEPENDENTE E JUSTICEIRO NATO. Não deve a sua posição a ninguém. Ê como o pai para o filho que não o escolheu, mas o recebeu de Deus mesmo.

– Sabe que essas conversas me estão interessando, compadre? Há alguém que esteja cogitando dêsse milagre?

– Sim!!!

– Ê gente importante? Gente que tem fôrça?

– A Causa é que é importante. A Causa é que tem fôrça. Os que se julgam importantes, os megalomaniacos soberbos, por si mesmos afastam Deus da sua obra. Há por aí uns tais PATRIANOVISTAS, que desejam instaurar uma MONARQUIA ORGÂNICA, baseada na integral tradição brasileira, para RESTAURAR a grandeza do Brasil.

– Creia, compadre: com essa revelação você me prestou um grande serviço; você esclareceu o meu bestunto. Eu andava no escuro pensando em salvação por meio de bobagens como democracia, eleições contínuas, votos e palhaçadas que cada vez afastam mais a salvação do Brasil.

– Nunca, em época nenhuma, república, democracia e eleições salvaram nação alguma. Quando Deus quer salvar um povo, geralmente o fêz

*mandando Joana d'Arc pôr Carlos VII no trono da França ou encaminhando o angélico Nuno Álvares Pereira a exaltar para Rei o Mestre de Avis, Dom João I. Tudo mais é conversa diabólica.*

*– Então, compadre, "cesse tudo que a Musa antiga canta"! Venha a MONARQUIA ORGÂNICA, nem que seja a paulada!  
VIVA A MONARQUIA! VIVA O NOVO IMPERADOR!*

## O POVO E O VOTO

Nunca se viu um povo sair espontâneamente à rua para gritar que quer votar, que quer eleições.

Que quer pão, que quer justiça, que quer barateamento do custo de vida, castigo para os injustos, os aproveitadores, os ladrões, os opressores, etc., etc.... isso é comum na história.

Aqui mesmo em São Paulo, diante da assembléia legislativa, deputados não puderam falar na "sessão extraordinária" que a população revoltada convocou... só o conseguindo oficiais do Exército Brasileiro.

Foi sintomático. O mesmo tem acontecido em todo o Brasil contra os demagogos partidistas inventores da besteira de que o povo quer votar...

O povo evidentemente (mostram os factos "republicanos") quer ver a caveira dos votados...

## ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA

Dolorosa constatação: os nossos ricos são na maioria absoluta egoístas e mesquinhos, pouco abertos às necessidades e clamores dos pobres e dos apóstolos da autêntica salvação nacional, salvação temporal, intelectual e espiritual do povo.

Por outro lado o regimen, em regra predatório e ladrão, só olha

para os "seus", para obras materiais, demagógicas, "de aparência"; desperdiça, desvia, inflaciona, empobrece a Nação... e vive, ademais de tudo e apesar de tudo e de todos os roubos, mendigando internacionalmente o que DEIXA sair do país pelas mãos dos gatunos internacionais que "trazem" capitais que nos... descapitalizam no "retôrno" das migalhinhas dêles e das TONELADAS nossas.

Em face de tudo isso, difícilimo nos é apostolizar no Brasil.

Mesquinheza dos ricos que só pensam em si, nas suas famílias (amiude em outras suas falsas famílias), nas suas vaidades e artificiais necessidades; regimen eleitoreiro e compadrista que de ordinário só pensa nos "seus" e nas próximas eleições caríssimas, enfraquecendo e desmoralizando o Brasil.

Felizmente, nem tôda apostolização depende de dinheiro ou muito dinheiro! Por isso mesmo, apesar das ditas omissões, pode a Igreja e podem os grupos idealistas fazer algo pela salvação da comunidade. Que Deus se compadeça dêste pobre Povo! E especialmente dos pobres, dos pequenos, dos humildes, dos injustiçados, dos que têm fome e sêde de pão e de justiça.

## **BRINCANDO SÉRIO...**

Vocês republicanos dizem que a forma de govêrno não tem importância.

Suponhamos que de facto não o tenha. Mas então por que vocês se deram ao trabalho inglório da fabricação de uma república?

A Monarquia era e é a FORMA do Brasil. E vocês andaram intrigando o exército contra ela. Lançaram uns manifestos, aliás bem ruinzinhos e imbecis. Um dia, afinal, depois de conluios infames em sociedade secreta internacional, interessada em nossa fraqueza e ruína (resultado hoje patente), meia dúzia de engambelados dl' farda muda-

ram (para vocês e contra o Brasil), a forma de govêrno que não tem importância.

E, se pouco importa a forma de govêrno, por que durante êstes nefastos 70 anos têm vocês defendido com unhas e dentes a forma (ou desforma) republicana? Floriano chegou a apelar vergonhosamente para intervenção estrangeira, com o fim de debelar a revolta da Armada, havida por imperial. Ainda agora, tamanho é o pavor, que a constituição feita por vocês contra o Brasil em 1946 impede até a formação de um indesejável partido monárquico.

Que tal! Não lhes parece absurdo? Não lhes parece incoerente?

Sim. Atino com a razão oculta da desimportância da forma de govêrno: não tem importância agora que totalitariamente fizeram para vocês e contra o Brasil isso que está aí, a boa mamata republicana, o paraíso da "marmelada". Não tem importância, contanto que a forma (?) vigente seja a republicana.

"Bons de bico!" diria o povo se entendesse destas coisas de política que vocês lhe entregam (teòricamente apenas) para resolver.

Se amanhã, tão inesperadamente como em 89, fundássemos a nova Monarquia dispensando os beneméritos serviços de vocês e as suas inúmeras "marias candelárias" e "mários candelários", recomeçariam vocês a falar de mudança da forma de govêrno que não tem importância, se ainda houvesse no Brasil idiotas para ouvi-los após tão amarga experiência.

Sim: a forma de governo não tem importância nenhuma, contanto que se conserve a república, a grande mamata dos "pratiotas".

## DESAFIO À CORAGEM E GENEROSIDADE DOS BRASILEIROS

Os tais governos dos estados "democráticos" emergidos da última guerra mostram-se incapazes como condutores ou orientadores da

humanidade saída da tormenta.

Está faltando um Estado verdadeiramente líder do Mundo Novo. Poderá sê-lo o IMPÉRIO BRASILEIRO, comandando a Nação-Síntese cristã, católica, humana, ecumênica, que é natural e tradicionalmente o Brasil.

Todos os outros estados fracassaram por incompreensão, egoísmo ou idiosincrasias inumanas, e arrastam o mundo ao caos. Carecem de espírito, de desinterêsse, de plasticidade rácica, de coração, de caridade.

Poderemos ocupar em breve o lugar vago. Êste é um desafio lançado por PÁTRIA-NOVA aos Brasileiros.

## COM REPÚBLICA... NADA!

Se o Estado republicano é dos partidos, os partidos são presa do eleitoralismo, o eleitoralismo é mercado do capitalismo usurário nativo e estrangeiro, além de "necessariamente" empreguista, inflacionista, empobrecedor e salteador da Nação... e o povo pode votar somente nos partidos (por imposição totalitária da republicaníssima lei facciosa criadora artificial dêsses artificiais partidos), - com república tôda salvação é conversa fiada.

## PARTIDOS

Aderir por oportunismo político ao sistema liberal de partidos, por mais generosas que sejam as intenções, é infidelidade ao princípio da Monarquia orgânica e tradicionalista e adesão à peste pagã, ânti-nacional e maçónica que há mais de cento e cinquenta anos desmoraliza, avilta e destrói, a paz, e a felicidade do Ocidente cristão.

PÁTRIA-NOVA, sempre fiel aos princípios cristãos e nacionais, abomina e repele tôda prática partidária, sempre divisionista, des-

moralizadora e dissolvente, seja qual fôr a denominação hipócrita que a pretenda coonestar.

## DISCIPLINA NACIONAL

Sem Rei, não há paz, não há prosperidade, não há respeito, não há ordem, não há disciplina na sociedade. Mas, para que seja perfeito o regimen encabeçado pelo Rei (hereditário), é mister pôr de parte a inorgânica gerada pela anarquia das constituições abstractas, fruto da era liberal e democrática, isto é do homem autômato desconhecedor da autoridade divina que houvera de ser a pedra angular da fundação dos Estados.

Essa razão por que, levantando o grito de resgate nacional em 1928 (quando os políticos brasileiros nem sabiam o que significava democracia liberal!!!), o Patrianovismo, pela voz do seu chefe e fundador, afirmou, para escândalo dos retardados da cultura: "*O Brasil é uma Pátria Imperial que não pode, de modo nenhum, ser república. A república não só não pode resolver os problemas da nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, ânti-nacional e separatista*".

Dessa verdade política e sociológica continua sendo atestado a vida brasileira, passados já nove anos sinistros. E houve, felizmente, muitos intelectuais que compreenderam as razões do Patrianovismo, embora não no confessando em público.

\* \* \*

Todavia, unicamente a perfeita compreensão da Doutrina Patrianovista, com tôda sinceridade e lealdade pode salvar o Brasil da calamidade para a qual se envereda. Só ela pode criar a Disciplina Nacional, advinda não apenas do temor do castigo mas pelo obséquio racional

do bem cumprir o dever, que é apanágio dos homens verdadeiramente livres, pois é a obediência à lei moral que liberta o homem.

O que entretanto, vemos no Brasil contemporâneo, filho da irreligião prática e do liberalismo, é a anarquia nas consciências e nos actos; a irresponsabilidade dos maus; o desprestígio dos bons, e, o que é pior, muitas vezes a indiferença dos bons perante a onda dos erros e dos crimes.

E a indisciplina nacional é a maior vergonha que expõe a nossa Pátria como um país de futura conquista aos povos decentes e organizados do mundo.

\* \* \*

Não vêm os pobres de espírito a imensidão do mal que o regímen causa à Nação. Entretanto, desde a Família, até a escola, à Igreja (no que ela tem de humano, pois o divino é intangível) e à sociedade, nas mínimas das manifestações da vida brasileira, se vê o selo maldito da anarquia, da indisciplina.

Isso tudo está pedindo um govêrno forte; mas forte pela própria natureza dos seus postulados, da sua essência orgânica, e não exclusivamente pela "madeira", porquanto seria uma fôrça artificial. E isto se chama Estado Patrianovista, isto é Imperial Orgânico.

Por enquanto, o que presenciamos é o espectáculo indecente da nossa miséria moral, da nossa miséria social, da nossa miséria económica e política, pela indisciplina congênita à república.

Nas mínimas coisas: por exemplo, nas Olimpíadas de Berlim, houve encrenca, bate-bôca, indisciplina, desmoralização pública. Quem foi? A delegação brasileira!!! Era o caso de chamar imediatamente ao Brasil a tal embaixada e pôr todos os responsáveis na cadeia (ou na fôrça?), como diminuidores, maus "propagandistas" do Brasil.

Nada! Nesta boa Terra, não se castiga ninguém, nem por desfalques, nem por outras omissões. Francamente, fomos muito maiores,

mais dignos, mais respeitáveis nos malsinados tempos portugueses quando ao menos tínhamos honra.

Hoje, não temos nada: temos a república, pela graça da maçonaria, do Deodoro, do Floriano e do "comidista" Benjamim Botelho.

*(Na "Folha de Guarulhos", a 26-4-1937)*

## OS REPUBLICANOS IGNORAM A HISTÓRIA

Se os republicanos conhecessem mais ou menos a história do Brasil que infelicitam, saberiam que, entre a república em vigor e o II Império tão liberal como ela ou pior do que ela, houve tôdas as espécies de reformas eleitorais para garantir a verdade e eficácia do voto e da votação... E foram sempre a mesma droga, pois o problema era sempre de regimen: no Império, impunha-se a necessidade de acabar com o liberalismo democrático e parlamentar fazendo-se a Monarquia orgânicadas nossas multisseculares tradições; na república, que tem todos os erros do velho Império agravados pelo eleitoralismo desbragado, impõe-se acabar com a... república, a favor do Império Patrianovista imune aos mitos nefastos antigos e novos, i. é pretensamente novos.

Outra tolice é a sugestão do govêrno colegiado. Já o tivemos e foi uma desgraça: as duas Regências Trinas, a provisória e a permanente. Como ainda havia patriotismo (hoje só há PRATiotismo!), substituíram os nossos Antepassados o triúnviro colégio pelo Regente único, semelhança do actual Presidente de república e tão eleito como éle. Foi melhor... mas não podia dar certo; era chefe partidário, dependente de eleições e portanto escravo de interêsses contrários à colectividade. Que fizeram então os nossos Maiores? Procuraram um instituto estrangeiro para resolver os nossos problemas à moda dos sábios de hoje?...

Não. Proclamaram maior o Imperador Menino. Pois sabiam que

SEM REI NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL. Não há verdadeira Autoridade, não há responsabilidade efectiva, não há continuidade, não há garantia do bem comum: não há justiça, não há paz.

## BONS BOCADOS

NA REPÚBLICA, só tens duas situações ideais: não teres nada, ou seres rico ladrão. Se não tens nada, a República não acha como te perseguir e te roubar. Se és rico ladrão, iludes a megera, lhe sonegas tudo e escondes o que tens para não seres roubado pelos seus lançadores, creadores de impostos extorsivos e achacamentos de fiscais criminosos, impunes para os quais não há a merecida fôrca. Na pior circunstância compras a todos para perderes menos do cabedal obtido com o teu esforço, inteligência e senso de negócios, dado que também não sejas ladrão como a tal...

Mas, se tens algo e és sério; se queres produzir, queres beneficiar o povo e ganhar honestamente, tôda a máquina de opressão te persegue, rouba, desespera e até mata. Pior para ti, se planejas fabricar produtos mais baratos do que a república exige. Pois ela quer tudo caro, caríssimo... a bem do seu "povo" (dela!). É possível, perante Deus justiceiro e amigo dos pobres. continuar essa situação tirânica?!

TESES DE SATANÁS são certas sentenças modernistas, pretensamente ortodoxas mas essencialmente heréticas, como essa que exclui o Estado da redenção consumada por Cristo na cruz, redenção essa que precisamos nós cristãos completar com a nossa indispensável cooperação até a parusia final, lutando contra o satanismo da Revolução.

COMO AMIUDO repetimos nesses trinta anos de doutrinação patrianovista, não queremos a restauração do Império Antigo, embora fôsse grande nos quadros do seu tempo.

Restauração incluiria erros graves, inclusive religiosos, filósofi-

cos, políticos e sociais.

Importa-nos a restauração do Grande Brasil antigo pela INSTAURAÇÃO do Império Orgânico ânti-liberal que hoje já existiria soberano e justo, não fora a corrupção maçônica-constitucionalista da chamada geração da "Independência", prolongada pelos dois impérios e agravada no tragicômico psicitacismo internacional e ânti-nacional da república.

Não basta, pois, saber história para salvar uma Nação debastada; há mister muita teologia, filosofia (especialmente ontologia), sociologia e compreensão dos tempos, dote êsse não comum.

Nisso é PÁTRIA-NOVA sempre actual, até superando-se.

A nossa Doutrina, esboçada remotamente ao depois da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra, actualizou-se com a 2.<sup>a</sup> e suas conquistas técnicas, o mesmo acontecendo nesta época ecumênica da astronáutica.

E isso tudo, em plena fidelidade à Tradição Nacional brasileira e lusíada. Fora disso, só há encalhe e presunção cretina.

HÁ POR AÍ uns políticos retardados a falar em "tendências socializantes" do mundo moderno, e a sentenciar engraçadinhos que o mundo "marcha para o socialismo" e outras idiotices do mesmo naipe. Evidencia-se portanto que êsses trogloditas republicanos, cheios de auto-suficiência, não sabem nada, não estudam nada, não lêem nada, não revisam nada, não conhecem os grandes pensadores políticos da actualidade mundial.

Diz o tratadista austríaco Gustav A. Canaval o seguinte: "*J. D. Crossmann, autor inglês das esquerdas, situado nas lindes entre o comunismo e trabalhismo, lançou não fará muito um grito de alarma no Time and Tide pelo facto de já não se encontrarem os espíritos de escol da Europa e da América no campo das esquerdas, senão que se estão convertendo, em número crescente, para o pensamento monárquico. E isto nos Estados-Unidos, país no qual nunca se conheceu a monarquia*".

Qualquer tratadista europeu ou dos nossos hispânicos, e até mesmo norteamericanos, já sabe disso.

Como custa a chegar a cultura actualizada, a verdade, ao bestun-  
to dos nossos polítiqueiros republicanos!

A utopia socialista e comunista vai sendo ultrapassada. Intelec-  
tual e praticamente já faliu. Praticamente só uma tirania ferocíssima  
de auto-defesa a conserva (embora já quase sem conteúdo) em certos  
países: URSS, Hungria, etc. E voltam subrepticiamente, nesses países,  
idéias nada socialistas. Mas qual! São "irrecuperáveis" os nossos boto-  
cudíssimos "estadistas".

## PRIORIDADES

A prioridade indiscutível está na santificação das almas. Mas  
"instrumentalmente" está na SANTIFICAÇÃO DO ESTADO.

Que os que têm Deus nas almas e autoridade social ao invés  
de tagarelarem que o regime não têm importância, tratem de santificar  
o Estado que os inimigos da Igreja satanizam. Caso contrário, muitas  
canseiras dos apóstolos resultarão, sob o aspecto natural, relativamente  
inúteis.

## NUM COMÍCIO

*– Não adianta nada do que vocês estão falando aí. A república é mes-  
mo contra o povo.*

*– Como tem o sr. a ousadia de afirmar tal coisa. Olhe a "cana"?*

*– Qual cana, qual nada! Tôda gente sabe disso. Que prendam os la-  
drões, os punguistas, os tarados, os playboys, os que dão desfalques; que  
prendam os criminosos, os venais, que andam por aí à solta e deixem em  
paz quem diz a verdade. A república é eleitoreira, fiscalista e inflacionária;  
eleitoralismo, fiscalismo ou mania de impostos e taxas, inflacionarismo, são*

*gatunagem, A república é gatuna. Vocês acham que gatuno pode ser amigo do povo que vive no batente pesado para ganhar a vida?*

*– Mas a república não foi sempre assim.*

*– Que idade você tem para dizer isso?*

*– Vinte e um anos. Sou maior, vacinado, eleitor. reservista etc.*

*– Você é brotinho. Não viu nada. A república confunde-se com a inflação desde 1889. Foi ministro da Fazenda o advogado Rui Barbosa que, por ordem estranha, reduziu o nosso dinheiro a nada. Ora, a inflação significa empobrecimento, vida cara ou caríssima, enfraquecimento, fome permanente, anemia e morte. A república com inflação. mata a prestações altíssimas o povo que mais cresce no mundo, apesar da república; o brasileiro. E uns estrangeirizados por aí chegam a dizer que o brasileiro não presta.*

*– O sr. fala de república totalitária, ditatorial. É diferente a república democrática, a democracia.*

*– Refiro-me a qualquer república: fascista, nazista, democrática "cristã", socialista, comunista, colegiada, o diabo... São todas totalitárias. E, quanto mais democrática a república tanto mais eleitoreira; quanto mais eleitoreira, mais inflacionária; quanto mais inflacionária, mais ladra; quanto mais ladrona, mais inimiga do povo, que ela explora, empobrece, esgota, desespera e mata. Tudo quanto inventam para minorar o custo da vida acaba em máquina de empregos, em maior roubo, em maior desgraça. Não viram o tal congelamento? Nem os impostos foram congelados. E o preço da condução? E há condução mais fácil como prometeram? Muita gente ficou morta nas ruas. Adiantou?*

*– Então estamos desgraçados. Não há possibilidade de salvação para o povo, salvação séria, verdadeira, definitiva. O que temos aí é república.*

*– Aí é que são elas. Temos sim salvação. Sabem como? Pela destruição da inimiga do povo, isto é destruição da república com os seus aliados – capitalismo usurário e ladrão, tanto brasileiro como estrangeiro; eleitoralismo demagógico e negociasta, fábrica de políticos, administradores e funcionários peculatórios; desorganização nacional, factor de desordem, desperdício e fraqueza; filhotismo, destruidor da hierarquia funcional; fiscalismo,*

*inimigo directo e feroz da produção... etc. etc.*

– *E como fazer isso? Só se todo o povo se unir. Pode-se conseguir isso?*

– *Evidente que pode haver união. Sòmente com Rei. Sem Rei, sem Imperador, não é possível união nacional. Os partidos, por mais bonitinhos que sejam, dividem, partem; são inimigos do povo, como a república e com a república.*

– *Então teremos que fundar um partido do povo!*

– *Qual partido do povo, qual nada! Partido não representa povo. Partido representa os próprios partidários ou, melhor, os chefes do partido e nada mais. Partido é negócio. Vocês querem partir o povo?*

*Ainda há pouco os estudantes e os professôres não venceram greves sem intermédio dos exploradores partidários?*

– *Foi uma barbada...*

– *E quem comeu o tal dinheiro que era para favorecer legitimamente os professôres e alunos?*

– *Foram os representantes de partidos.*

– *O povo inteiro, isto é as FAMÍLIAS E TÔDAS AS PROFISSÕES juntas não são mais poderosas que só os estudantes e professôres?*

– *São, está claro! E quem comandará essa UNIÃO?*

– *Só um IMPERADOR. E êle existe e aguarda a hora de Deus para aparecer.*

Então estou de acôrdo. Viva a Monarquia! Viva o Imperador!

Viva a união do Povo inteiro contra asua maior inimiga! Partido é luta e não construção, luta pelo predomínio de egoísmos.

Se, com outros homens equilibrados, afirma Alberto Tôrres que "*admitir a lula como princípio de actividade é postular a existência que se esforça por destruir-se*", devem ser irremissivelmente condenados todos os regimens partidários e piores ainda os multipartidários que multiplicam os egoísmos. Nem unipartidarismo, nem multipartidarismo. Abaixo os partidos! São todos traidores da verdadeira paz, da prosperidade e da felicidade geral.

## LIBERTICIDAS...

Quando alguém fala (e todos falam!) contra a calamidade nacional do legislativo republicano, os ilustres subsidiófagos estrilam, gritando liberticídio.

Ora! quem mais liberticida que a democracia republicana com a sua representação que não representa patavina a não ser aos próprios "representantes" e os seus privadíssimos interesses via de regra crimiносíssimos e merecedores de patíbulo?

Não lhes bastam as iracundas manifestações, por todo o Brasil, do povo revoltado contra tôdas as suas infâmias e omissões? Querem mais? Terão!

## AFIRMAÇÕES CHOCANTES

Pela primeira vez na história do Brasil, PÁTRIA-NOVA considerou a vida política da nossa Pátria como um todo contínuo e inconsútil. O Brasil Português (chamado erroadamente "colônia") é a mais legítima fonte de uma genuína e autêntica POLÍTICA DE RENOVAÇÃO, DE RECUPERAÇÃO. São quase nulas as ações do Império antigo e, ainda mais da República, pois importaram, aquêles mais moderadamente, e esta desbragadamente, utopias jacobinas, estranhas, perniciosas, loucas, que impediram a evolução natural, normal da Pátria Brasileira separada do resto do Império Português. República é o regime em que o povo trabalha e o govêrno atrapalha.

## CONTRA...

A ilusão republicana vai ficando com os velhos, procurando po-

rém a mocidade os caminhos novos.

No Brasil, não se podia afirmar tal verdade antes do aparecimento em 1928, do Movimento Patrianovista, da Pátria-Nova.

Eram monarquistas, então, quase somente os nossos respeitáveis anciãos, mas de um monarquismo platônico e irracional, suspirando pela volta do Império tal qual era, com todos os seus erros, com todas as suas falhas político-sociais e religiosas. Além disso, sem moverem uma palha, desde a morte prematura de Dom Luís de Bragança em 1920, para que essa volta, conquanto irracional, fôsse realizada.

Era, porcerto, uma incompreensão da realidade histórica: o passado, por mais belo e sugestivo que seja, não retorna simplesmente. Há, em todos os séculos, necessidades acidentais, mas nem por isso desprezíveis, condicionadoras da ambientação dum instituto do passado, quer tenha êste passado sido violentamente quebrado (como o do Brasil em 1889), quer seja êle uma realidade viva pela fidelidade à tradição dos maiores, base necessária do progresso de uma Nação, o qual é um acréscimo e não uma destruição.

Acrescente-se a isso que havia, em nosso glorioso Império, I e II, erros políticos e religiosos profundos, e conclua-se se fôra possível voltar o Império simplesmente. Fazer III Império com todos aqueles erros (como quem nada aprendeu com a experiência desastrosa da república e da evolução da humanidade) SERIA APENAS PREPARAR A "VOLTA" DUMA OUTRA REPÚBLICA. Iguais causas, iguais efeitos. Monarquia liberal-democrática, parlamentar, individualista, capitalista, plutocrática: - república! Segunda monarquia liberal-democrática, parlamentar, individualista, capitalista. plutocrática – outra república ainda mais desastrosa, talvez socialista ou comunista!

Não nos compreendeu, e não nos compreende, a maioria dos velhos monarquistas. Já não estão no tempo. E não nos conhece essa gente nova que não nos pôde ouvir durante quase dez anos.

Surgiram, todavia, quando da nossa propaganda activa e diuturna (de 1929 a 1937) grandes forças moças por todo o nosso Imperial

Território, especialmente nas rodas ginásianas universitárias e de alta ante intelectualidade, fazendo côro ao clarim da PÁTRIA-NOVA, num entusiasmo e confiança que consolaram os iniciadores do Movimento árduo no qual púnhamos todo o coração e toda a inteligência. Pois a conclusão pelo Império Patrianovista supõe um corajoso acto de inteligência. E arcorreu-nos a Mocidade. Era o Brasil, o Brasil actual, o Brasil sem preconceitos néscios e irreflectidos que respondia ao nosso grito de guerra e de amor, apélo às inteligências fortes e aos corações generosos não contaminados pelas gloriolas e proventos do immediatismo político.

A Pátria, realidade viva que abrange o Passado, o Presente e o Futuro, ouvia a voz da sabedoria dos Mortos (os vivos do Passado Nacional), pela bôca dos Vivos (os mortos do Futuro) a bem dos futuros Vivos que, pela sagrada lei da Tradição e do Sangue, perpetuarão a Pátria Imperial Brasileira (que nunca deixou de o ser) no grande espírito que estamos plantando com a semente do Passado.

Com efeito, não é a Nação, no sentido eterno e patrianovista, essa coisa amorfa, inexpressiva e sem honra, que a república cega, eleicoeira e energúmena nos apresenta na idiotice parva dos seus doutrinaamentos venenosos e em última análise materialistas, os quais nos mataram duas gerações pelo menos. É a Nação uma grandiosa herança dos que se foram, continuada nos que hoje vivem. A Nação, CONJUNTO DE FAMÍLIAS VIVAS, DE COSTUMES VIVOS, DE TRADIÇÕES VIVAS ESTÁTICO-DINÂMICAS, legado dos Avós, não é uma negação, mas uma afirmação, afirmação do Passado, afirmação do Presente baseado no Passado, afirmação actuante das esperanças do Futuro.

A Nação é o avô, o filho, o neto, dentro dum espírito de unidade, respeito, disciplina, doutrina. É o ser vivo da colectividade, que não pode querer destruir-se, pois qualquer ente luta pela sua conservação. Só agentes externos (ou internos influenciados pelos exteriores) podem desejar promover a sua ruína. Tal o que se deu no Brasil.

Isso, como dizíamos, é a Nação. Providenciais circunstâncias

históricas estabeleceram, entre as famílias da Nação, uma que se chama Dinástica, e, salvo intervenções estranhas seguirá a ação pelos séculos afora. Não há solução de continuidade na vida nacional. Túnica inconsútil dividi-la é perdê-la.

Por cuja causa se está vendo como o não te dinastia tradicional é uma das maiores desgraças de um povo moderno. Porque os nossos tempos maus e superficiais no julgar a vida não sabem criá-las e respeitá-las. Pior ainda é, tendo-a, perdê-la.

Conservãr-se-ão, porém, os pecados, os erros do passado? Não! porque o pecado, o êrro não é ser, mas falta de ser. Conservam-se, por conseguinte, do passado unicamente as coisas positivas, que vão sendo provadas pela experiência das gerações solidárias.

Foi nessa compreensão realista e objectiva que lançámos em 1928 as linhas gerais da Concepção Patrianovista, baseada na NOSSA Tradição e que empolgou todo o Brasil. O que daí se apartar não é Patrianovismo. É lôgro, traição, diminuição burguesa e retardatária.

*"Só é futuro seguro aquêle que se apoia no passado: – diz Ser-tillanges - não há passado honroso sem estar prenhe do futuro para dá-lo à luz na hora própria".*

Ignorante de verdades as mais comezinhas, criou a república gerações de presunçosos e supersticiosos com manias de sábios, ao som das fanfarras macabras dos criminosos de 15 de novembro, filhos loucos do liberalismo romântico do 89 francês.

Foi e é ela, a república, porisso, justamente o contrário do espírito patrianovista: elogia do Império tudo o que não prestava, o que, portanto, já era "república": a liberdade incondicionada, o liberalismo, as sedições de todos os feitos. Pôs em seu museu, como sagradas "tradições" republicanas, tudo quanto o vício intelectual e moral de nossos avós e pais haviam perpetrado ao arrepio do ritmo tradicional, como se o Brasil houvera começado só e repentinamente em 25 de março de 1824 ou, pior ainda, em 24 de fevereiro de 1891. Está no seu museu-belchior a sedição republicana de 1817; repimpa solene a confederação

do Equador; fulgura Piratininga; pavoneiam todas as bernardas e sabi-nadas e motins de capoeiras e estrangeiros. Porque tudo isso foram, à luz da subcultura ânti-nacional, manifestações de "independência", de "republicanismo", de "liberdade" contra o "despotismo monárquico"...

E com tais deformações de senso histórico são "educados" nos-sos rapazes, que mais tarde terão de desfazer essas patranhas... se o puderem... Não consta também fôsse republicano o acto de Amador Bueno da Ribeira, fiel e el-rei dom João IV... Mas já o dignidade bandeirante respeitosa foi algures invocada a favor do bairrismo marxesco de certos "republicanos paulistas". O bandeirante vicentista, independente em atitudes que era, mostrou-se sempre submisso ao nosso Rei. Hoje, entretanto o bandeirante de honra anda quase republicanizado, isto é anarquizado, na cabeça dos democrateiros.

Já o disse e muito bem Tristão de Ataíde: *"O espírito republicano que é sempre um pouco pueril como todo bárbaro, julga poder seccionar o passado e o presente. O espírito valetudinário, por sua vez, julga poder suprimir o presente e viver apenas das grandezas mortas. Um e outro são sintomas da imperfeição e decadência"*.

A república, como vimos, pròpriamente não escondeu o passado: realçou nas escolas e os livros, como essencial, tudo quanto não prestava; seu fito há sido mostrar, em nossa evolução histórica a tradição republicana e liberal... Fêz elogios de homens da época imperial (os pobres homens individuos, minutos miseráveis, embora sagrados, na vida dos povos!), mas não de idéias positivas, divinas, tradicionalistas, guiando êsses homens. Dom João VI – homem, Dom Pedro II – homem. são bastantemente elogiados; Dom Pedro I não tanto, seja como homem, seja como Imperador. Até substituto como realizador da independência ou, melhor, do Império, procuram arranjar-lhe.

Por outro lado, elogiam um invasor-estrangeiro, excedendo-se em seus louvores e traindo os nossos Avós guerreiros que o não acharam tão bom assim e nem boas as coisas que ele representava e, consequentemente, se alçaram em armas vingadoras para o expulsar em nome

da liberdade divina de serem católicos e lusitanos, como nacionalmente o eram então.

Matou-nos a república, como aí se vê, o sentido eterno e orgânico de Pátria e Nação. Matou-nos o verdadeiro patriotismo.

Vivemos em função das paixões, dos apetites, das solicitações do momento que passa. Vivemos em função de sentimentos, de sentimentalismos apenas. Se não gostamos de alguém ou de alguma coisa, só por isso não prestam. Se gostamos, ainda que não prestem, são bons.

Disso deriva uma atitude que precisa de-vez acabar no Brasil (especialmente entre a Gente Môça, livre de tabus): - é, a superstição cândida de DOM PEDRO II, GRANDE E ÚNICO IMPERADOR BRASILEIRA "POSSÍVEL".

Deixemos de preconceitos ridículos! Sejamos jovens de espírito! Podemos vir a ter Imperadores muito maiores e melhores que Pedro II, e tê-los-emos sem dúvida, passado êste interregno tormentoso que já se prolonga demais. Houve presidentes da república "brasileira" com muitas qualidades pessoais de Pedro II... e não fizeram nada. Se Pedro II fôsse presidente da república, faria também, com todas as suas virtudes pessoais, tanto quanto êles, isto é - nada! O bem está no regime "virtuoso" que valoriza a "virtus política" dos homens. Vejam o caso Pedro I: menos virtudes pessoais, porém grande acção política.

Parecerá mal isto a muitos monarquistas (não patrianovistas, monarquistas de simples saudade; parecer-lhes-á quiçá heresia.

Mas é isso mesmo! A verdade vale mais do que Platão. O PATRIOTISMO NÃO TEM SUPERSTIÇÕES DE HOMENS, não tem espírito valetudinário, e não reconhece em ninguém, seja príncipe ou pastor, direito ou autoridade contra a verdade nacional, a qual está acima de todos nós.

Glória a Dom Pedro II, sim! Glória, porém, igualmente, a todos os GRANDES PEDROS que hão-de ser Imperadores do Brasil!

*"Só é futuro seguro aquêle que se apoia no passado"*. Não se apoia no Passado a república, mas nos erros, nos crimes passados.

Nem podia ser doutra forma. O Passado positivo Brasileiro é católico-imperial.

O passado negativo só podia dar, como consequência legítima e lógica, o comunismo, com escalas pela república com tôdas as suas misérias e incertezas e pelo socialismo. Vivemos, ainda, apesar de tôdas as veleidades de reformas galvanizadoras, inseparáveis ao regimen electivo, uns restos da obra aziaga dos Deodoros, Florianos e Benjamins Botelhos ... O Brasil que quer subsistir, que quer viver, que quer salvar-se definitiva e não provisoriamente, só o pode fazer clamando, vivendo e lutando tenazmente CONTRA A REPÚBLICA! Tudo mais é panacéia.

## A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA E A GENTE POBRE

*"Não fui capaz de mudar uma lei em sete anos de Câmara dos Deputados. Na noite em que Deus me deu a idéia de ceder meu quarto a uma mãe com os seus filhos, iniciei um movimento que derrubou montões de leis".*

Quem diz isso é o célebre "Abbé Pierre". Boa resposta aos idiotas que pretendem "melhorar" um regime visceralmente capitalista, demagógico, ladrão e ânti-cristão, com eleições e votinhos individualistas e sem conteúdo, que só favorecem malvados e gatunos organizados em partidos vorazes, exploradores e vendidos a trustes.

Por que não se atende a tôda doutrina pontificia que inclui também a reforma do Estado?!

## SALVAÇÃO DA REPÚBLICA...

Há 60 anos que se "salva a república" no Brasil... mas não se

salva o Brasil. De cada salvação republicana que se leva a efeito, aparecem mais politíqueiros enriquecidos à nossa custa e o Brasil mais pobre e desmoralizado; amesquinha-se mais o carácter brasileiro, avultam mais a venalidade e o servilismo perante o estrangeiro; decai mais a produção, anarquiza-se a economia, desvaloriza-se a moeda; diminui a resistência espiritual da Nacionalidade, mais se desfibram a moral e o moral dos Brasileiros e se lhes aumentam o desengano e o derrotismo; cresce-lhes a indiferença pelo destino da Pátria, da grande PÁTRIA criada sob a égide solícita dos nossos Reis e Imperadores. "Salvar a república", portanto, NÃO É SALVAR O BRASIL, mas destruí-lo.

É a república um câncer a extirpar e não um bem, uma virtude a conservar e crescer. Os salvadores da... república são praticamente os mais ferozes inimigos do Brasil, piores que as invasões heréticas sofridas em nosso passado, piores que a febre amarela, piores que a própria guerra... porque ela é tudo isso junto, e de tudo isso tem o efeito. É heresia política e religiosa, é fonte da miséria e aniquilamento nacional, origem da possível morte do Brasil livre, soberano, independente. Somos hoje relativamente mais divididos espiritualmente do que há 60 anos, absolutamente mais fracos, mais pobres e incapazes de defesa própria contra qualquer potenciazinha estrangeira.

Mas os políticos republicanos (ou, antes. a "política" republicana!), cegos ou malandros, continuarão a tagarelar conclamando os otários para a "salvação da república" e da democracia. Incrível estupidez! Entretanto, há entre os actuais políticos muitos autênticos varões cheios de espírito público que poderiam fazer tanto pelo Brasil em um REGIMEN SÉRIO.

## O VERDADEIRO VALOR DO BRASILEIRO

O valor do brasileiro não pode, de maneira alguma, consistir em ser eleitor, coisa possível a qualquer sêmi-alfabetizado ignorante (e

é isso que os demagogos desejam!), mas em tomar consciência da perversidade anti-humana, desumana e arrasadora do regime individualista estrangeiro que nos foi totalitariamente imposto em 89 como a maior maravilha política, quebrando a originalidade, a identidade, a personalidade e a continuidade imperial da Nação Brasileira, privada de todos os elementos constitucionais que a fariam cada vez maior nas realidades e não apenas nas sombras tenebrosas dum futuro que nunca se realiza...

...E agora, quando algo parece ir realizar-se, já está comprometido pela brutalidade calamitosa da chantagem dos meios instrumentais republicanos, capazes de reduzir-nos, na evolução da conjuntura da gíria política, a situações caóticas e miseráveis muito piores que as anteriores e acarretadas pelo cego e estúpido ELEITORALISMO individualista, atomizado, multipartidário e pluriconfusionista.

Como é difícil vencer a burrice democrática e diabólica!

\* \* \*

## VERDADE HISTÓRICA

Nunca jamais, na história do mundo, nação alguma foi salva da desgraça e da miséria por repúblicas, democracia e suas eleições. Estas sòmente agravam sinistramente todos os males que "pretendem" anular. Temos cabeça e não somos obrigados a tolerar mitos utópicos impostos pelos cínicos inimigos das pátrias. Sua seqüela são ódios, divisões, brigas, desperdício, gastos imensos e inúteis. Já no século pas,ado dizia Eça de Queiróz: - "*A eleição do Presidente dos Estados-Unidos custa cada quatro anos mais de Noventa Mil Contos, o que, dividido pelos quatro anos que dura um Presidente, dá Vinte e Dois Mil e Quinhentos Contos por ano - soma amplamente suficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o Sultão e o Papa*".

Êsse valor actualmente deve-se multiplicar, no mínimo. por

100, pois o dólar em novembro de 1889 valia menos de 1\$900, isto é o que seria hoje Cr\$ 1,90 (um cruzeiro e noventa centavos) se depois não tivesse havido república e Rui Barbosa. Em quanto ficam as nossas palhaçadas eleitorais entre campanhas custosíssimas (depois cobradas em impostos, "marmeladas" e a alta do custo da vida) e gastos com a montagem da "máquina" pelo STE? Não se sabe.

Burrice e má fé dominam os homens, até mesmo a muitos que parecem gente honrada.

## FORMAS DE GOVÊRNO

Além das suas várias combinações legitimamente possíveis, há três formas clássicas de govêrno: a *Monarquia*, a *Aristocracia* e a *Democracia*.

Há por aí, no entanto, uns meios-heréticos que resolveram considerar sòmente a democracia como forma de govêrno legítima e "totalitariamente" obrigatória para tôdas as nações. Chegam ao ponto de atribuir à própria Igreja essa posição oriunda da ignorância do assunto ou (mais comum) de complexos de superioridade, da má fé e desejo estulto de agradar às chamadas esquerdas, mania diabólica que tem arruinado tantas esperançosas vocações de apóstolos, desviando-as do caminho recto e da ortodoxia. Fogem inconsideradamente das sendas indicadas por tôdas as experiências milenárias, buscando loucamente converter o demônio da Revolução ânti-cristã, castigo da traição ao Evangelho.

## REPUBLICANISMO E PATRIANOVISMO

O republicanismo é uma política para um brasileiro abstrato e irreal; o patrianovismo é uma política para o brasileiro concreto e real,

que existe, pensa, quer, sente, sofre e paga as asneiras do regimen que lhe impuseram...

## POBRE DO POVO! POBRES DOS POBRES!

Quando começavam a invadir o Reino do Brasil as idéias (e os factos...) constitucionalistas, liberais e democráticos, ouvia Saint-Hilaire entre o povo estas interrogações desalentadas: – *"Não era muito melhor sermos governados por nosso Rei (Dom João VI), pelos generais que nos enviava, do que POR TANTA GENTE QUE BRIGA E NÃO TEM A MÍNIMA COMPAIXÃO DO POBRE?!"*

Hoje que vivemos a mais deslavada borracheira republicano-democrática, podemos com mais razão e revolta repetir a antiga pergunta popular.

Há tanta gente partidária brigando e abandonando totalmente o povo às suas desgraças, misérias e necessidades mais prementes; empobrecendo-o com a inflação e piratarías internas e externas.

Até da TRAGÉDIA DA SÊCA CEARENSE zombam êsses criminosos campeões da demagogia. Votam-se socorros que jamais chegam aos flagelados. Roubam os auxílios se enviados. Exploram as necessidades. Lançam-se pelo sul sem destinação estabelecida, sem trabalho, sem recursos, sem nada, enormes grupos de homens, mulheres e crianças.

E faz-se propaganda eleitoral demagógica em face da fome, da dor e do desespero. A quem recorrer, para quem apelar contra tamanha inconsciência e banditismo?

– A ninguém, patrícios! Perante tantas calamidades, O GOVÊRNO NÃO FUNCIONA, A REPÚBLICA NÃO FUNCIONA.

Que Deus se apiade do Brasil e especialmente dos FLAGELADOS! Não existe Estado no Brasil. Existem Partidos de exploradores e egoístas.

## A VIRGEM SANTÍSSIMA E A A.I.P.B.

Quando da visita da Virgem Peregrina de Fátima a esta Imperial S. Paulo de Piratininga, o Chefe Geral, o Supremo Conselho Imperial Patrianovista e outros correligionários fizeram a consagração de PÁTRIA- NOVA ao Imaculado Coração de Maria, na igreja da Imaculada Conceição dos Capuchinhos.

Aos 15 de agosto de 1954, em excursão à tradicional e Fidelíssima Cidade de Itú, onde em 1873 os estrangeiros interiores fizeram uma convenção republicana, visitaram os Patrianovistas a Igreja Matriz e fizeram em comum a seguinte oração a N. S. da Candelária, padroeira do Município: *"Santíssima Virgem. Depois de nos havermos consagrado solenemente ao vosso Imaculado Coração perante a Virgem Peregrina de Fátima, vimos hoje nós Patrianovistas rogar-Vos que Vos digneis conseguir de vosso Divino Filho a redenção do Brasil de todos os males presentes advindos do abandono das leis de Deus e da Igreja bem como do desprezo das tradições dos nossos Antepassados, cruzados da Fé e do Império. Assim seja"*.

A REPÚBLICA é, ordinariamente, o regimen da liberdade de todos os malfeitores privados e públicos.

## SERVILISMO REPUBLICANO

Desde a estulta proclamação, em 1889, da república dos "estados unidos"... do Brasil que já era unido antes da proclamação dêsses "estados" que antes não existiam nem desunidos nem de maneira nenhuma; desde a tal proclamação, a república confunde miseravelmente aliança, boa vontade, boa vizinhança, com SERVILISMO. Já o viamos com Floriano Peixoto por ocasião da revolta da Armada, ainda Imperial depois de proclamado o sistema estrangeiro no País. Daí todos os prejuízos espirituais, morais, pedagógicos, económicos e financeiros de que

temos sido vítimas.

Êsse servilismo chegou a ponto de confiscar um livro célebre que, de um modo ou de outro, proclamou apaixonadamente muitas verdades que a Ré não quer até hoje ouvir, ao mesmo tempo que aceita como dogma tôda patranha e desaforo dito ou escrito em língua estrangeira, enquanto despreza tôda sabedoria construtiva e de reacção contra mitos e fantasias, saída de autêntica e genuína cabeça nacional.

Assim, o Brasil oficial, adulto até 15 de novembro de 1889, virou moleque bôbo, burro e traidor da Nacionalidade, tornando-se um "aliado" ridículo e desprezível como todo bajulador.

E aos brasileiros patriotas e nacionalistas autênticos, desesperados de qualquer atitude digna da parte do estadinho republicano para mudar essas atitudes deprimentes, não resta outro recurso senão apelar para a fôrça armada que se torna extra-constitucionalmente o único Poder decente a serviço da Nação.

É uma desgraça. MAS IRREMEDIÁVEL.

## NOSSAS SUPREMAS ENTIDADES

Há vultosos interêsses materiais e também políticos contrariados que timbram, escudados em intrigas e aleivosias parcialmente justificadas, ou de forma nenhuma justificadas, em desmoralizar as duas únicas entidades públicas capazes, por sua fôrça de coesão e prestígio tradicionais, de impedir a desgraça total do Brasil: – a Igreja Católica e as Fôrças Armadas.

Importa que os Patrianovistas e Monárquicos em geral, bem como todos os verdadeiros patriotas não se deixem colher nas malhas infames das intrigas contra aquelas supremas corporações nacionais, garantia da honra e unidade da Pátria.

Reajamos contra as ignomínias dos inimigos do Brasil que tentam dividir-nos, sempre a serviço de inconfessáveis conjurações e pla-

nos infensos à soberania e integridade nacionais. Alerta, Brasileiros! É preciso reagir... até fazer sangue se preciso fôr.

REPÚBLICA é o regime em que se FALA a favor do povo tôda hora e se SAQUEIA o povo a cada minuto.

## DESNORTEAMENTO

O sábio propósito dos chefes das colônias inglêsas da América do Norte foi a unificação das treze repúblicas separadas da Inglaterra com a guerra da independência. Daí o lema – "*E pluribus um*" (Um só Estado formado de muitos estados).

A burrice inconsideradamente imitativa dos republicanos e anti-brasileiros de 1891 criando artificialmente "estados" onde havia províncias tradicionalmente unidas foi o inverso da sabedoria dos americanos e caber-lhes-ia o mote infame – "*Ex uno plures*", isto é: de um só e único grandioso e feliz Império que os nossos Avós criaram e nos legaram fizemos muitas repúblicas desgovernadas, mal governadas, anarquizadas, saqueadas, empobrecidas, ludibriadas e infelizes; de um só e único Povo feliz fizemos duas dezenas de povos desgraçados, vítimas das utopias dos falsos condutores, a brigar para "criar" governos eleitoralmente ou derrubá-los com armas e ódio.

Cometeu-se tal aberração política irridoriamente "em nome da vítima", o povo brasileiro que não encomendou a ninguém a miserável prebenda! Uma vergonha a república, desde as suas aviltantes origens. Et tamen vivit! E entretanto vive... Há interêsses secretos em conservar isso?...

## DEMOCRACIA

Esbofam-se por explicar um sentido provável de "democracia"

aquêles homens rectos que têm mêdo dos chavões e do "que'-dirão"? dos retardados da ciência política e da sociologia. Nós não vamos explicar nada disso.

A democracia é na realidade o regimen do carro odiante dos bois e os bois dirigindo o boiadeiro. Todo povo que não é louco, tarado ou emburrecido pelos interesseiros monitores democráticos e marxistas, quer que hajo govêrno que o governe, que cuide do bem comum, que trancafie na cadeia os exploradores, que enforque os peculatórios, os assassinos, os salteadores e os ladrões... afinal que cuide dele - povo. O resto é conversa fiada. E isso de bem comum é só com MONARQUIA, sem partidos famélicos, sem eleitoralismo a jacto, sem propagandas idiotizantes, sem democracia.

## LADRÕES E BANDIDOS EM CENA

De tal forma proliferam os crimes no Brasil - assaltos, ladroerias, assassinatos, brutalidades (silenciando as aventuras "galantes" dos "mocinhos bonitos," que têm cadilacs e não raro filhos de gatunos importantes!), sem a punição necessária e exemplificadora, que não há esperança de contê-los a não ser que se mude a vida nacional fundamentalmente, isto é - nas INSTITUIÇÕES.

Com tantos maus exemplos do alto, do govêrno republicano, que também multiformemente saqueia e deixa saquear o povo, qualquer mudança do estado criminal do Brasil é impossível.

Mas a impunidade é consequência inevitável dêste regimen... aliás, de qualquer regimen meramente eleitoralista, eleitoreiro, como o nosso. Ou acabamos com êle, com o criminoso monstrengo de 89, ou cada vez haverá mais assaltantes, mais ladrões, mais assassinos, mais brutos, mais "tarados" e em breve, raptorez desalmados como nos Estados-Unidos que os nossos estadistas marginaes imitaram e agora os sicários vão imitando... Lógica da história!

## A SARABANDA DOS MITOS

Entrou em beco sem saída a república do Deodoro... que explodiu simbòlicamente.

Ainda não afundou, mas querem "recuperá-la". Aliás, estão recuperando-a desde o seu fatídico comêço em 89; e vai cada vez pior. Máquina estranha imposta à nossa Pátria, não funciona especialmente nas horas em que mais se precisa dela.

Estamos sob a inflação de todos os males e os responsáveis procuram meios de salvar... a república, não a Pátria, como se interessasse ao Brasil a salvação da república.

Muito pelo contrário. Sem volta ao Rei, ao Imperador, à Monarquia, não haverá União nem Salvação nacional.

Precisamos de realidades e os políticos buscam mitos: reformas eleitorais, reformas constitucionais. Reforma de "livros", quando nos importa a reforma da vida política que república nenhuma nos poderá dar!

Com mais leis ou menos leis, mais "*cofaps*" ou menos "*cofaps*", mais grupos de trabalho ou menos grupos, isso tudo poderá ser engolido pelos vagalhões do desespero que estão para irromper da alma profunda da Nacionalidade se não forem obstados por uma coisa séria, que não é a república com os seus mitos democráticos, eleitorais, federativos e socialistas, emitidos pelas bôcas ignaras das raposas do regimen estrangeiro que nos atormenta.

## ECONOMIA REALISTA

Há um único meio de um indivíduo ser rico: gastar menos do que ganha. Semelhantemente, há um meio único de ser rico um Estado: gastar menos do que recebe, i. é manter a despesa abaixo da receita.

E um dos néscios de um Povo não ser pobre e miserável (meio êsse indispensável) é não ter um Estado, um Govêrno ladrão.

Porque um Govêrno se torna ladrão gastando com o compadris-  
mo eleitoralista tudo quanto recebe e depois majorando continuamente,  
à maneira socialista, os impostos que nunca bastam para a sua estúpida  
economia de saque... que impede a poupança e, conseqüentemente, a  
formação de capitais nacionais.

O Povo Brasileiro tem a honra de possuir tal tipo de govêrno...

## É TARDE... MUITO TARDE?

Dizem agora os republicanos, e com razão, que o Brasil exporta  
dinheiro sem importar capitais... Só agora? PÁTRIA-NOVA proclama  
isso desde 1928. E os palhaços a rir de nós.

O "capitalismo" internacional vem fazer capital, mas capital, no  
Brasil com depósitos nossos, "cria" lucros astronómicos à nossa custa...  
e os leva para fora.

E a república foi sempre aliada dêles contra o Brasil. E as fac-  
ções políticas republicanas, vendidas, fazem o jôgo dos internacionais  
contra nós, ao mesmo tempo que reclamam, a importação de capitais  
"abstractos", a não serem as gorjetas que se pagam aos judas...

## BRASILEIRO! É PRECISO REAGIR

Sabeis que procedem do mal republicano todos ou quase todos  
os males que vos atingem, desde a vergonha de ter uma Pátria desmo-  
ralizada perante todo o mundo, até o custo da vida isto é - o preço da  
comida (café, açúcar, leite, pão, carne, feijão, arroz, etc., da roupa, do  
aluguel de casa do remédio, da condução, da luz, da água (se houver),  
do impôsto. etc., etc.?

Ensinarão-vos por acaso que O BRASIL NÃO VIVEU SEM-  
PRE ASSIM, que o Brasil já foi uma Nação digna, respeitada em todo

o mundo um Povo feliz e abastado, Império forte, poderoso e livre que não precisava pedir esmolas a ninguém, nem receber ordens de ninguém? Pois tudo isso é a verdade.

E os que se sentirem ofendidos com esta constatação que me desmintam pelo amor de Deus, mas com o único desmentido válido: elejam quem presta, e não quem paga. São palavras de Rachel de Queiroz, no *Cruzeiro* artigo "*Eleições*", antes das passadas... que houve! Também para eleger quem presta precisa pagar, ilustre colega. A ré vive sempre no paroxismo da verba, do capitalismo. As suas eleições são o mercado em que lutam interesses privados nacionais e estrangeiros bem como interesses imperialistas estrangeiros e ânti-nacionais.

Cego ou INTERESSADO na "marmelada" é quem não vê isso. Com república, não há salvação para o Brasil. Estamos... "*morti, infarinati e fritti*".

## LIÇÃO PARA OS COVARDES

Trasanteontem, para todo o mundo era impossível voar. Anteontem, graças a uns malucos, apenas era difícil para muita gente voar. Ontem, graças aos imitadores dos primitivos malucos, tornou-se FÁCIL para certa gente voar. Hoje, todo o mundo pode voar.

Os homens de fé, vontade e coragem, de costas voltadas para os comodistas, covardes e pessimistas, transformaram o IMPOSSÍVEL nas realidades de que até os fracos e abúlicos desfrutam hoje "naturalmente". Assim será em breve com o IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA.

## TOLICES REPUBLICANAS

Uma das maiores tolices repetidas por certos ignorantes às vê-

zes "monarquistas"... (mas não patrianovistas!) é que o Brasil ainda não estava preparado para a... república. Por influência da ignorância histórica, sociológica e política, pensam êsses bobos que a república é melhor, mais "adiantada" que a Monarquia! Estudem, seus tolos! E saibam que, repúblicas as possui quem quer; monarquias, tem-nas quem pode. O BRASIL PODE!

## POLÍTICA E EDUCAÇÃO

Os falsos profetas da política ensinaram que o povo é naturalmente bom e criaram o mito do povo soberano com a democracia liberal que gerou a desordem no mundo iludindo os pais da pátria sem autoridade, os quais presunçosamente (na sua suficiência irrisória) pensam ser alguma coisa porque desgraçadamente manipulam tirânicos o dinheiro e a liberdade dos povos, escudados em grupos secretos.

Igualmente, os falsos profetas da educação inventaram que a criança é naturalmente boa, fazendo-a soberana despótica, e iludiram os pais naturais transformado em palhaços sem autoridade sôbre os filhos, assim como, por reflexo, os pais do ensino (os mestres) que não podem mais ensinar as boas feras em virtude das doutrinas estúpidas que, com os pretextos falsamente científicos mas realmente velhacos de complexos em potência, arruinaram a educação.

Um dos países mais vitimizados por essa desgraça (pois se fêz arauto internacional dessa "educação" nova) são os Estados Unidos, onde imensa é a deserção dos professôras de ensino médio, incapazes de domar as "boas" feras... sem o necessário chicote.

No Brasil, república macaca dos verdadeiros Estados-Unido, vai produzindo-se o mesmo fenômeno: pais-palhaços, filhos-feras e professôres desesperados com a indisciplina e desestudo da mocidade mimada e intocável.

OS MONARQUISTAS DE BOBAGEM (não-patrianovistas)

justificam nesciamente que o Brasil ainda não estava em 1889, o não está ainda, "preparado" para a república... como se república fôsse regime superior ao monárquico, no Brasil ou onde quer que seja.

Foi essa mentalidade estúpida que possibilitou a conservação da peste entre nós por meio das chantagens de contínuas novas repúblicas que se vão sucedendo umas às outras e tôdas fracassando igualmente. E, enquanto existirem "monarquistas dêsse tipo, não será possível a salvação real do Brasil.

## OPINIÃO E CIÊNCIA

Só se admite opinião sôbre um objecto quando não há ciência sôbre êle.

Ora, sôbre política brasileira há uma ciência e experiência monárquica. É, portanto, falsa a opinião republicana.

Pátria-Nova adere à ciência e experiência política brasileira.

## DINASTIAS

As dinastias nasceram com as nações.

E, sendo a nação um todo sucessivo através dos séculos, o governo, o comando dela é também sucessivo, continuando *pari passu* com a nação da família dinástica.

– Qual é o ACTUAL REGIME DO BRASIL'?

– República ditatorial-eleitoral! Seu lema é: "*Pelos partidos contra a Nação*".

A POLÍTICA é Ciência e só a conhece quem a estuda. Palpite não é ciência mas presunção e ignorância.

A REPÚBLICA é um régimen louco dirigido por gente sem juízo.

## FRIVOLIDADE

Num momento grave como é êste para os problemas humanos, para as misérias da vida do nosso povo, é desaforo a atitude de certos politiqueiros utópicos.

Deslumbrado com grandezas que estava desabituaado de ver desde 1889, o povo se "arregalou" com Brasília e outros colossos com lastro ou sem êle, com gatunos internacionais ou sem êles, das soberbas metas do presidente Juscelino de Oliveira. Nós patrianovistas aplaudimos também. MUITAS SAO VELHO PROGRAMA NOSSO. E o urânio puro! Veio na hora!

Aplaudimos com o povo brasileiro que, mesmo penando, tem todo o patriotismo que falta aos republicanos, seus partidos e suas assembléias. Mesmo sem feijão, sem arroz e sem carne! Até mesmo esgotado pela sanha dos ladrões e a revolta contra as corriqueiras injustiças e impunidades incríveis! ... Mesmo morrendo nas favelas, no abandono das ruas ou às portas dos hospitais! Mesmo ameaçado de totalitarismo pedagógico e laicismo imoral!

Em face, porém, dos problemas do povo, é frivolidade desaforada tratar de assuntos como lei eleitoral, federação, parlamentarismo, presidencialismo, colegialismo e outras perfumarias. Tudo marginalismo. Precisamos de Govêrno que governe. A impressão que se tem no Brasil é de que cada quadriênio ou quinquênio arrebanha um grupo de aprendizes de política ganosos de se exhibir com qualquer bobagem.

É o caso de repetirmos com Afrânio Peixoto: – "*PERDOAI-LHES, SENHOR. ELES NÃO SABEM, O QUE... FAZER!*"

## TOTALITÁRIOS

É incrível a sem-cerimônia com que certos embusteiros marxistizados, sempre encostados como penetras sem-vergonha em altos

cargos públicos muito bem pagos se metem a querer dar normas à vida nacional, como donos dela. Assim é o que se está dando com grupinho metido no Ministério da Educação PLANEJANDO O MONOPÓLIO TOTALITÁRIO ESTATAL DO ENSINO NO BRASIL. Não em nome da tal democracia (em que não cremos), mas em nome da LIBERDADE DIVINA pela qual lutámos contra os invasores holandêses, protestamos contra a presunção desses nossos "empregados públicos" que ousam contrariar a ALMA NACIONAL, a favor dos seus projectos de domínio "urssista" . Abaixo os falsos "doutores em educação".

## MAIS BELEZAS REPUBLICANAS

Regímen sem honra, sem palavra, em compostura, a Ré... fez mais uma das suas: "comeu", em eleições "prêmios" a seus filhinhos e negociatas, os milhões do Fundo do Ensino Médio.

Daí a vergonha de duas greves justas (de alunos e professores) e a ameaça de uma terceira, já que só a FORÇA e o mêdo "convencem" a ré... a respeitar os direitos do povo brasileiro.

Regímen das crises intermináveis!

De que modo faremos a república respeitar a "integridade" dos IAPs para evitarmos um colapso iminente?

De que viverão os segurados, os aposentados, se acontecer com os IAPs o que sucedeu com o Fundo do ensino médio?

## "DILÚVIO"

Estamos sob o signo de Fátima. Esperamos a declaração do último segredo após os dois anteriores: a visão do Inferno aos pastorinhos e a explosão da 2º guerra mundial em 1939 se a mensagem mariana de oração e penitência não fôsse atendida Crisandade. Não o foi... e veio

a guerra tremenda! Se não foram ainda atendidas essas mesmas e outras adicionais, a URSS não se converterá por culpa da desatenção dos cristãos, e os "urrsistas" espalharão a sua peste, perseguições, destruição e impiedades por todo o mundo, como castigo dos pecados dos cristãos indignos dêsse nome. As advertências clamorosas sôbre o mundo (como as de Noé antes do dilúvio) Quantos conhecem a mensagem de Nossa Senhora de Fátima? Não somos nós os culpados da ignorância? Pensa-se que bastarão as armas materiais do Ocidente, em especial dos Estados-Unidos, para vender o Átila moderno, flagelo da Cristandade, senhor de fanática quinta-coluna de fiéis tão infiéis ao Cristianismo integral? Merecemos um novo Lepanto nós tão surdos à voz da Nossa Rainha celeste?

## PROGRAMA PATRIANOVISTA DE 1928

I. *CREDO* – Respeito às prerrogativas essenciais da Nação Brasileira. Com efeito, o Estado ateu, irreligioso, arreligioso ou agnóstico não tem padrão seguro para aquilatar os valores morais, para julgar sob o critério do justo e o injusto, do bem e do mal, desprezando por conseguinte a Lei de Deus (que ninguém pode ignorar como se não existisse), o que se não compadece com uma NAÇÃO que nasceu Católica e Monárquica à sombra da Cruz de Cristo e do Real Estandarte da Ordem de Cristo. Por desconhecê-lo é que a república tem sido (ainda abstraindo-se do carácter ânti-nacional da mesma) a fonte copiosa de tôdas as imoralidades públicas e privadas.

II. *MONARQUIA* – Imperador responsável que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros. Base MUNICIPAL SINDICALISTA (corporativa) da organização do Estado Imperial (Orgânico). Direitos majestáticos da Dinastia Nacional, aclamada pela Nação no fundador político da Pátria Imperial Brasileira, Dom Pedro I, e agora representada pelo sr. Dom Pedro III, isto é Dom Pedro Henrique

de Bragança, descendente dos Reis e Imperadores que juntamente com aquêles dignos homens de que somos também descendentes – os nossos bons Avós estadistas, fazendeiros, lavradores, trabalhadores industriais, cabos-de-guerra soldados, mercadores, marinheiros – fizeram a grandeza antiga, a felicidade e o prestígio do Brasil.

*(Explicação necessária – PROCURADORES DO POVO. Serão representante do povo e auxiliares do Imperador, nos Conselhos e nas Câmaras, os verdadeiros procuradores das clases produtoras e intelectuais (operários, técnicos, patrões, representantes da Cultura), o que evita a exploração demagógica dos politiquieiros irresponsáveis, inimigos mdo bem comum da multidão, fomentadores de desordens, dilapidadores da fortuna, perturbadores da paz e prosperidades pública, amiúde agentes do interêsse estrangeiro.*

*Muitas Sociedades, Associações, Ordens, Institutos, Sindicatos, FUTUROS BRAÇOS DESSA LEGÍTIMA REPRESENTAÇÃO "ORGÂNICA", já existem naturalmente (máxime desde 1931). Isso sem nos referirmos às eternas instituições Igreja e Milícia. A quem alegar ignorantemente ser isso fascismo, convidamo-lo a estudar história, sociologia e política; replicamo-lhe, demais a mais, que pomos o Brasil acima dos chavões criados pela conspiração internacional dos traidores das pátrias. – ESTADO ORGÂNICO, REPRESENTAÇÃO PELA FAMÍLIA E O TRABALHO. Por meio das CORPORAÇÕES social-econômicas e culturais (clero, magistério, fôrças armadas, artes liberais e mecânicas, agricultura, indústria comércio, transportes, jornalismo, radialismo, etc.) autônomas dentro da Orgânica Imperial, portanto não fascistas, estatistas ou socialistas - garantir-se-á todo o bem familiar, social, econômico e cultural da Nação, dos Produtores, tendo os Chefes de família a sua benéfica influência e representação nos Conselhos Municipais, pois êles, os Chefes de família, são imagem do IMPERADOR que é Chefe da Família Dinástica, hieràrquicamente a primeira Família brasileira.*

*Isso tudo impede a formação criminosa do capitalismo ladrão, de "trusts" e camorras agrícolas, comerciais e industriais, que saqueiam o*

*Povo Brasileiro e lhe dificultam a vida; reprime a voracidade dos fisco contra a PRODUÇÃO NACIONAL, bem como proscree os conluos politiqueros manejaiores do voto individualista (que nada representa), os quais arditosamente exploram o povo em nome do povo ou em nome do que chamam de democracia (térmo equívoco) para melhor engambelarem os incautos contentáveis com "palavras bonitas" a prazos certos - vésperas de eleições).*

III. *PÁTRIA E RAÇA* – Afirmação da Pátria Imperial Brasileira: sua valorização espiritual (religiosa, intelectual e moral), física e económica, protecção e defesa da Família contra os males modernos. Afirmação da Raça em todos os seus elementos tradicionais e novos-integrados (filhos de estrangeiros). Solução séria e definitiva do problema negro-índio-sertanejo e de todos os marginais. Formação e valorização física, intelectual e religioso-moral nacionalista da Raça, Resolução dos problemas de migração, imigração e colonização. Definição da situação do estrangeiro no Império. Reacção de todas as formas do Imperialismo estrangeiro no Brasil.

IV. *NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA – CONCENTRAÇÃO POLÍTICA E DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA. CAPITAL NO CENTRO DO IMPÉRIO* – Divisão do País em províncias menores puramente administrativas Educação contra o mau espírito regionalista e a favor do Município, célula do Estado Imperial. - Fundamentação em base sólida da Unidade Nacional sem prejuízo das legítimas liberdades provinciais, e, sobretudo, da Autonomias dos Municípios, células políticas do Estado Imperial, garantindo-lhes uma vida local forte e livre em união estreita política orgânica com o Centro (CÔRTE), colocado realmente no centro gêo-econômico do Império. Aí se concentrará tôda a nossa vida tradicional orgânica política, económica e militar defensiva e ofensiva com irradiação para a periferia, por um sistema de circulação rápida e eficiente (rodovias, ferrovias, rios, canais, aerovias). Neste artigo Pátria-Nova firma o princípio de que unidade não significa uniformidade, ao contrário do monismo totalitário da

democracia republicana.

O Brasil é uma UNIDADE e não uma soma de "unidades federativas" como os Estados-Unidos. Cumpre, portanto, continuar o processo histórico da cissiparidade territorial do Império, criando novas províncias (aspiração aliás de muitas regiões do País, obstada pelos preconceitos e princípios falsos e ânti-nacionais estrangeiros-republicanos), segundo um justo e proveitoso critério geopolítico e administrativo, para maior bem do Trabalho nacional e expansão demográfica.

Nisto como em tudo, é a nossa História e não a dos outros povos que principalmente nos deve ensinar.

V. *EDUCAÇÃO, DEFESA NACIONAL E POLÍTICA* – Disciplina espiritual como base de tôdas as outras. Cultura filosófica cristã segundo os princípios do Estado Imperial Orgânico. Como princípio, o Estado Imperial terá no ensino mera função supletiva e fiscalizadora da idoneidade da educação ministrada pelos particulares (indivíduos, famílias ou irstiturtos). – Elevação do nível cultural total das fôrças militares. Nobilitação (Reacção contra os desmoralizadores prêmios "monetários" ao mérito). Serviço militar obrigatório condicionado aos outros interêsses nacionais. – Promoção de indústrias básicas metalúrgicas e siderúrgicas (Agora também desenvolvimento das atômicas). Previsão de indústrias mobilizáveis para a guerra. Planejamento de mobilização e defesa da frente interna. Eficiência técnica. – Desenvolvimento dos quadros do oficialado para enquadramento mobilizatório eficaz e rápido. Previsão da produção no tempo de beligerância. – Reaparelhamento da Armada à altura da vocação e missão internacional do Brasil. – Idem da Aeronáutica. – Polícia Militar nacionalizada e apropriada aos seus fins. – Restabelecimento da Polícia Municipal com carácter de auxiliar.

VI. *JUSTIÇA* – Reposição da Justiça nos princípios cristãos e rigor na sua observância. Unidade da Justiça e de Processo. Assistência judiciária. Elevação do nível moral da magistratura. Novo sistema penitenciário ou prisional. Nobilitação.

VII. *POLÍTICA INTERNACIONAL ENTENDIMENTO ES-*

*PECIAL LUSÍADA (BRASIL-PORTUGAL) INTEGRAÇÃO DO MUNDO HISPÂNICO* – Realizados os itens anteriores, já se terão firmado perfeitamente a paz e a prosperidade internas do Império. Cumprirá, todavia, no plano internacional, voltar à nossa antiga alta posição diplomática e de prestígio mundial. Estabelecer uma política internacional ativa e cristã. Há-de-se começar por um sistema de alianças fundamentais baseadas em nossas tradições "de família" lusitana ou LUSÍADA (Política Atlântica) e, mais extensamente, hispânicas e neo-hispânicas (sem desprezo dos compromissos legítimos e tradicionais já existentes), o que contribuirá para a paz internacional e o bem da Cristandade restaurada, pondo-nos em situação de baluarte poderoso da defesa do Ocidente cristão e católico. Seremos então um aliado respeitável porque forte.

## CONSAGRAÇÃO DA ACÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA

Foi com a oração seguinte que se consagrou Pátria-Nova ao Imaculado Coração de Maria por ocasião da passagem por São Paulo da Imagem Peregrina da Mãe de Deus e dos homens:

### ***SANTÍSSIMA VIRGEM DO ROSÁRIO DE FÁTIMA***

*A Acção Imperial Patrianovista Brasileira (Pátria-Nova) por suas autoridades e membros, apresenta-se devotamente perante a Vossa Imagem Peregrina de Mãe e Rainha da humanidade e especialíssima dos Brasileiros e de todos os povos Lusíadas.*

*Nesta atitude presta honra a Vossa Majestade de Medianeira universal que Deus mesmo quis por entre a Majestade Divina e a pobre humanidade; agradece os imensos benefícios espirituais e temporais por nós*

*recebidos individual, familiar, sociais e nacionalmente, através das Vossas mãos maternais; pede perdão para os nossos pecados individuais, sociais e de tôdas nossas autoridades e povos no passado e no presente, esperando por Vossa intercessão aplacar a Justiça Divina e alcançar a sua Misericórdia para nós, nossas famílias, nossos povos e tôda a humanidade desvairada. Finalmente, Mãe Santíssima, vos exora tôdas as bênçãos maternais para conseguirmos os bens espirituais e temporais de que necessitamos em como (e acima de tudo) o advento o mais breve possível do Reino de Deus entre os homens, vencidas as fôrças do mal.*

*E como, atenta à Vossa palavra na Cova da Iria, a ALPB quer dar um testemunho público e positivo da sua filial reverência e gratidão por tudo quanto de Vós recebeu desde a sua fundação em 1928, consagra-se humilde mas desassombradamente, segundo o Vosso convite, ao Vosso Imaculado Coração, fazendo-se, em suas autoridades e membros em geral, insignificante cruzado da Paz de Cristo no Reino de Cristo.*

*Aceitai, ó Mãe Santíssima, a nossa consagração e obtende-nos a graça de sermos fortes e fiéis na doutrina e na acção, tanto na vida pessoal como na familiar e social.*

*Glória à SS. Trindade!*

## DESORDEM

Estamos no Brasil vivendo um momento de grande desordem.

É com a sua apresentação espetacular, apocalíptica, que república celebra o seu trágico 71.º aniversário. Aliás, ninguém celebra, há muito tempo, neste país abandonado, essa coisa que se convencionou chamar com o nome de uma outra nação do continente, acrescentando-lhe no fim o apelativo da Nossa Pátria.

Tamanho vai por aí afora o desengano, tamanho se revela o sofrimento da mor parte do nosso sofrido povo, que só por irrisão se

pretenderia celebrar uma data marcadora da decadência nacional sob tantos aspectos, enquanto outros, puramente materiais e desproporcionados ao nosso crescimento vegetativo, não nos podem ressarcir das grandezas ficadas no passado.

Ninguém celebra o 15 de novembro. Silenciaram envergonhados (e já foi tarde!) alguns directores de escolas primárias que inventavam concursos idiotas para exaltar na infância e adolescência um sentimento de amor ao cadáver putrefacto que continua empestando o nosso presente e ameaçando sinistramente o nosso futuro.

Desordem, irresponsabilidade, confusão atormentam-nos nestes dias trágicos. Até há pouco, ainda se calavam os revoltados. Já agora, a maré montante do desespero a crescer com a miséria, com a inóipia de tudo, com a desproporção dos meios aquisitivos condimentados com o péssimo conselheiro que é fome, caldo de cultura para os pescadores vermelhos das águas turvas, faz estalar nas almas e nas ruas o grito violento do BASTA! Tanto mais que acabamos de sair dessas contínuas e malditas campanhas demagógicas em que tantos milhões se gastam estupidamente, venham donde vierem os infames INVESTIMENTOS que prenunciam mais saques, mais roubos, mais desvios, mais concussões, mais entregas a estranhas mãos daquilo que poderia em honesto emprêgo melhorar a situação total do Povo brasileiro achincalhado e desprezado pelos donos da criminosa máquina dêsse estadinho republicano parasita que aí apodrece na lama, no crime e nas impunidades, tardando a voltar para o inferno de onde veio.

Qual a razão das greves? Qual a razão das revoltas? Qual a razão do desespero diante sob nossos pés como um vulcão prestes a explodir? Ingênuas perguntas! Estamos, como já havemos dito, "NAS VÉSPERAS DO GRANDE PERIGO" ou já dentro dêle. É a encruzilhada. Ou o Brasil oficial toma juízo, ou...

– Ou... o que?

Responda quem quiser, quem puder. Insistimos apenas em clamar aos surdos, em mostrar aos cegos a realidade da situação actual;

alinham-se para mortal batalha dentro das nossas fronteiras as hostes de dois ladrões internacionais, dois capitalismo, sendo um deles o Capitalismo marxista. E aí estão a ensaiar armas, prontas para entrar na refrega, as quintas colunas respectivas.

Não nos interessa essa guerra estranha. Favorece-a, porém, a burrice dos que mandam, junto à ingenuidade, a inconsciência, a voracidade abissal de políticos, administradores e outros mercenários.

Afinal, onde a raiz de tudo isso?

Na falta de Justiça. Qual a finalidade do Estado? Não é cuidar do Bem Comum? Não tem TODO o Povo Brasileiro o direito de ser tratado como usufrutuário de todos os benefícios da sua vida comunitária?

Como se justifica a permanência de um sistema de governo em uma Nação a não ser pela obediência às finalidades da governança que é cuidar do bem do Povo? Tem sido feito isso neste País desde que os assaltantes de 1889 tomaram o poder?

Nada disso. Temos vivido perpetuamente em desordem. Temos vivido fora da Justiça, sem que o nosso Povo EM TODAS AS SUAS CLASSES, E ESPECIALMENTE AS MAIS NECESSITADAS haja percebido qualquer melhoria nas suas condições de existência, desde que a Peste republicana entrou no Brasil.

Problemas, problemas, problemas, insolúveis. Crises contínuas. DESORDEM.

E isso vai ficar pior, se permanecer essa mentalidade displicente dos responsáveis pelo nosso destino, confirmando aquela afirmação do proclamador da tal: "*REPÚBLICA NO BRASIL E DESGRAÇA COMPLETA É A MESMA COISA!*"

## JÔGO DE EMPURRA...

O povo quer que HAJA GOVÊRNO; e govêrno que aja. É o que ouvimos continuamente EM TÔDAS DAS AS CLASSES SOCIAIS,

ao se notarem as omissões ao cuidado do bem público dos "encarregados" disso.

– Onde está o govêrno nesta terra? – é pergunta e exclamação corrente. Mas, por outro lado, o govêrno republicano, modorrando em função de teorias lunáticas e utópicas que a própria vida desmente, omite-se a sua função, à sua obrigação específica e essencial, omite-se ao seu DEVER querendo que O POVO GOVERNE, barretada democrática idiota e anarquizante, como seria pôr o carro adiante dos bois ou mandar que os bois dirijam o carreiro.

Há pouco, o "govêrno" praticamente provocou uma greve por querer ser camarada acenando com absurdos abonos e outras demagogias néscias. Que aconteceu? O exército teve de intervir, impedindo que os cabecilhas agitadores a sôlido estrangeiro se aproveitassem da "desautoridade" das autoridades provocando a anarquia. Foi o único jeito de evitar a desordem. Pois no Exército os soldados não dão ordens aos seus legítimos superiores, sejam êstes cabos, sargentos ou generais. AÍ SE OBEDECE A VERDADE, À REALIDADE DA VIDA, e não às potocas de doutrinadores tarados como Rousseau, Montesquieu e seus outros subprodutos igualmente tarados.

A quanto absurdo e burrice leva a tal superstição democrática, mãe da brutalidade totalitária da esquerda, da direita e... do centro! Confunde-se ignaramente democracia mero estilo de vida (que pode existir na Monarquia e outro qualquer regime legítimo no país em causa) com democracia forma de govêrno que não passa de rematada e perigosa sandice.

Govêrno que é govêrno governa; nao manda o povo... governar. Ou então DEMITE-SE... e já vai tarde!

## ILUSÕES

Muitos se iludem pensando que, apenas implantando o bem-

-estar econômico e social, se conjura a peste marxista. Ingenuidade. O marxismo é religião, é mística. O marxismo é a religião dos irreligiosos, é o satanismo da des-Ordem, é verdadeira possessão diabólica, de uma coerência ferozmente destruidora e que ANSEIA VIOLENTAMENTE mudar tudo segundo os cânones da sua loucura exaltadíssima. Sacrifica tudo à realização da sua utopia brutal. Não são os pobres, os deserdados da sorte, os miseráveis os mais perigosos comunistas. São os ricos dominados pela fúria materialista do paraíso na terra, os falsos intelectuais bitolados rijamente pela insânia dialética de Marx, homens que teriam condições para grandes triunfos pessoais e se empolgam com a pestífera heresia do século. Só temem a fôrça, a violência, a reacção decidida. Pois não hesitam em trair pais, irmãos, amigos. Não aceitam código moral que lhes impeça a consecução da sua meta ânti-natural. Numa palavra: são possessos violentamente conscientes. São paródia trágica do mártir cristão.

Quem são compreender isso não sabe nada a respeito de marxismo ou, como costumam dizer agora, marxismo-leninismo, uma vez que o stalinismo foi provisoriamente para o paredão... salvo o próprio método do paredão!...

Como usam de TODOS OS MEIOS MORAIS OU IMORAIS para vencerem, enfurecem quando o adversário OUSA APLICAR O MESMO SISTEMA.

Sabem dessas verdades os donos da república? Sabem disso os governantes encarregados de garantir a paz cristã, a prosperidade, a segurança do Povo Brasileiro que está, talvez ingenuamente, confiando nêles?!...

## DOCTRINA

Iludidos por interesseiros profetas do mal, deixaram-se os povos guiar por chefetes ignóbeis que, apoiados por conluios secretos internacionais e ânti-nacionais, derribaram os Reis da sua Tradição. As

brutas, pelas armas de exércitos vendidos ou ignorantes posteriormente ciosíssimos de falsas legalidades, ou com demagogias de politiqueros malandros, pressões psicológicas de propagandas capitalísticas gananciosas (amiúde estrangeiros) inimigos do bem público – exaltaram indivíduos multifrontes, sem passado e sem responsabilidade nacional, ambiciosos e soberbos, quando não ingênuos e balofos.

Gerou-se a anarquia. Nos caos ânti e desumano, surgiu necessariamente o tirano (como diziam os gregos) ou o ditador, para restabelecer a ordem ou melhor, certa ordem. O tirano, porém, ou o ditador não é Rei, mas (por mais que lhe possamos rectamente querer bem) caricatura do Rei, cuja vida e vivência se integram plenamente na pátria. Como poucos habitualmente reconhecem o bem que talvez o ditador faça e até exagerem muitos os erros que cometem (a pouco habituaram muitos os erros que cometem, como em Roma Júlio César) – instável se torna sob certos aspectos a situação do país, pois aquêle que não tem o poder legítimo consagrado peças gerações longas da. formação nacional é levado fatalmente a usar a violência para manter-se em sua autoridade contra os possivelmente piores que êle e cobiçadores do seu lugar, coarctando destarte ilegítimos e quiçá de roldão com elas, legítimas liberdades públicas e privadas. Tal é o infortunado característico dos sistemas de transição, fruto de anteriores rompimentos com a realidade histórico-natural.

Em balde berram ou zurram os teóricos, os utópicos, os românticos do homem edênicamente bom e cordato. Premissas erradas engendram erradas consequências.

...E a volta ao juízo, a frialdade do julgamento não é fácil aos soberbos que se Julgam superiores a todos os seus próximos e gritam energúmenamente com Lúcifer: "*Non serviam! – não servirei!*"

Apliquem o conto os que quiserem e a quem quiserem. E até a si mesmos, se a propósito fôr. Fatal na sua operância a doutrina. Só aos tolos a verdade ofende, enquanto aos doutos aumenta a voltagem dos faróis da experiência.

## INCOERÊNCIA

Muitas autoridades sociais, em certos meios nossos, se opõem à propaganda cristã e nacional dos patrianovistas, pois são confusamente... republicanas!

No entanto, nesses mesmos meios há mal disfarçadas insinuações esquerdistas que ninguém vê e a que ninguém se opõe resolutamente... pretextando serem elas "democráticas" e progressistas, têmos que até um idiota sabe o que actualmente significam.

OS MILITARES QUE, INJUSTAMENTE E POR MOTIVOS RIDÍCULOS E EGOÍSTICOS, NOS IMPUSERAM À FÔRÇA E, DIGAMOS, POR MOLEZA DE DOM PEDRO II, A REPÚBLICA QUE NINGUÉM QUERIA, HESITAM EM RESTITUIR-NOS PELA FÔRÇA E COM JUSTIÇA O NOSSO IMPÉRIO. - NOSSA FORMA PRÓPRIA TRADICIONAL, ORIGINAL E GLORIOSA. ENQUANTO ISSO, A QUINTA-COLUNA URSSOSTA, LARGADA CRIMINOSAMENTE À VONTADE, SE ESFORÇA, INCLUSIVE NOS MEIOS MILITARES, ANTE A COMPLAGÊNCIA NEFANDA DE CERTAS AUTORIDADES, PARA NOS IMPOR A PESTE SATÂNICA QUE TODOS ABOMINAMOS.

## RECORDANDO

Há 32 anos, publicava o revmo. Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, professor do célebre Seminário de Olinda, o livro "*A Epopéia Mexicana*", memorando o heroísmo daquele nobre povo martirizado pela tirania democrática do presidente Calles.

Passava então a Nação Azteca pelo que ora se dá em Cuba, com a maravilha socialista, fusilante e retardada, de um infiel escravo de outros infiéis.

*"Para a Pátria-Nova, órgão das Idéias cujos triunfos poderiam,*

só, salvar o nosso querido Brasil" era a dedicatória na página-espelho da obra. Generoso o grande lidador pernambucano, cuja actividade magnífica apostava com aquela geração incomparável de Manuel Lubambo e Luís Delgado.

No ano seguinte, 1930, em janeiro, "*Maria*", revista das Congregações Marianas, publicava sob o título de "*PÁTRIA-NOVA*" simpático artigo, honra para um movimento cultural-político de tão poucos dias, pois mal viera a público no do Imperador, Dom Pedro III, em setembro de 1929. No meio brasileiro assustadiço, indefinido e medroso, foi talvez um escândalo, porquanto num país tradicionalmente católico e monárquico como o nosso, tudo se pode ser sem causar estranheza, menos católico integral e monárquico radical, isto é ânti-liberal e ânti-democrático.

Leia-se o artigo:

– "*Uma plêiade de moços paulistas acaba de formar um centro monarquista de cultura social e política, cujo fim é trabalhar pelo advento de uma Pátria Nova sob a forma u'a monarquia católica cujo soberano seria o actual herdeiro do trono do Brasil – D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança*".

*O Centro tem a sua revista Pátria-Nova, e apresenta o seu Programa:*

*I Credo – Religião Católica oficial.*

*II Monarquia – Imperador responsável que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros.*

*III Raça – Afirmação da Pátria Imperial, sua valorização religiosa, intelectual e moral... Reacção contra tôdas as formas de imperialismo estrangeiro no Brasil.*

*IV Nova divisão administrativa. V Organização sindical.*

*VI Capital no centro do Brasil Império.*

*VII Política internacional nacionalista, altiva e cristã.*

*(Cumprir explicar aqui que o douto articulista resumiu os termos do programa, o que é bem compreensível).*

*"Ninguém diga que o ideal dos moços do Centro Monarquista é uma*

*utopia – A república que foi ideal de brasileiros, mas não dos brasileiros, não tem satisfeito à expectativa dos patriotas. O que temos é uma vasta oligarquia de governadores e presidentes que sobem ao poder, para roubar, feitas as honrosas e raras exceções, para satisfazer à vaidade e ao interesse de suas tolas aspirações e destruir a felicidade e a glória da Pátria Brasileira".*

*"Nós estamos vendo o que se passa na hora presente em todo o país. A cadeira do Catete é um pomo ambicionado, uma teta que provoca disputa, um jogo que alicia os apetites desordenados dos que querem mandar e entesostrar, mandar por vaidade e entesostrar por cobiça vulgar".*

*"Dai o desânimo profundo que vai na alma nacional".*

*"Os que fizeram a República, sacudindo num exílio vergonhoso e ingrato a família imperial que teve o grande crime de amar demasiado essa Pátria de todos os brasileiros, hão de confessar que não a sonharam como ela é".*

*"E por isso eu folgo em registrar o ressurgimento da Pátria-Nova e auguro um triunfo completo ao ideal do Centro Monarquista de Cultura Social e Política".*

*"Nunca aplaudi essa República anti-cristã que aí vemos, cujos dirigentes vão levando para um abismo a Pátria".*

*"Se for necessário fazer uma pública confissão, ei-la, positiva, franca, sincera, espontânea que me nasceu na alma desde muito tempo: prefiro uma Pátria Nova dentro dos moldes do programa de Centro a essa República, mesmo purificada... como a querem as correntes liberais que estão nobremente a proclamar a necessidade de uma radical mudança no país".*

*"Os programas políticos dos partidos que se degladiam, são tão fermentidos, voltam tão constantemente às mesmas defeituosas formas de governar, que ninguém tem mais esperança nos sóis que se levantam no horizonte prometendo dias claros e alegrias certas".*

*"De coração, pois filio-me ao patrianovismo a cujo programa dou o meu inteiro aplauso".*

*(assinado) CONEGO XAVIER PEDROZA"*

Após isso, cresceu imensamente o movimento cultural e tão repentina foi a sua expansão que passámos à Acção Imperial Patrianovista Brasileira, em certo momento, sem ser partido (o que contradiria os seus princípios), a maior expressão política nacional, imitada por alguns e traída por outros moralmente ineptos e vazios de carácter.

Passaram sôbre Pátria-Nova várias revoluções, sedições e "salvações" que não salvaram coisa nenhuma; e tudo se agrava cada vez mais, despenhando-se pela ladeira trágica do liberalismo demo-socialista, materialista e satânico, acoroçado ou tolerado pelas próprias autoridades inconscientes ou traidoras, ou tudo isso junto. E assim caminha-se para a posição de Hungrias e Cubas...

Fiéis a princípios imutáveis, impermeáveis a modas, mas plásticos no accidental, nós patrianovistas continuamos tendo razão. Mais do que nunca. Fora do PATRIANOVISMO só há embustes e contemporizações vazias. Mas não há salvação.

Continua o Brasil a ser uma PÁTRIA IMPERIAL que não se ajeita a república de tipo nenhum. A república é ânti-nacional, dissolvente, separatista. Há 71 anos que, com fartos motivos, todos estamos descontentes. Tôdas as Províncias (exploradas pelos estados republicanos) se queixam do regimen e tôdas com razão de um modo ou de outro.

E os donos do regimen defendem ferozmente tôdas as "falsas legalidades sucessivas" que a política dos marginais na cultura impõe à Pátria Imperial. Chegariam e estão aparentemente chegando á estúpida irrisão de defender o banditismo comunista, se o quiser o patrão da legalidade marca 1961.

## A "FEDERAÇÃO" REPUBLICANA

Entre as muitas asneiras da república, também nos foi imposta, pelos aprendizes de política, a "federação" ânti-nacional com seus "competentes"(?) "estados" de bobagem, fruto da ignorância da verda-

deira História Nacional, que desprezou a função grandiosa do MUNICÍPIO TRADICIONAL BRASILEIRO.

Daí só resultaram injustiças QUE CONTINUAM A EXISTIR e revoltas episódicas das nossas Províncias maltratadas, pois os "estados" são realmente... os governantes e politíqueiros das Províncias e, especialmente, das capitais delas.

Há pouco, "enfzeou" o deputado baiano Luís Viana Filho e disse que os *"erros da Federação estão ameaçando, solapando a unidade Brasileira"*.

Ora, o sr. Viana Filho é homem douto e deve saber que a União Brasileira foi feita pela Coroa Portuguesa e pelo Império e que a "federação" foi copiada (e mal copiada) dos norte-americanos pelos traidores de 1889 com o fim mesmo disso que tememos, o fim de nos destruir... talvez por ordem dos diabólicos "Orientes" que desde o Império tentaram e na república conseguiram quase totalmente orientar a política da nossa Pátria... E é por essa mesma razão que há mais de trinta anos vimos afirmando que a república é dissolvente, anti-nacional, SEPARATISTA intencional ou conseqüencialmente.

*"A verdadeira União, sólida e permanente – diz o deputado – terá que se alicerçar num sistema de justiça, de igualdade, para todos os Estados"*, aliás *Províncias*.

Pois é tempo, amigo Viana Filho, de aderir a nós, visto como sem Imperador nunca mais haverá disso no Brasil, *"Sem Rei não há União Nacional"*. A desunião é lei inexorável do regimen republicano, democrático e partidário.

## ESCOLHA FATAL

Esta geração, queira ou não queira, goste ou não goste, terá de escolher entre o Brasil e a República, coisas antinómicas.

Se quiser conservar a república, perderá o Brasil. Perdê-lo-á fa-

talmente.

Pois o desfecho lógico disso que está aí é necessariamente a desordem total desembocando no totalitarismo vermelho e diabólico.

Já se não precisam raciocínios para provar. Estamos em face de um estadinho cínicamente traidor da Pátria, não pode haver diversidade de política interna e externa: uma segue a outra. Ilusório é pensar o contrário. Não é à toa que, com essa gente a fingir governar o Brasil, anda tão eufórica quinta colussa urssista.

## NOTAS DOUTRINÁRIAS

A Igreja precisa do Estado, como a alma precisa de corpo. O Estado precisa da Igreja, como o corpo precisa da alma. Pode a alma estar sempre em paz com o corpo? Desejável fôra que o pudesse.

Pode a Igreja, nesta peregrinação contingente e contraditória, estar sempre em paz com o Estado? De desejar seria que o pudesse.

Nem por isso deixam de ser solidários com os do corpo os interesses da alma, e os do Estado com os da Igreja.

Enquanto peregrinamos neste exílio, padecem dêle as suspiradas harmonias perdidas com o pecado original, tanto na pessoa individual, se assim é lícito dizer, como na pessoa colectiva.

Sòmente a plenitude da Redenção poderá mudar esta situação precária e lastimosa que postula o Reino de Deus.

À questão capciosa que se Lhe propôs, respondeu o Senhor por aquela divina maneira assás conhecida: "*DAI A CÉSAR (Estado) O QUE É DE CÉSAR E A DEUS O QUE É DE DEUS*".

Se César ali é o Estado, Deus ali é a Igreja, seu Corpo Místico no tempo a caminho da eternidade.

*"Dai a Deus o que é de Deus"*.

Está César ou o Estado fora dêsse dar-se, fora dessa doação? De modo nenhum. César também é de Deus.

Dai "*a César*" o que é de César e "*a Deus*" o que é de Deus implica apenas uma gradação e distinção de funções, que não uma separação herética.

E nisso erra muita gente boa, cuja responsabilidade exigiria cuidasse melhor de aprofundar a ciência e pedir a graça da Sabedoria a Deus. Distingue-se do corpo a alma – mas o destino é do homem integralmente considerado.

Assim também o Estado. Ou se afirma como realizador das condições temporais para a consecução e realização do Reino de Deus ou se omite criminosamente como pagão irredento.

Estado que não realiza a Ordem que Deus quer cria a desordem satânica em TÔDA a vida das colectividades.

É díscolo e traidor das suas responsabilidades todo político cristão jejuno dessas verdades salvíficas.

*"Dai a Deus o que é de Deus".*

Dai, pois, César a Deus vós todos que haveis o poder eficaz de fazê-lo, se não quereis trair o Espírito e condenar-vos, porque certamente SEREIS CONDENADOS pela omissão.

Ou, ainda, dê-se, entregue-se César "*si*" próprio a Deus.

Sòmente assim poderemos nós todos, por nossa vez, "*dar a César o que é de César*", sem nos furtarmos ao nosso destino último. Sòmente assim, poderá a humanidade salvar-se dos seus demônios inumeráveis.

Talvez pareçam duras estas palavras aos superficiais e ignorantes "*filhos dos homens*". São, porém, verdade e vida.

## LIÇÃO HISTÓRICA

Não está essencialmente no Império liberal, partidarista, reacionário, jacobino e estrangeirista em tantas coisas, a lição para a completa renovação brasileira. Creou-se êle eivado de heresias e novidades mortais, como infeliz herdeiro do pedreiro-livre marquês de Pombal. A

grande lição está na época da Formação Nacional, no Estado do Brasil ou Brasil-Província, denominado ânti-histórica, anti-científica e ânti-realisticamente "colónia".

Lá estão as nossas genuínas instituições fundamentais; no Estado, na Religião, na Família e até sob o aspecto social-económico, excluído o acidente escravocrata, mal geral da época.

Na actualização patrianovista das instituições nacionais, tudo aquilo se considera. Nem desprezamos a experiência sumamente trágica da própria estrangeiríssima era republicana, como já o fazíamos ver no artigo "*Por que Pátria-Nova?*", com que o então Conselheiro-Mor Patrianovista, depois Chefe Geral como crescimento orgânico do Movimento, apresentava ao Brasil e ao mundo a doutrina néo-imperial que começava cheia de imensas ambições para o Reino de Cristo.

## TIRANOS

A todos aqueles tôlos, ignorantes ou miseráveis que seguem a falsa doutrina de que devemos reverência aos tiranos sórdidos, alçados ao poder pelo satanismo democrático ou, ainda, traidores da sagração e coroação legítima originariamente, – apresentamos simplesmente a objurgatória de Nosso Senhor Jesus Cristo (o meigo Nazareno dos liberais, mas também o chicote contra os vendilhões do templo santo) ao tirano Herodes: – "*Ide dizer àquela raposa: Eis que lanço fora demônios e realizo curas hoje e amanhã e no dia seguinte, pois não convém que profeta morra fora de Jerusalém*".

Por que essa palavra dura do Mestre? Por que chama de hipócrita, velhaco, "*raposa*" afinal, ao "*seu*" rei, ao "*seu*" presidente ou governador como são eles hoje em maioria? Por que?

Porque uns vinham insinuar-lhe não ensinasse mais a verdade, não prérgasse, não consolasse os pequenos, não curasse as feridas piores que são as da consciência; que se tornasse prudente e bonzinho em face

do atrevimento dos maus e dos corruptores.

– *"Saia daqui, vá-se embora, que Herodes quer matá-lo!"* diziam- lhe os fariseus iguais a Herodes, pois êles, tanto como Herodes, queriam matá-lo.

Não basta ser autoridade para ter autoridade. Cumpre proceder como legítima autoridade, isto é, realizando o bem comum. E o primeiro lugar está no bem espiritual no respeito à Alma da Nacionalidade, à sua Cultura, à sua Religião, aos direitos do espírito, sem preocupação de fazer a côrte a bandidos, acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo.

Ide dizer, pois, àquela raposa, a tôdas as raposas, que continuaremos a proclamar a verdade e o bem. Não fugiremos, nem morreremos na véspera. Também há um dia para ser mártir, após o martírio de todos os dias, de tôdas as horas.

## CONSPIRAÇÃO INTERNACIONAL

Denunciâramos a conspiração dos malfeitores internacionais contra as Nações, em especial contra as Nações Católicas, nomeadamente Portugal e Espanha.

Para investidas tais, qualquer pretexto serve. Os piores costumam emprestar estar aos seus inimigos ou aos seus invejados as mais vis qualidades que êles mesmos têm. Em se tratando da luta contra governantes, fácil é adivinhar o que seriam tais conspiradores, caso chegassem a ocupar os cargos em que estão os por êles impugnados.

Tratando-se de Portugal, os homens que hoje beiram ou superam os 60 anos e não perderam a memória sabem o que foi em 1910 a instauração lá na "Santa Terrinha" da republiqueta maçónico-carbonária que como tufão sinistro dirigindo uma horda de bárbaros ímpios e endemoninhados, se apoderou com voracidade e ferocidade incrível da Pátria Portuguesa. Surgiram tôdas as formas mais velhacas de perseguição à Igreja, à velha Nação Missionária, a tôda gente honesta e

bem pensante. Foi uma calamidade apocalíptica. Fizeram do glorioso Portugal a vergonha do mundo.

Após o sacrifício de tantos homens decentes que, patriotas à Víriato, reagiram contra os canalhas lupinos e baldos de qualquer consciência humana, após tantas dores e imolações como a do nobre general Sidónio Pais, afinal venceu o varão plutarquiano chamado General Carmona que descobriu um grande Chefe – Salazar.

Não somos salazaristas, nem pretendemos dar lições aos nossos irmãos portugueses, quanto aos problemas internos do País membro da nossa COMUNIDADE LUSÍADA. Somos monarquistas integrais, como talvez a maioria das novas gerações portuguesas.

Confessamos, porém, rasgadamente que não quereríamos ver *Delgados, Galvões et caterva demonocrática, carbonária* filocomunista ou comunista simplesmente no comando da Nação Portuguesa.

Já estamos suficientemente satisfeitos com a amostra trágico-burlesca da carnalada da sua "santa" liberdade, quando pisaram todos os direitos alheios. Basta! E deixem de fazer da Nossa Pátria a plataforma de lançamento das suas carbonarices! Isso poderá prejudicar gravísimamente a própria estabilidade do governo actual do Brasil.

EM TODO PAÍS DE LONGA HISTÓRIA COMO A NÓSSA NAÇÃO, A POLÍTICA VÃ QUE TRADIÇÃO NÃO FOR SERÁ SEMPRE TRAIÇÃO.

## QUINTINO BOCAIUVA E A TAL...

*"À formal declaração do capitão Mena Barreto de que a Revolução era segura o sr. Quintino Bocaiuva declarou que "se o Exército assim não procedesse teríamos 3.º, 4.º e 5.º reinados".*" (Deodoro, Ernesto Sena, 1913).

– Está claro. A Nação Brasileira nunca quis saber de República. "Uns" brasileiros não significam o Brasil, nem o representam. A

ré nos foi imposta totalitária e violentamente.

## O MELHOR EXEMPLO

Estudando a evolução externa da Igreja (pois a doutrina é sempre a mesma e divina), vêmo-la progredir do primarismo democrático original para a perfeição monárquico-aristocrática do governo, recrutando elementos em todo o povo, sem preconceitos exclusivistas, justamente como a monarquia aristodemocrática da nossa Tradição Lusíada (Brasíleo- portuguesa), actualizada pelo Patrianovismo.

## ABSURDO

Democracia é isso: um governo eleito por um décimo do povo (momento presente da Nação) vai contra os sentimentos, aspirações e crença do Povo e da Nação. Nesse caso da nossa política externa e, nomeadamente, no das relações entre Portugal e o Brasil, o Brasil oficial trai o Brasil real a favor de bandidos e terroristas internacionais. Iremos todos ainda sofrer muito por causa disso.

*(NOTA – Isto foi escrito antes da crise. Continua valendo e por isso o publicamos).*

## HISTÓRIA NACIONAL

Devemos estudar o nosso Passado considerando-o todo nosso, contínuo, uno e inconsútil, com os seus acertos e erros e não atribuindo tôdas as virtudes e acertos à parte "nativa" e americana de nós e tôdas as desvirtudes e desacertos como da parte "ultramarina" de nós.

Não era assim que, a despeito das patranhas dos nossos historiadores, pensavam os nossos Antepassados antes das influências estranhas ao nosso ser e interessadas em nossa ruína.

E, quando vieram essas más influências, não foi transformada só a parte nativa dos nossos mas também a parte ultramarina de nós que

nacionalmente éramos todos portugueses.

## INGÊNUOS, CANALHAS E TRAIDORES

Em artigo de 20-7-61, no Diário de S. Paulo, dizia Theóphilo de Andrade:

*"Considero uma falta de dignidade estarmos a enviar a Moscou, e a dali receber missões comerciais, enquanto o Crenlim não apresentar escusas pelo que a sua imprensa oficial – tôda a imprensa é oficial, pois, no país, não há liberdade de expressão – andou a dizer do Brasil e do seu govêrno, que foi, então, coberto com os mais sórdidos baldões. Primeiro, que sejam apresentadas as escuras. E depois, que se reatem as relações diplomáticas".*

Escusas já haviam sido exigidas antes, e as não deram. Daí o rompimento.

O reatamento decididamente não nos interessa. Esta a tese patrianovista. As escusas, ingenuidade seria pedi-las novamente.

Perdido, porém, com a república o sentido de HONRA, tão vivo em nossos Maiores, o estado republicano, sem ligar para o Brasil (aliás são mesmo alheios um ao outro) REATOU as relações diplomáticas, canalhamente, traiçoeiramente, e no pior momento para tal infâmia. E dizem que êsse govêrno representa o povo, a Nação. Desaforo!

\* \* \*

E sugere também o articulista *"a votação de uma lei sôbre espionagem – militar, diplomática, industrial e comercial – que arme a nossa política dos poderes necessários a fim de evitar que o que aquê-le espião alemão, estava a fazer em São Paulo, de acôrdo com a sua própria confissão, não venha a ser feito pelos membros da missão co-*

*mercial ou diplomática russa (aliás urssista!), ou pelos membros de quaisquer outras missões acreditadas em nosso país".*

Receberíamos nós, particulares, em nossa casa uns sujeitos que tivéssemos de vigiar continuamente como a ladrões, assassinos potenciais, etc., etc.?

\* \* \*

Continuava adiante o solerte colonista: – *"No caso em que o govêrno russo (Russo, não! – Urssissta) peça desculpas pelas antigas ofensas e reatemos com êle relações diplomáticas, DEVE A EMBAIXADA VERMELHA TRATAR ÚNICAMENTE DE ASSUNTOS DE COMÉRCIO, E SER IMPEDIDA DE FAZER ESPIONAGEM OU DE ORIENTAR DIRECTAMENTE OS COMUNISTAS LOCAIS"*.

Ingenuidade igualmente. O que lhes interessa é precisamente fazer tudo isso que não queremos. E é isso outrossim a condição para o fantasmagórico comércio com que se estão babando os nossos botocudos. Idêntica atitude é a dos membros da quinta-coluna "nacionalista-soviética", brasileiros renegados a serviço da revolução mundial e da "colonização" urssista da nossa Pátria, réplica daquela que não conseguiram fazer na Espanha há 25 anos e em... Angola ainda há pouco.

\* \* \*

A república democrática que injusta e totalitariamente nos impuseram em 89 está OFICIALMENTE fazendo tudo, ou omitindo-se em tudo, para nos transformar em nova "incubação" crenlinista, com as mesmas fingidas inocências sòmente agora reveladas pelo infidel da martirizada Pérola das Antilhas.

Êsses cretinos, abúlicos e perversos mudarão de procedimento unicamente A FORÇA, O TRIUNVIRATO DE SETEMBRO, a que se opuseram estultas "falas" de legalidade hipócrita, perdeu ótima oportu-

tunidade de limpar o lixo político que desgraça o Soberbo Império de Pedro II, Caxias, Osório e Tamandaré.

E não nos apodemem de reaccionários, que isso não nos ofende. Nós somos REACCIONÁRIOS mesmo!

## DOUTRINA PATRIANOVISTA

Acima do não-estado, anarquia (an-archia) que tem (usando a imprópria linguagem liberal) a sua extrema esquerda na desordem anárquica da cessação ou privação da autoridade a sua extrema direita na desordem demoliberal – renúncia à autoridade própria; entre o não-estado, repetimos, e o estado totalitário (pan-estado, estado hipertrófico, estatismo, absolutismo despótico, tirânico, socializante), situa-se a MONARQUIA (mon'-archia) Social, Orgânica, que concilia a autoridade e a liberdade, respeitando a Nação real na pessoa, na Família, nos grupos naturais e na sua alma – a Religião.

Na História que é a política em movimento, dinâmica, as Nações são felizes ou infelizes na medida em que se aproximam ou se afastam do ideal da Monarquia aí considerada. Frisaremos, entretanto, o carácter orgânico dêsse regimen ideal na realidade, com evitar o termo Monocracia, que não supõe hereditariedade nem organicidade mas apenas "comando", como o dos ditadores, presidentes ou ditos reis electivos.

Em última análise, portanto, oscila a História entre a anarquia (anacracia) no sentido de a-govêrno, desgovêrno ou não-govêrno, e a Monarquia no sentido de governo conforme ao real, logo uno e hereditário no Chefe (Monarca e não monocrata), múltiplo e orgânico na Nação, constituída de famílias e grupos naturais, orgânica por conseguinte.

TÉCNICA E SABEDORIA – Certos modernos, especialmente os políticos, desprezam os antigos como "ignorantes" de muita coisa nova ou que crêm nova. Julgam saber mais do que os antigos, sòmente porque hoje existe mais técnica. Na verdade, descobriram ou redescob-

briram os modernos muita coisa boa e útil à vida material particularmente. Decaíram, porém, moral e politicamente e, o que é lastimabilíssimo, perderam a cultura e a SABEDORIA DA VIDA que a ciência e a técnica não podem dar.

A DITADURA E' LÓGICA – É a ditadura o desfêcho lógico dos avacalhamentos fatais do regimen republicano e da sua congênita incapacidade de dirigir decentemente a Nação. A demagogia republicana força a ditadura – demagogia mais concentrada e que cansa logo por ser libertidida, dando lugar à revolta que renova a demagia da república "constitucional" ou ditadura dos partidos. É a eterna gangorra!

Fora da Tradição Monárquica, isto não tem consêto.

Quando haverá coragem nos brasileiros de responsabilidade para acabar com essa farsa imposta a êles em 89?

SÓ DÁ CERTO QUANDO ESTÁ ERRADO – A democracia republicana é um regime que só dá certo quando se aplica errado, quando os seus princípios não são obedecidos pelos democráticos republicanos. Se êstes atendem ão que ela prega, dá tudo em droga. Só se governa bem numa democracia agindo ânti-democráticamente, com grande desespêro dos teóricos. "*Bella roba*"!

CLASSES E PARTIDOS – Se, como dizia Pio XII, "*a luta de classes nunca pode ser um fim social*", a luta dos partidos nunca pode ser um fim nacional.

## QUANTAS MONARQUIAS HÁ ACTUALMENTE?

Nos idos de 1870, depois da tremenda luta e vitória do Império Brasileiro no Paraguai, contra o tirano republicano Francisco Solano Lopes, começaram uns ignorantes presunçosos, marginais da cultura, desencaminhados pelo macaquismo aos únicos legítimos e naturais Estados Unidos (os da América do Norte), a desejar "federação" e república para o Brasil através das "lojas" internacionais e anti-nacionais,

que já haviam feito tentativas anteriormente em Minas, na Bahia e no Nordeste para implantar a tôla paranoia ânti-tradicionalista e espúria, contra os sentimentos nacionais.

Tagarelavam êles aèreamente chamando à Monarquia "planta exótica", de todo em todo alheios à realidade, hóspedes em sociologia objectiva. E enquanto não houve traição armada, negociada nas alfurjas secretas, nada conseguiram.

Não os demoveu do marginalismo político o conhecimento das desgraças advindas à América Espanhola, republicanizada pelos demagogos em traição à sua historia e formação à imagem de Castela, embora tentassem em vão os mais doutos "libertadores", como Bolívar, San Martin, Belgrano, Iturbide e outros, instalar tronos íbero-americanos que eram a aspiração quase total dos povos néo-espanhóis.

Facilmente se capacitariam dessa verdade histórica os Silva Jardins os Trovões e outros demagogos ignorantes e gritadores, caso estudassem um pouco a história dos estados que iam, por desgraça nossa, imitar com a traição de 89. Se não fôssem apenas tagarelas abstratos, saberiam que nos próprios Estados Unidos (os verdadeiros) muitos dos mais sábios "*Fathers*" queriam a Monarquia, respeitando a sabedoria das origens, contra a verdadeira "planta exótica" que é a república. Há-os ainda hoje, pobres retardados mentais e fósseis da cultura, que repetem a mesma asneira. A êsses coitados, se quiserem porventura aprender, recomendamos, entre outros, dois livros bem interessantes: – *La fin de l'Empire Espagnol d'Amérique*, de Marins André, e *Bolivar and the Political Thought of the Spanish American Revolution*, de Víctor Andrés Belaunde. Mas há muitos outros versando a matéria.

Mudadas as velhas instituições, o individualismo ibérico desacaimou-se e, em face da desordem geral, dominaram os caudilhos tirânicos e sanguinários. Foi a um dêsses que o Império teve de ir combater no Paraguai. Por irrisão da sorte, foi no Prata, onde protegemos os povos irmãos contra ferocíssimos "fideles" daqueles tempos, que uns bobócas foram aprender... república, para no-la impor totalitariamente

pelas armas que deviam, sob as ordens da Legítima Autoridade (Imperador), defender a nossa Imperial Nação.

Para não irmos mais longe quantas Monarquias há hoje, bem ou mal, em todo o mundo? Vejamos pela ordem alfabética:

1. Afeganistão, 2. Arábia Saudita, 3. Bélgica, 4. Butã, 5. Camboja, 6. Dinamarca, 7. Etiópia, 8. Grã-Bretanha (Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda do Norte), 9, Grécia, 10. Holanda, 11. Iemen, 12. Irão, 13. Japão, 14. Jordânia, 15. Laos (ora ameaçado pela república-comunista), 16. Líbia, 17. Liechtenstein (Principado); 18. Malária, 19. Marrocos, 20. Mónaco (Principado) 21. Nepal, 22. Noruega, 23. Siquim, 24. Suécia, 25. Tailândia.

Além desses países, há mais os seguintes correspondentes a Monarquias: – 1. Austrália (Domínio britânico), 2. Canadá (Domínio britânico) 3. Ceilão (Domínio britânico), 4. Covaite (Sultanado), 5. Luxemburgo (Ducado), 6. Mascate (Sultanado), 7. Omã (sultanado), 8. Nova-Zelândia (Domínio britânico). A Espanha legalmente é Monarquia, sob provisória regência.

Quer dizer que, em meio a tamanha desordem no mundo, desordem que "normalmente" é sinónimo de República (como as de estudantes...), não fica mal a Monarquia, representada por 33 países, sendo muitos deles modelos superiores de Cultura e outros dotes que nenhuma República tem.

Sendo Brasil e Monarquia congênitos e consubstanciais – Pátria Imperial – pode êle, de uma hora para outra, quando menos se esperar como aconteceu com a desgraça do advento republicano, AMANHECER IMPÉRIO, O MAIOR IMPÉRIO DA HISTÓRIA DO MUNDO.

Para isso trabalhamos "*sôbre os rios da Babilônia*".

## DECADÊNCIA

*"Procurando as causas da rápida decadência que nos últimos 25*

anos se observou nos costumes políticos brasileiros e buscando nos fastos republicanos a razão de ser da súbita descida do nível moral da política nacional, verificada após o desaparecimento daquela plêiade de homens de Estado (O articulista refere-se a Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Afonso Pena), chegamos à conclusão de que o fenómeno se explica pela própria queda da Monarquia (grifos nossos). O REGIME MONÁRQUICO FÔRA SEM DÚVIDA UMA ESCOLA DE GRANDES ESTADISTAS (maiúsculas nossas). A figura de D. Pedro II havia-se constituído em exemplo que todo pretendente a uma parcela de prestígio na política nacional procurava imitar. A cultura era então um requisito obrigatório para quantos aspiravam a cargos públicos e desejavam ver satisfeitas as suas ambições. A moral pública pairava no mais alto nível e o comportamento dos que se votavam à carreira política era fator de primordial importância. Por outro lado, como a suprema magistratura do Estado era vitalícia, a competição seletiva no acesso aos cargos públicos apresentava um cunho de severidade hoje inexistente. A seleção era um fato, situando-se acima de toda a suspeita a isenção daqueles que a ela presidiam. E foi nesse processo de aprimoramento dos nossos costumes políticos que se formaram as três grandes figuras (refere-se a C. Sales, R. Alves e A. Pena) que notabilizaram os primeiros lustros da República. Eram, sem dúvida, republicanos, mas haviam formado a mentalidade durante a vigência da Monarquia e no trato diuturno dos homens notáveis para cuja ascensão D. Pedro tanto comtribuía. Daí a incontestável superioridade com que se houveram no manejo da coisa pública, afirmando sempre os princípios de rigidez moral sob cuja égide levaram a bom térmo a alta missão que lhes cometera o País. Mas, à medida que o tempo passava, iam-se desgastando essas preciosas reservas humanas que o Império legara à República. E quanto mais nos íamos afastando dessas gerações, mais patente se tornava que a imaturidade política do povo acabaria por transformar a competição pelos cargos públicos numa verdadeira corrida entre os piores. Os recursos de que principiaram a lançar mão os pretendentes às posições de mando foram-se abastardando cada vez mais; A

*SELEÇÃO PASSOU A FAZER-SE ÀS AVESSAS" (O Estado de São Paulo, 17-11-60, Notas e Informações, art. "Duas escolas")*

– Excusado dizer estarmos plenamente de acôrdo com as linhas gerais dêsse artigo. Mas sabem todos que Pátria-Nova não é saudosista como os monarquistas liberais e os republicanos. Assim, pois, sem diminuirmos a pessoa de Dom Pedro II, afirmamos que, se êle fôsse um presidente "temporário", seria igualzinho ao maior ou ao pior presidente de república. A virtude do regimen monárquico é que dava ou acentuava as boas qualidades do homem Pedro de Bragança. Quanto a serem republicanos as três figuras citadas, só há certeza disso relativamente a Campos Sales provindo da propaganda da "desgraça completa". O Conselheiro Rodrigues Alves asseverava que fôra a república que aderira a êle, e não êle à dita. E Afonso Pena não nos consta fôsse republicano.

Resta tocar na "imaturidade política do povo". Tal argumento não vale nada sociològicamente. Mostra a experiência que QUALQUER POVO, em condições idênticas às em que está o nosso, é o mesmo eleitor errado. As pressões psicológicas não atingem só os incultos, mas ainda os aparentemente mais imunes a elas. A carneirização do povo pode processar-se tanto aqui como na Inglaterra cromwelliana, na Grécia do século de Demóstenes ou do século 20, na Holanda dos estatôdueres como na França de Gambetta ou de De Gaulle, na Espanha de Emílio Castelar, como na de Caballero.

Essa a doutrina verdadeira, real, objectiva. Sem demagogia.

## PARTIDOS

O partido permanente é contra a natureza do Estado. Só se tolera o partido em sã doutrina política (a da Revolução não é sã) para propugnar uma reivindicação específica, como por exemplo aconteceu com o da Maioridade, para levar o imperador D. Pedro II ao trono precocemente, no século passado.

Obtida a finalidade (legítima), extingue-se. "Legítima", dizemos, porque as há ilegítimas, como o socialismo ou seu siamês o comunismo, a anarquia, o ateísmo, etc. Dai a necessidade de um pensamento "teológico" próprio, exclusivo, no Estado, proteção contra os utópicos e desordeiros.

O partido revelou-se negativo (e fatalmente assim tinha de ser) como fonte de representação, substituindo ineptamente a antiga forma natural e crista pre-liberal. Não vamos discutir os partidos ingleses. Ês-ses realmente não representam apenas idéias ou intuítos especiais, mas (para viverem a realidade) se encarnam hàbilmente em vivências nacionais permanentes, alheias à mera utopia ideológica.

## MONARQUIA E REPÚBLICA

A Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus próprios princípios. Assim, decaiu em adoptando o absolutismo cesarista por influência dos legistas romano-paganizadores do Ocidente. Os últimos reinados francêses dos Luíses; o josefismo na Áustria; o pom-balismo sob Dom José I em Portugal (do qual era então província o Brasil); Aranda na Espanha sob Carlos III; tudo isso foram erros contra os princípios realistas.

Depois, a liberalistização, "democratização", partidarização, parlamentarização constitucionalista, minando e depauperando a velha Monarquia Orgânica dos Estados Gerais, das Côrtes, dos Foros e Forais, dos Municípios autônomos, dos Mesteres, a qual, variada em tôda a Europa segundo os diversos ambientes nacionais, – objetivas inspirações para uma actual Reforma do Estado – formava a cristandade. Vícios foram aquêles que, anti-monárquicos, bloquearam os Reinos verdadeiros, fruto de longa experiência e sedimentação históricas, vividas desde antes da cristianização ocidental, que não utopias nominalistas fadoras da balbúrdia actual da Europa traidora de si mesma.

Confirma-se, pois, o corromper-se a Monarquia na medida em que se afasta dos seus princípios próprios.

Ao contrário, melhora a República na medida em que se aparta dos seus princípios. Porque êstes são falsos. Os Estados-Unidos presidencialistas, a Suíça do Conselho Supremo (rei-colectivo), Portugal do Estado-Novo, a Espanha falangista, são menos repúblicas do que por exemplo a França parlamentarista (de antes de 1958), o Brasil confusionista, a Itália multipartidária com o seu saco-de-gatos da democracia cristã, o Uruguai, a Bolívia, etc., alguns dêles arremedos mais ou menos imbecis dos Estados-Unidos, arremedos totalmente arredios da realidade histórica e actual dos néscios estados imitadores.

Não é, porém, maravilha conservar-se o Brasil de pé apesar da república. E' tal conservação fruto da incoerência (bendita incoerência) dos republicanos que abandonam praticamente os princípios republicanos nas horas graves ou quando, objetivamente, constataam que os tais "imortais princípios" não funcionam... Felizmente, são bem superiores à sua abjecta república os nossos infáveis republicanos.

Vai razão com Oliveira Viana ao asseverar:

*"Nestes dois volumes (Instituições Políticas Brasileiras), que versam sobre a sociologia e metodologia do direito constitucional no Brasil, procuro, com efeito, debater e esclarecer, de maneira objetiva, três temas da nossa publicística, que considero principais. Estes temas são:*

*I) Na vida política do nosso povo, há um direito público elaborado pelas elites e que se acha concretizado na Constituição.*

*II) Êste direito público, elaborado pelas elites, está em divergência com o direito público elaborado pelo povo-massa e, no conflito aberto por esta divergência, é o direito do povo-massa que tem prevalecido praticamente.*

*III) Tôda a dramaticidade da nossa história política está no esforço improficuo das elites para obrigar o povo-massa a praticar êste direito por elas elaborado, mas que o povo-massa desconhece e a que recusa obedecer".*

Em síntese aí se afirma a luta da realidade social contra a utopia

intelectualista marginal, bebida em fontes espúrias e alheias à Nação e à sua vida histórica.

A constituição mais republicana do Brasil (contra o Brasil), portanto a pior também, foi a de 1891, tabu para tantos primários constitucionalistas: esteve praticamente suspensa por estados de sítio e de guerra, ou por outras formas de escamoteação, em todo o País ou em várias partes do País, uns vinte anos durante os 41 da chamada república velha, na qual (diziam) estava "em vigor" (!). Algo se pode dizer da própria Carta imperial de 1824, com o seu Acto adicional em seguida "interpretado", em magna parte aberrante do nosso direito público vital.

Causa tremendas desordens a passagem da Monarquia para a República. A recíproca não é verdadeira.

A regência de 1831 (certa república) gerou a desordem em todo o Brasil; a Maioridade (volta à Monarquia) extinguiu-a. A República em 1889 renovou a desordem total (falta de estabilidade e equilíbrio em todos os aspectos da vida nacional, falta de ORDEM!), que perdura... A reacção estadonovista, provisória e precária como todo regimen artificial, por sinal recoberto com o manto suspeito de "república", arremedou certos predicados monárquicos. Mas podia APENAS arremedá-los e não substituí-los. Tem a vida natural uma essência impossível de ser "realizada" pela imitação.

Neste século, trouxe a República agitações e calamidades profundas e sem conta à China (1905) já agora prêsda da maior heresia dos séculos, a Portugal (1910), à Rússia (1917), levada por ela ao comunismo – têrmo lógico da demo-república, à Espanha (1931), quase sacrificada por ela ao mesmo satanismo rubro, à Itália cuja luta desde a instalação da paranoia demagógica se cifra em evitar a peste vermelha que já engoliu a China e outras nações menores, em grande parte "colonizadas" pela matriz das repúblicas que atingiram o seu fim lógico: a URSS, isto é a união das REPÚBLICAS soviéticas socialistas...

Ao contrário do deterioramento causado pela instauração de repúblicas, revela-se benéfica a de monarquias. Para não nos alongar

mos nìmiamente, consideremos o restabelecimento monárquico na Inglaterra do século 17 sob Carlos II, cujo pai os republicanos haviam assassinado; a Espanha no século passado; a Holanda que desistiu de experiências desastrosas após duas delas; a instauração monárquica na Noruega em 1906 e a restauração da Monarquia grega (embora liberal, que não realiza todo o bem do sistema) antes da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Poderíamos multiplicar os exemplos por tōda a história do Ocidente, sem desprezar os orientais, como o Micado japonês reengrandecendo o Império após as horrorosas desordens da "república" dos irriquietos xōguns.

Sōmente, porém, com os dados acima, estamos lógica e realisticamente autorizados a afirmar que a Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus princípios, ao passo que o contrário se dá com a República: melhora na medida em que se alonga dos seus.

## O MAL É DOS HOMENS

Os políticos republicanos, com um mêdo danado de que essa droga mude, costumam afirmar que o mal não é do regimen, senão dos homens. Ora bem: quem êsses homens? Não são os próprios políticos? Então, se o mal não é do regimen, é dêles políticos, dêles que governam. Se a república presta, são êles que não prestam.

E, lògicamente, que é que estão esperando, como patriotas que pretendem ser, para largar o poder que desonram ou para se suicidarem livrando beneméritamente o Brasil do mal irremediável dessa casta política vinda de 1889, dessa praga QUE SÃO OS HOMENS... POLÍTI-COS, isto é ÊLES?

Querem que os matemos, para que melhore a situação do Brasil? Não, senhores donos da República! Sois maus ou bons, como também se dava na Monarquia, QUE ERA BOA. Mas a República não presta e, por isso, não só agrava a malícia dos maus, mas também corrompe os

bons. E isto é experiência universal, negada unicamente por ignorantes interesseiros, presunçosos e inimigos do estudo e da objetiva realidade.

## PARTIDOCRACIA

Os partidos, partindo e repartindo sempre compadrescamente, continuam a ser os donos absolutos do Brasil.

Nomeações para serviços, desserviços e mamatas; protestos contra nomeações, protestos pelas não-nomeações, protestos por demissões, protestos por não-demissões. Uma desgraça! Cara e caricata a republicana maquina de pentear macacos.

E em que ficam os problemas do povo, demagogicamente invocados nas eleições?!

## DEMOCRACIA É... COMUNISMO!

Nos regimens democráticos, a segurança nacional esbarra com a fraqueza do sistema para defender a Nação e o Estado que pretende representá-la.

Esbofam-se os doutos e estudiosos na busca de meios de vencer as táticas dos estados vermelhos e suas quintas colunas. Não compreende, porém, a maioria dêsses doutos ou estudiosos que o pior na questão é o ser "paracomunista", como forma de governo, a democracia, a qual essencialmente tem no bolchevismo o desembocadouro natural, tal como a flor da laranjeira tende necessariamente a ser laranja.

A democracia não é o oposto do comunismo como pensa muita gente "doutamente" ignorante, mas a raiz dessa imensa heresia. Em termos filosóficos podemos afirmar: a democracia é o comunismo em potência.

O VERDADEIRO E REAL CONTRADITÓRIO DO COMU-

NISMO É A MONARQUIA, e especialmente a MONARQUIA ORGÂNICA que no Brasil se chama Patrianovista.

Objetivamente ajuizou o comentarista internacional ianque Walter Lippmann, no artigo *The decline of western democracy* (revista "The Atlantic" fev. 1955), depois incluído em "Public Philosophy". Leiamos-lo:

– *"É significativo, penso – certamente é pelo menos sugestivo que, ao passo que quase todos os governos ocidentais estiveram em profunda perturbação desde a primeira Guerra Mundial, as monarquias constitucionais da Escandinávia, os Países-Baixos e o Reino Unido demonstraram maior capacidade para sustentar, para preservar a ordem com liberdade, do que repúblicas da França, Alemanha, Espanha e Itália".*

Sem embargo da mistura "democrática" liberal nessas Monarquias, têm incomparavelmente maior resistência à peste materialista do que outros grandes estados como o próprio norte-americano... Ora, entre democracia e totalitarismo há apenas graus de erros e não ausência em uma e existência no outro.

E são também "democráticos" os outros tipos totalitários, chamados da direita? Não há dúvida que sim. Se simplificamos neste artigo a posição democracia versus comunismo, é por ser essa a situação vigente no mundo. Teimam os simplórios em opor o Ocidente Cristão com o rótulo "democrático" contra o Oriente marxista anti-cristão com o rótulo "anti-democrático". Ora o comunismo é a democracia amadurecida, rematada "coerentemente" na conclusão das suas premissas. Podem essas premissas sintetizar-se grosso modo nestes trechos de autor moderníssimo:

– *"A aplicação da mentira demagógica (democrática e totalitária) é adequada a sistemas políticos cujos pressupostos são, em grande parte, fictícios e artificiosos, como os seguintes: que os votos, as opiniões de todos os cidadãos a partir de determinada idade, são igualmente valiosos; que a maioria tem sempre razão e à minoria resta*

*apenas submeter-se; que o simples e saudável bom senso de cada um, se a ajuda do conhecimento e da experiência, é cabalmente suficiente para julgar e decidir as questões fundamentais da vida pública; que igualdade e liberdade são compatíveis; que a seleção democrática faz ascender ao poder os homens mais dignos e capazes, etc. Nesta esfera de pressupostos apagam-se as fronteiras que separam o erro idealista da hipótese de trabalho, da mentira contumaz utilizada sem comprovação como "cliché" ideal. Sobre este terreno movediço se ergue toda a construção ideológica da vida coletiva; não admira que precise do apoio da mentira demagógica" (Anton Böhm, Satã no mundo atual, Liv. Tavares Martins, Pôrto, 1960).*

Explica-se facilmente, com essa contribuição judiciosa, que os dois contendores do mundo moderno se apliquem "orgulhosamente" o apelido de democrático, acrescentando-se os orientais, ainda de lambujem, o qualificativo "popular", ao mesmo tempo que, para maior confusão, ajuntam outros o qualificativo "cristã" à democracia, repetida irritante e estupidamente pelo eco ignaro de asseclas primitivistas. Desta atitude é amostra malaventurosa e trágica a democracia cristã italiana, ninho de escorpiões.

Infelizmente, nestes dias a verdade simples irrita os homens tão necessitados dela. E, como são as idéias que dirigem os homens, desgraça muitíssima havemos de esperar de tamanha confusão a palpitar nas confusas mentes das gerações contemporâneas, que refugam soberbas o remédio da sabedoria.

Da Monarquia Russa atesta-nos a história apesar do estado de guerra em que estava, não adveio diretamente o comunismo. Somente o houve após a desordem republicana da presidência de Kerensky.

Não adianta, portanto, andarem os doutos a procurar meio hábil de vencer os ferozes inimigos da humanidade com a guerra ridícula de palavras democráticas. Se são sinceros, porque não estudam profunda e docilmente a questão? Verão indubitavelmente que importa haver Estado forte pela própria natureza – MONARQUIA. Imitando-o mais

ou menos (pois é "insubstituível!"), é que certos países, como a Espanha e Portugal, embora odiados por "democráticos" e comunistas, têm conseguido conter a fúria diabólica do banditismo internacional que por todos os meios vem procurando atingi-los e em cujas águas se embarcou cinicamente o subhomem Nehru conquistando, em face das "democracias" ocidentais, o Estado Português da Índia, parte tradicional e cristã da nossa Comunidade Lusíada, tão maltratada pela estultícia dos hipócritas "democráticos" desta terra e das outras...

# **SOBRE O AUTOR**

## **ARLINDO VEIGA DOS SANTOS**

*Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos nasceu em 1902 na pacata e pobre cidade de Itu no interior de São Paulo, onde recebeu uma ampla educação católica por parte de seus pais, estudando em escolas pertencentes a Igreja como o Colégio São Luís, dos padres Jesuítas e no Colégio N.S do Carmo onde concluiu seu ensino médio.*

*Desde pequeno demonstrava aberto interesse por política, história, filosofia e pelo magistério da Igreja, ingressando na faculdade de filosofia e letras da Universidade Católica de São Paulo onde concluiu seu ensino superior e dedicou-se aos estudos tomistas e desenvolveu sua apologia a Monarquia Tradicional.*

*Católico tradicional devoto, ingressou na Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia. Se destacando dos demais membros pela sua notória dedicação, tornaria-se presidente da Irmandade. **Arlindo** frequentava fielmente todas as missas, constantemente fazendo jejum e pagando penitências habituais. O es-*

*tudo e apreço pela doutrina católica, esta que sempre defendeu a monarquia tradicional como o regime certo a se seguir e defender, foram fundamental para a formação do líder da resistência monarquista que **Veiga dos Santos** viria a se tornar.*

***Veiga dos Santos** sempre demonstrou possuir uma natureza fervorosamente política, ciente da imposição do laicismo secular institucionalizado e da crise identitária imposta ao povo brasileiro pelas forças maçônicas responsáveis pela proclamação da república, o Cavaleiro Negro, como foi apelidado devido a sua ampla defesa da monarquia, descontente com as mentiras presentes na falsa historia contada desde a era liberal pelo regime de ocupação republicano, fundou na Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga em 1928, com um grupo de amigos simpatizantes e leais a causa monarquista católica, o Centro Monarquista de Cultura Política Pátria-Nova, que viria a se tornar no futuro a consagrada Ação Imperial Patrianovista Brasileira.*

# **SOBRE O IMPERADOR**

## *DOM LUIZ DE ORLEANS & BRAGANÇA*

*Legítimo herdeiro dinástico não apenas dos Imperadores Dom João I, Dom Pedro I e Dom Pedro II, como também da Casa de Bragança, o Príncipe **Dom Luiz de Orleans e Bragança**, atual Chefe da Casa Imperial do Brasil, é o guardião do legado da Família Imperial Brasileira e responsável pelo pesado encargo de representar dignamente as tradições da Monarquia em nosso País.*

*No panorama sombrio e ameaçador em que se encontra a Nação, em meio a crises e divisões como nunca as teve iguais, o Chefe da Casa Imperial, Imperador de jure do Brasil, não representa apenas as saudades de um passado monárquico remoto. Sua Alteza é também depositário de esperanças de dias melhores, que ainda estão por vir.*

*O Príncipe **Dom Luiz** é o Chefe incontestável de nossa Família Imperial e o legítimo sucessor dinástico. O Regime Monárquico no Brasil era hereditário, não eletivo, e sua sucessão era fundamentada tanto pelos princípios constitucionalistas*

*expressos na Constituição Imperial, quanto no Direito Dinástico consuetudinário e na Lei Natural. Em nenhuma dessas três fundamentações, existe o menor sinal de dúvida a respeito da legitimidade da figura de **Dom Luiz** enquanto Imperador de jure e Chefe da Casa Imperial do Brasil. **Dom Luiz** é, pois, quem representa, no Brasil, o fundamental princípio da Legitimidade Monárquica.*

*Consolidada através de tradições quase que milenares, da Restauração até o Acordo de Bruxelas, a sucessão imperial hoje encontra, após Sua Alteza Imperial e Real o Chefe da Casa Imperial do Brasil, **Dom Luiz**, a seguinte linhagem:*

*Sua Alteza Imperial e Real o Príncipe Imperial do Brasil **Dom Bertrand**, Sua Alteza Real o Príncipe **Dom Antonio**, Sua Alteza Real o Príncipe **Dom Rafael**, Sua Alteza Real a Princesa **Dona Maria Gabriela**, Sua Alteza Real a Princesa de Ligne **Dona Eleonora** e Sua Alteza o Príncipe Hereditário de Ligne, **Henri Antoine**.*





VIVA O IMPERADOR

**I**nstauração, e não restauração – vive a dizer Veiga dos Santos. E dessa forma vai apregoando, oportune et importune, como aconselhava São Paulo a verdade política brasileira desfigurada pelas nossas elites marginais.

**T**odos bem conhecem a fôrça de suas convicções, a lealdade de suas atitudes, repelindo sempre todos os compromissos a arranjos, que acabam por diminuir a verdade e fazer triunfar a mentira. Numa época em que tudo parece tão pouco propício a falar-se em monarquia, Veiga dos Santos não não se entrega.

